

**ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
ESTUDOS LITERÁRIOS- MESTRADO/DOCTORADO**

**COLONIALIDADE NA LITERATURA DE MILTON  
HATOUM**

MARIA RITA BERTO DE OLIVEIRA

Porto Velho/RO

2023

**ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
ESTUDOS LITERÁRIOS- MESTRADO/DOCTORADO**

**COLONIALIDADE NA LITERATURA DE MILTON  
HATOUM**

MARIA RITA BERTO DE OLIVEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Literatura e vida social em países de língua oficial portuguesa.

Orientadora: Vera Lúcia da Rocha Maquêa

Porto Velho/RO

2023

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

O48c OLIVEIRA, Maria Rita Berto de.  
Colonialidade na Literatura de Milton Hatoum / Maria Rita Berto de Oliveira - Tangará da Serra, 2023.  
180 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem, Câmpus de Tangara da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Vera Lúcia da Rocha Maquêa

1. Literatura Amazônica. 2. Milton Hatoum. 3. Colonialidade.  
4. Subalternização. I. Maria Rita Berto de Oliveira.  
II. Colonialidade na Literatura de Milton Hatoum: .  
CDU 82.09

MARIA RITA BERTO DE OLIVEIRA

COLONIALIDADE NA LITERATURA DE MILTON HATOUM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Literatura e vida social em países de língua oficial portuguesa.

Orientadora: Vera Lúcia da Rocha Maquêa

Aprovada em: 16 de Abril de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa - Orientadora e Presidente da Banca  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva – Examinador interno  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto – Examinador interno  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Augusto Sarmiento-Pantoja – Examinador externo  
Universidade Federal do Pará

Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Letícia Gomes - – Examinadora externa  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

---

Suplente:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marinei Almeida

Universidade do Estado de Mato Grosso

Em memória dos meus pais: Jossué  
e Alice.

## AGRADECIMENTOS

Ao iniciar esta página de agradecimentos recorri à memória com um misto de alegria pela oportunidade de agradecer e com medo de esquecer alguém, tanto que a deixei para o final da escrita. Reescrevi várias vezes no decorrer destes quatro anos. Tive de selecionar muito para não me alongar demais. E é com imenso prazer que quero agradecer a Deus por estar sempre à frente, guiando meus planos; ao Instituto Federal de Rondônia por me conceder afastamento total das minhas atividades docentes e à Universidade do Estado de Mato Grosso por acolher a minha proposta de tese.

Agradeço também à Professora Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia da Rocha Maquêa pela confiança que depositou na minha proposta de tese; pela motivação constante, pelas palavras de compreensão que foram muito importantes e necessárias. Você fez parte de um período muito importante da minha vida, mesmo não tendo encontros presenciais, por conta da pandemia de Covid-19, nossos encontros remotos me deram alento e ânimo para continuar;

Aos professores e professoras do PPGEL, principalmente à Walnice e Marinei, por terem sido, além de professoras, minhas amigas, oferecendo-me consolo nos momentos mais difíceis em que a vida se fez mais agreste que o normal. Mesmo à distância, em tempos de pandemia, eu conseguia sentir o afago dos abraços oferecidos por vocês. Obrigada por serem essas pessoas maravilhosas e atenciosas;

Ao Marcos Aparecido pelo apoio, leituras, correções e abraços presenciais e virtuais; pelas risadas soltas das piadas advindas do nosso humor nem um pouco convencional que trouxeram muita leveza para minha vida; te quero para vida toda, meu amigo;

Aos meus filhos Jonatan, Alexandre e Paulina, às minhas netas Yasmim e Sophie, ao Ricardo e à Marta, pelo incentivo e motivação; pela compreensão das minhas ausências durante a elaboração deste trabalho e durante todo meu percurso acadêmico; impossível conceber a vida sem as delícias e desafios que vocês me proporcionam. Vocês são as molas propulsoras da minha vida;

Às minhas amigas e amigos Xênia de Castro, Márcia Letícia, Iranira Geminiano, Tiago Lins, Leonardo Leocádio, Reginaldo e Graziela por me ajudarem nessa caminhada e por serem meus incentivadores incondicionais;

saibam, vocês foram e são mais que necessários em todas as minhas lutas desde sempre;

À Andressa, minha psicóloga. Gratidão eterna por ter me ajudado a passar por um dos momentos mais difíceis da minha vida. Sem você, tudo teria sido muito mais difícil, pode acreditar;

Ao Dr. Adriano Calçado por ter sido tão humano quando me salvou a vida. Você é o herói da minha saga. Merece minha gratidão e respeito eternos.

A todas as mulheres Yanomami que, ainda em 2023, sofrem com a invasão das suas terras por garimpeiros e mineradores que as estupram e vilipendiam em nome da busca desenfreada por riquezas.

## RESUMO

Esta tese está dedicada ao estudo das obras *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) do escritor brasileiro Milton Hatoum com foco principal nos aspectos ligados à colonialidade impressa nestas obras. A revisão da manutenção de estruturas e práticas sociais excludentes se faz necessária em países que, como o Brasil, passaram por processos de colonização. Os estudos coloniais procuram explicar o que foram esses processos e como eles se mantêm vivos em práticas de inferiorização, subalternização, escravização e silenciamento de grupos sociais e étnico-raciais considerados minoritários, ainda que não o sejam na prática. Dentre as temáticas suscitadas pelo *corpus* selecionado, nos ativemos aos aspectos relativos às escolhas do autor para as composições das suas personagens e narradores periféricos. Trata-se de uma produção literária carregada de subjetividades e de conflitos que marcam as vozes dos excluídos do processo de modernização, tornando seus romances, crônicas e contos extremamente densos. Assim, percebe-se, nas obras analisadas, o quanto a colonialidade se fez presente na Amazônia brasileira e ainda permanece dentro do contexto atual. Para embasar as análises, propomos os autores dos estudos literários, culturais, pós-coloniais, dos estudos subalternos e do decolonialismo tais como: Aníbal Quijano, Edward Said, Gayatri Spivak, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Alfredo Bosi, Octávio Paz, Umberto Eco, Georg Lukács, Milton Santos, Homi K. Bhabha, João de Jesus Paes Loureiro entre outros.

Palavras-chave: Literatura Amazônica. Milton Hatoum. Colonialidade. Subalternização.

## ABSTRACT

This thesis is dedicated to the study of the works *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) and *Órfãos do Eldorado* (2008) by the Amazonian writer Milton Hatoum, focusing mainly on the aspects related to colonization and coloniality printed in these works. The revision of the maintenance of excluding social structures and practices is necessary in countries that, like Brazil, have gone through colonization processes. Colonial studies seek to explain what these processes were and how they remain alive in practices of inferiorization, subalternization, enslavement, and silencing of social and ethno-racial groups considered minorities, even if they are not in practice. Among the themes raised by the selected corpus, let us focus on the aspects related to the author's choices for the compositions of his peripheral characters and narrators. It is a literary production loaded with subjectivity and conflicts that mark the voices of those excluded from the modernization process, making his novels, chronicles and short stories extremely dense. Thus, one can see, in the works analyzed, how coloniality was present in the Brazilian Amazon and remains within the current context. To support the analyses, we propose authors from literary, cultural, post-colonial, subaltern studies and decolonialism such as: Aníbal Quijano, Edward Said, Gayatri Spivak, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Alfredo Bosi, Octávio Paz, Umberto Eco, Georg Lukács, Milton Santos, Homi K. Bhabha, João de Jesus Paes Loureiro among others.

Keywords: Amazon Literature; Milton Hatoum; Coloniality. Subalternization.

## RESUMEN

Esta tesis está dedicada al estudio de las obras *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) y *Órfãos do Eldorado* (2008) del escritor amazonense Milton Hatoum, con enfoque principal en los aspectos acerca de la colonización e a la colonialidad impresas en esas obras. La revisión de la manutención de estructuras y prácticas sociales excluyentes se hace necesaria en países que, como el Brasil, pasaron por procesos de colonización. Los estudios coloniales buscan explicar lo que fueron esos procesos y como ellos se mantienen vivos en prácticas de inferiorización, subalternización, esclavización y silenciamiento de grupos sociales y étnico-raciales considerados minoritarios, aunque no lo sean en la práctica. De entre las temáticas despiertas por el *corpus* seleccionado, nos activemos a los aspectos relativos a las opciones del autor para las composiciones de sus personajes y narradores periféricos. Se trata de una producción literaria cargada de subjetividades y de conflictos que marcan las voces de los excluidos del proceso de modernización, volviendo sus novelas, crónicas y cuentos extremadamente densos. Así, se percibe, en las obras analizadas, mientras la colonialidad se hizo presente en la Amazonia brasileña y aún permanece dentro del contexto actual. Para basar los análisis, proponemos autores de los estudios literarios, culturales, pós-coloniales, de los estudios subalternos y del decolonialismo tales como: Aníbal Quijano, Edward Said, Gayatri Spivak, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Alfredo Bosi, Octávio Paz, Umberto Eco, Georg Lukács, Milton Santos, Homi K. Bhabha, João de Jesus Paes Loureiro entre otros.

Palabras-clave: Literatura Amazónica; Milton Hatoum; Colonialidad. Subalternización.

## SUMÁRIO

<b>1 O OLHAR E O TEMPO NO AMAZONAS: HATOUM E SUA LITERATURA</b>	<b>12</b>
<b>2 HATOUM E O ESPAÇO LITERÁRIO: NAS TRILHAS DA CIDADE ILHADA</b>	<b>21</b>
2.1 O DELICADO TERRITÓRIO DO ÁLTER	21
2.2 AMAZÔNIA: LÓCUS DE UMA GEO-HISTORIOGRAFIA	26
2.3 AMAZÔNIA: CENÁRIO DE CONFLITOS HISTÓRICOS	38
<b>2.4 “ESCREVER PARA RESISTIR E NÃO ESQUECER”</b>	<b>47</b>
<b>3 O PÓS-COLONIALISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS</b>	<b>54</b>
3.1 COLONIZAÇÃO E PÓS-COLONIALISMO	56
3.2 LITERATURA E CULTURA	73
3.3 A LITERATURA EM FACE DO CAPITALISMO	81
3.4 O SUJEITO COLONIAL SUBALTERNIZADO	85
<b>3.5 DESCOLONIZAÇÃO OU DECOLONIALIDADE: TEORIAS DECOLONIAIS</b>	<b>89</b>
<b>4 ELOS ENTRE OS RELATOS, OS IRMÃOS, AS CINZAS E OS ÓRFÃOS</b>	<b>99</b>
4.1 <i>RELATO DE UM CERTO ORIENTE: UM PEQUENO LÍBANO EM MANAUS</i>	99
4.2 DOIS IRMÃOS: A EFERVESCÊNCIA DE MANAUS	121
4.3 CINZAS DO NORTE: O TRABALHO DA IMAGINAÇÃO	136
4.4 ÓRFÃOS DO ELDORADO: O IMAGINÁRIO POÉTICO	145
<b>5 OS RELATOS DO NORTE SEGUNDO OS ÓRFÃOS DE UM ELDORADO</b>	<b>154</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>174</b>

## 1 O OLHAR E O TEMPO NO AMAZONAS: HATOUM E SUA LITERATURA

Meu encontro com os Estudos Pós-coloniais se deu em 2011 na disciplina Literatura e Amazônia ministrada pelo professor Miguel Nenevé no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia. Daí em diante, minha percepção do mundo e da literatura mudaram completamente. Até ali, eu via o mundo e a vida com os olhos embotados na pequena vista da minha janela. Entendi que a literatura era a janela do mundo e não mais a da minha casa que, na época, dava para o muro e tinha grades.

Entender como se deu o processo de colonização e que ele não teve fim em todos os aspectos da vida das nações que foram colonizadas foi não apenas como limpar as vidraças desta janela, mas escancará-la e por luz não só no meu entendimento, mas sobre a minha vida. Foi uma descoberta tão valiosa que ousou dizer que salvou minha vida. Nunca mais consegui assistir a filmes, a noticiários, ou ler qualquer coisa com o mesmo olhar inocente de antes. A partir daquele momento, o mundo ganhou outra configuração que foi se aprimorando aos poucos. Conheci Frantz Fanon, Edward Said, Spivak e outros teóricos que começaram a fazer parte do meu dia a dia e que trouxeram outros nomes à medida que os estudos avançavam e traziam outros elementos para minhas pesquisas.

E, desses estudos, nasceu meu entusiasmo pelos Estudos Pós-coloniais e minha dissertação de mestrado, escrita sobre o espaço romanesco na obra *Dois Irmãos* de Milton Hatoum defendida em 2013. Apaixonada pelo tema do pós-colonialismo na literatura, mas impossibilitada de sair da minha cidade para estudar, esperei quase seis anos para entrar em um programa de doutorado. Em 2018, surgiu a oportunidade de participar da seleção de doutorado do PPGEL da Universidade do Estado de Mato Grosso e em 2019 iniciei meus estudos em Tangará da Serra. Encontrei no programa e nos professores e professoras grandes mestres, amigos e amigas que levarei para a vida. Estar na UNEMAT é, antes de qualquer coisa, a realização de um sonho.

Confesso que pensei diversas vezes na possibilidade de trocar de tema, mas sem sucesso. A colonialidade já havia tomado todos os espaços e, assim, a pesquisa apresentada aqui é o fruto dos mais intensos esforços e dedicação. Nele, busco analisar as obras *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008), do escritor amazonense Milton Hatoum. Nesta análise, defendemos a tese de que o autor constrói um percurso narrativo focado nos limites do espaço-tempo, tendo a colonialidade como questão estruturante e constituinte do território amazonense. As práticas coloniais podem ser pensadas a partir de vários setores que envolvem a sociedade desde os currículos universitários, estes vêm sendo feitos pelos estudos decoloniais e pós-coloniais na América Latina, nas práticas político-sociais, nas relações de trabalho e também na literatura.

Entendemos que a obra literária de Milton Hatoum se concentra em, mais que contar a saga dos seus protagonistas e de grupos de imigrantes ou de seus descendentes, na colonização da Amazônia, suscitar também temas subjacentes aos grupos sociais excluídos e/ou marginalizados por sua origem étnico-racial. E, por tratar-se de um autor amazonense, que tem a Amazônia como o principal espaço literário da maioria dos seus romances, o tema se faz de suma importância diante da necessidade de refletirmos o modelo de colonialidade que prevaleceu nas relações cotidianas da sociedade brasileira no decorrer da sua construção.

Consideramos as obras escolhidas como a primeira fase do projeto literário do escritor. O que se nomeia aqui como primeira fase da escrita de Hatoum está baseado unicamente na percepção de que as seis primeiras obras foram produzidas tendo a Amazônia como *lócus* principal das ambientações e que as quatro possuem, não somente temas, mas, espaço e tempo ficcionais confluentes. A decisão de dividir desta forma a obra de um autor que está vivo e ainda publicando pode ser uma decisão arriscada que pode, inclusive, ser refutada a qualquer nova publicação. Contudo, por ora se faz necessário que essa divisão seja aqui colocada apenas para fins de organização interna deste estudo. Dentre as temáticas abordadas por Hatoum, encontramos várias contradições entre campo/cidade, nacional/estrangeiro, moderno/provinciano, tradição/modernidade, realidade/fantasia numa formação de duplos nem sempre simétricos, pois há preponderância de um ou de outro.

Além das quatro obras que farão parte deste estudo, Hatoum publicou ainda um livro de crônicas chamado *Um solitário à espreita* (2013) e outro de contos, intitulado *A Cidade Ilhada* (2009). Apesar de os dois últimos citados também possuírem elementos ficcionais semelhantes, não farão parte deste estudo por se tratarem de coletâneas de crônicas e contos, o que traria uma certa dificuldade em relação à análise e tornaria o nosso objeto de estudos extremamente extenso. Sendo assim, a escolha de quatro romances, apesar de ser um *corpus* extenso, se faz porque possuem entre si as características necessárias para a comprovação das hipóteses levantadas em leituras preliminares.

Além das já justificadas razões para a escolha do *corpus* deste estudo, cabe aqui colocar que Hatoum está escrevendo o último volume de uma trilogia intitulada *O lugar mais sombrio*. A trilogia não constará neste estudo por entendermos que faz parte de um outro momento da escrita do autor, fugindo assim da temática desta proposta. *O Lugar mais Sombrio 1: A noite da Espera* (2017); *O Lugar mais Sombrio 2: Pontos de Fuga* (2019); o terceiro ainda não foi lançado (até o momento de escritura deste estudo). O autor disse, numa entrevista, que a saga foi separada em três obras porque daria um volume muito denso e isso, na atualidade, é pouco recomendado pelos editores. Separou, portanto, em três obras para facilitar a comercialização, pois juntas, as três obras passam de 700 páginas. Essa trilogia foi pensada desde 1980, no entanto, só foi retomada após a publicação de *Cinzas do Norte*. Em 2007, Hatoum desengavetou o projeto e em 2017 lançou o primeiro volume. Sendo assim, o objeto de pesquisa precisava de uma delimitação lógica e essa foi a escolha de afunilamento mais lúcida encontrada para justificar a não inclusão, uma vez que o título da tese remete à obra de Milton Hatoum e não a uma parte dela.

A temática da memória é, sem dúvida, a que mais chama a atenção quando se quer analisar a narrativa hatoumiana. No entanto, outros temas como: a colonialidade, o espaço, o multiculturalismo, as relações familiares, o silenciamento, as personagens femininas, os narradores, a articulação da esperança e das ruínas também são eleitos nas mais variadas análises literárias. Todos esses temas são desafios que suscitam um sem número de teses e dissertações nos mais variados programas de pós-graduação das

universidades brasileiras. Defendemos também a hipótese de que há uma construção de temas que envolvem o pós-colonialismo e outros que perpassam pelas discussões suscitadas a partir dos estudos culturais, tendo a principal hipótese em torno da ideia de que o autor, ao pensar seus narradores e personagens, deu-lhes voz a partir do lugar da subalternidade, do silenciamento e da marginalização.

A escolha do *corpus* se deu também por ser o *lócus* memorialístico do escritor. Dessa forma, Hatoum representa a Amazônia de sua infância e juventude, juntamente com as personagens construídas a partir de sua vivência, numa proposta bem realista no sentido articulado por Ian Watt:

O método narrativo pelo qual o romance incorpora essa visão circunstancial da vida pode ser chamado seu realismo formal; formal porque aqui o termo “realismo” não se refere a nenhuma doutrina ou propósito literário específico, mas apenas a um conjunto de procedimentos narrativos que se encontram tão comumente no romance e tão raramente em outros gêneros literários que podem ser considerados típicos dessa forma. [...] a premissa, ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias. (WATT, 2010, p. 34).

Hatoum possui obras premiadas que evidenciam um escritor preocupado em representar o universo amazônico, dando voz a uma legião de expropriados indígenas e cativantes imigrantes libaneses, alemães e franceses que, ao aportarem em Manaus, trouxeram nas suas bagagens uma grande diversidade cultural que ajudou a compor o tecido social do norte do Brasil.

Dentro dessa perspectiva, o autor articula as realidades historiográficas das épocas retratadas nos romances com as histórias inventadas ou construídas pelos exploradores e viajantes em seus relatos, permeando com as ficções construídas pelo imaginário popular e exógeno, num entrelaçamento com os mitos e encantarias locais. Depreende-se, a partir dessa análise, que há um projeto literário delineado, que foi sendo formulado e que se complementa a cada nova obra. Fato é que, as obras analisadas conversam entre si e convergem todas para a “cidadeilhada” que é uma metáfora empregada para se referir a Manaus e, de certa forma, à Amazônia

brasileira.

As obras deste estudo trazem a perspectiva do romance de formação sob vários aspectos, que se inicia no interior da casa, se expande para a cidade, e logo alcança o outro lado do Atlântico, numa mistura multifacetada povoada de personagens de várias partes do globo que se encontram numa Amazônia em plena euforia do látex e das descobertas da utilidade da borracha, dos garimpos de ouro nos rios e das plantações de juta. São vidas fragmentadas num universo ficcional dos dramas familiares que se entrelaçam com os acontecimentos dos anos da ditadura<sup>1</sup> civil-militar no Brasil, em que os anseios da juventude eram minados pelo autoritarismo, pela supervalorização da violência ligada às questões políticas que o país vivia, sem abrir mão da subjetividade das personagens e dos seus narradores.

Hatoum constrói suas obras a partir de várias narrativas que têm como ponto de partida e de chegada sua terra natal, mais precisamente na sua capital, Manaus. Com personagens projetadas por narradores e narradoras que, na busca de relembrar suas memórias, entrelaçam os acontecimentos das suas vidas aos da nação brasileira dos anos que compreendem o final do século XIX e início do século XX. Outra hipótese deste estudo é que há, também, nas intenções do autor, o que parece ser uma espécie de permissão de fala ao dar vozes às personagens que não estão num lugar confortável na sociedade.

Diante da profusão de temas subjacentes pelos quais passaremos como pequenos passeios pelos “bosques”<sup>2</sup> encantados e encantadores, tais como a floresta amazônica, os estudos pós-coloniais trouxeram elucidações. Levando-se em conta a proposta central desta tese, propomos oito seções para empreendermos este passeio, cada uma com suas proposições que exporemos a seguir.

Na primeira seção, estão expostas as intenções da pesquisa, as hipóteses levantadas e o percurso que se seguiu até a sua conclusão, detalhando cada uma das seções para melhor esclarecimento da tese.

Na segunda seção, foi realizado um passeio pelas obras de Milton

---

1 O tema da ditadura civil-militar, das viagens e até alguns personagens aparecem também nos dois primeiros livros da trilogia.

2 Referência ao Seis Passeios pelo Bosque da Ficção de Umberto Eco.

Hatoum que serão analisadas, neste momento, por ordem de publicação, seguindo nas trilhas da “cidade ilhada”, metáfora que se refere à cidade de Manaus, como *locus* principal das ambientações dos seus primeiros livros e “o delicado território do álter”.

Hatoum busca fazer um retrato da sociedade manauara dos últimos anos do século XIX até um pouco mais do meio do século XX a partir do olhar atento dos seus narradores, percorrendo o mundo interior das memórias em narrativas construídas por meio de depoimentos, fotografias, cartas, gravações e memórias. Muitas memórias. Muitos cheiros, sabores, cores e sensações que remetem os narradores aos recônditos mais longínquos das almas das personagens, o que resulta em muitos momentos de criação em que a realidade e fantasia se confundem na poesia da narrativa, desvelando uma escrita de resistência intensa.

Continuando ainda na segunda seção, trataremos de descrever a Amazônia dentro da concepção do território com uma geo-historiografia voltada numa só vertente, sem distinção do local, das épocas dos acontecimentos em comunhão com a visão de mundo das populações tradicionais que eram tratadas como “homens em evolução”, como denomina Ailton Krenak<sup>3</sup>. A ideia de que, com o passar do tempo, os nativos seriam absorvidos pela população branca e se tornariam um novo povo sem distinção de marca; que um dia, todos os brasileiros seriam brancos e se perderiam na multidão, esquecendo-se de suas tradições culturais e compleições étnicas e históricas. Assim como “os parentes indesejados são apagados das fotografias familiares para serem esquecidos porque não mais ornaram o quadro da genealogia, que seria digna de ser guardada e ter preservada na memória familiar<sup>4</sup>.

Para contextualizar esse componente da escrita, faremos uma apresentação da região amazônica como cenário de conflitos históricos e enquanto território em desenvolvimento do ponto de vista capitalista, da percepção do meio ambiente apenas como celeiro para a produção industrial e sustentação do capitalismo crescente. E, na contramão dessa percepção,

---

3 Referência a uma fala de Ailton Krenak em entrevista.

4 Referência a uma fala de Ailton Krenak em entrevista.

temos a visão cosmogônica de que o meio ambiente é patrimônio imaterial da humanidade e que, portanto, precisa ser defendido e não tratado como recurso ou almoxarifado de onde retirar suas fontes de sustentação.

Faremos também um percurso pelo ato da escrita como resistência e repositório da memória. Passearemos por escritos de autores que consideram o ato de escrever como um ato de resistência necessário tanto para a sociedade quanto para o indivíduo enquanto parte desta sociedade.

Na terceira seção, faremos um percurso pelas obras escolhidas para este estudo e explicaremos a eleição das teorias, trazendo uma reflexão sobre o processo de colonização e as consequências deste, dando maior ênfase às nações colonizadas da América Latina, mais especificamente na Amazônia brasileira que é onde situamos nossa pesquisa. Sendo assim, discutiremos alguns conceitos no âmbito dos estudos culturais e das teorias pós-coloniais, englobando os conceitos de colonialismo, subalternidade e alguns outros temas correlatos necessários para a compreensão do que veio a ser a colonização dentro das relações de poder que foram travadas entre as nações colonizadas e os seus colonizadores.

Desse modo, intencionamos defender a tese de que Milton Hatoum denuncia a colonialidade que molda as relações sociais no contexto amazônico ainda na atualidade. Que, ao tratar de temas relacionados à memória, os narradores hatoumianos o fazem com plena clareza de que aquelas personagens precisam contar suas histórias e deixar claro quais as suas intenções dentro dos contextos culturais, sociais, políticos e afetivos e que precisam mais que contar, denunciar o apagamento das suas subjetividades e culturas, transformando não somente os territórios invadidos, como também as mentes vilipendiadas.

A subseção 4.5 dá continuidade ao tema, explicando o surgimento dos termos descolonização/decolonialidade para esclarecer as convergências e divergências entre os termos que, por serem muito próximos, são muitas vezes alvos de confusões e trocas na hora de utilizá-los.

A quinta seção está dedicada à análise do *corpus*. Optamos por dividir essa seção em quatro subseções, cada uma contemplando uma das obras. E o aporte teórico para a construção desta seção de análise foram todos os teóricos expostos na seção quatro. Entendemos que as obras possuem uma

complexidade e uma completude mimética conectada com a realidade e que suas narrativas podem ser lidas e analisadas sob muitos aspectos, não somente dos estudos culturais, pós-coloniais, decoloniais, sociológicos, antropológicos, filosóficos e literários, pois entendemos que a vertente escolhida suporta várias áreas de estudos.

A questão primordial foram as implicações das construções das narrativas segundo as teorias que versam sobre aspectos literários, tais como escolha dos narradores, a construção das personagens, do enredo e da ambientação na constituição geral. Essas contribuições teóricas serão abordadas ao longo das análises, sempre buscando centralizar os argumentos teóricos em consonância com elementos das obras.

Sem se pretenderem históricas, as obras analisadas neste recorte, ainda assim, trazem a tônica de evidenciar as idiosincrasias de um norte transpassado pela imigração e pela autenticidade dos povos originários. Deixando evidente que a Amazônia se circunscreve para além dos relatos dos viajantes, e que se faz forte dentro das suas características mais marcantes que é a de ser um território de articulação da esperança em meio às cinzas do relato de um espaço ficcional forjado nas dualidades.

As fraturas sociais ficam demasiado evidentes dentro do estrato social representado. Homens quase invisíveis ou que fogem dos conflitos pessoais e familiares ou ainda que são objetos de veneração. E mulheres fortes, envolventes e dominadoras que compõem um tecido social patente, reflexivo, passivo e ativo na mesma proporção. Nessa bacia Amazônica, brasileiros e estrangeiros se misturam para dar tempero às narrativas. Personagens e narradores dicotomicamente construídos a partir do seu *lócus* vivencial de origem familiar e comportamental de construção dentro do espaço-tempo vivido por si, pela nação brasileira e pela Amazônia enquanto parte desse território.

A sexta seção traz a invenção do norte relatada pelos órfãos de um eldorado e é dedicada a fazer uma interseção das análises, mostrando os entrelaçamentos que o tempo, o espaço, os enredos e os narradores possuem entre si, além das tramas e dramas pessoais que sobejam introspecção e subjetividade. E como o autor aborda as questões subjacentes à colonização e à subalternidade que o processo de modernização trouxe juntamente com as visões eurocêntricas de dominação do outro, dominação do inferior, do mais

fraco, ancorados nas teorias modernistas de que o sacrifício dos mais fracos em prol dos mais fortes é para o bem comum da humanidade. Humanidade entendida como homem branco e europeu.

Coincidentemente, os mais fracos são exatamente os que trabalham para a construção dos impérios dos mais fortes, sábios e valentes na visão colonialista que se aproveitou do processo migratório para sugar, até o esgotamento, os recursos que a Europa precisava para colocar suas empreitadas desenvolvimentistas em prática. Desde que o explorado fosse o outro, tudo ficaria bem e teria a bênção da igreja e dos reis. Escravidão, exploração, silenciamento, aculturação, estupros e massacres, tudo estava automaticamente justificado e perdoado desde que a vítima não fosse um branco.

Assim, mostramos como em *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, as questões da colonialidade e do colonialismo foram abordadas pelo autor com sutileza, poesia e a amplitude dentro das propriedades que o romance permite com total plasticidade e literalidade. Tendo a realidade transcrita em harmonia com as subjetividades humanas nos enredos harmonizados com o tempo e espaço propostos, entrelaçando a história do Brasil e da Amazônia com as das personagens numa verdadeira ode à Amazônia brasileira e ao oriente médio das origens do autor e das suas personagens.

A estrutura desta tese foi construída no decorrer dos quatro anos de duração do doutorado. Diante das sugestões da orientadora e dos avaliadores, vários aspectos foram sendo repensados e refeitos. As teorias foram sendo incorporadas à medida que as análises foram avançando. Para embasar as discussões e análises, recorreu-se a autores e autoras de muitas áreas por entendermos que os estudos se complementam na intimidade das obras onde todos os fatores são relevantes para a análise literária que toma o fator social para determinar uma constituição peculiar nas obras de Hatoum.

## 2 HATOUM E O ESPAÇO LITERÁRIO: NAS TRILHAS DA CIDADE ILHADA

A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias e “a preservação da memória coletiva por um grupo, ainda que seja pequeno, é uma verdadeira tábua de salvação para toda a comunidade”. (JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO)

Esta seção apresentará, na subseção 2.1, o autor amazonense Milton Assi Hatoum, fazendo um passeio por sua vida e obras. Todas as obras serão apresentadas, mas não haverá nenhum aprofundamento analítico, pois para isso há uma seção especial para cada uma em separado. Na subseção 2.2, far-se-á um passeio pela Amazônia como seu *lócus* enunciativo e será abordado também o contexto histórico nacional e mundial em que se dá a literatura hatoumiana, principalmente a primeira parte antes da escrita da trilogia. E, na sequência, a subseção 2.3 fará uma exposição sobre o espaço na narrativa, fazendo uma ligação entre o espaço romanesco nas obras de Milton Hatoum e as teorias do espaço literário por se entender que o espaço é uma categoria importante e presente na literatura deste autor. E, finalmente, a subseção 2.4 discorre sobre o ato da escrita e da importância da literatura na sociedade como um direito do ser humano.

### 2.1 O DELICADO TERRITÓRIO DO ÁLTER<sup>5</sup>

Milton Assi Hatoum, conhecido como Milton Hatoum, descendente de libaneses, nasceu no dia 19 de agosto de 1952 em Manaus, que cresceu tumultuada pelas mãos dos que chegaram primeiro. Viveu numa casa em que

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Dorner, o fotógrafo alemão em *Relato de Um Certo Oriente*, que denota uma preocupação com o Outro enquanto território delicado de transição e convivência. Dorner se preocupava com as questões locais, com a percepção dos nativos sobre a vida e diz não conseguir entender como alguém podia viver na Amazônia e ter medo da floresta.

a cultura libanesa estava presente desde a língua, a religião e os costumes e a mistura com a cultura brasileira esteve sempre presente. Dentro dessa região explorada, extirpada da sua natureza, de tudo, bem aí, no *lócus* principal das suas produções literárias. Foi embora ainda jovem para estudar em Brasília e São Paulo; voltou após formado para ser professor de literatura na Universidade Federal do Amazonas, e acompanhou boa parte das transformações que a cidade sofreu ao longo dos anos. Estudou arquitetura e urbanismo na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) em São Paulo, trabalhou pouco como arquiteto. Logo descobriu que não ia projetar casas, nem prédios, nem pontes, e sim romances, novelas, contos, crônicas, poemas e construir vidas, ainda que fictícias.

Projetou suas obras fazendo da sua terra natal sua personagem principal e a responsável pela construção das demais. Uma Amazônia descrita com detalhes que tem Manaus e seu entorno como *lócus*, as famílias desmanteladas ou em vias de se desmantelarem, as mulheres, personagens construídas de modo muito parecido como modelos de mulheres fortes, bem resolvidas quanto ao que querem para si e para os que gravitam em seus entornos.

Seduzido pelas letras, Milton Hatoum galgou espaços no cenário literário internacional trilhados por poucos amazonenses. Ao descobrir que sua vocação era escrever, deixou a segurança de uma carreira como professor universitário de literatura e de língua francesa do quadro de professores da Universidade Federal do Amazonas e um doutorado em andamento para se aventurar no instável mundo das publicações literárias; ganhou premiações nacionais e internacionais com suas obras. As premiações foram detalhadas na seção destinada às análises das publicações.

História e ficção se misturam numa linguagem literária nas obras do amazonense onde a Amazônia foi tomada como *leitmotiv*. As nuances pós-coloniais podem ser percebidas na criação das personagens e no modo nada exótico com que o autor trata essa historiografia. A Amazônia encantada e encantadora dos cronistas não é nem um pouco glamourizada, aliás, muito pelo contrário, a realidade da região, dos povos indígenas e dos imigrantes é tratada com muita sensibilidade e realismo, sem camuflagem ou perfumaria.

Os sofrimentos, as mágoas, a felicidade, os amores, as obstinações, os fanatismos, absolutamente tudo, é tratado com a mesma sutileza e acuidade pelos narradores, que nos propõem uma verdadeira viagem pela região amazônica do final do século XIX até meados do XX. Expondo a história da ditadura civil-militar no Brasil, com a perseguição dos intelectuais e a abertura dos primeiros colégios militares; a dizimação de etnias inteiras de indígenas e as mazelas sofridas pelas populações negras e os imigrantes nordestinos; a situação dos imigrantes libaneses e europeus na Amazônia; o início das plantações de juta na Vila Amazônia e a formação das colônias japonesas próximo de Parintins e redondezas; a *Belle Époque* que viveu o Amazonas nos dois ciclos da borracha e a decadência que veio após o surgimento da borracha asiática no cenário mundial. Pesquisadores descobriam, a cada dia, um mundo de possibilidades de uso da seiva da seringueira e essas descobertas movimentavam a economia mundial. E, dentro deste contexto, era necessário produzir cada vez mais látex. Não obstante, a seriedade dos temas abordados não foi impedimento para que Hatoum utilizasse uma escrita literária precisa, madura, patente e sensível.

Em suas obras, Hatoum cria um diálogo colonial muito interessante, pois traz a tônica do multiculturalismo entranhada na tipificação das personagens nativas na interação com as estrangeiras na fricção dos conflitos interétnicos e inter-raciais. Para Tenório Teles e Antônio Paulo Graça (2021, p. 575), “os versos de Borges evocam o elemento que fundamenta e enforma a obra ficcional de Milton Hatoum”: a memória e seu corolário de formas, lembranças e sentidos – que o poeta argentino denomina “quimérico museu de formas inconstantes”.

Deveria ser a essa “tortura da vida” a que se referia Arminto quando falava sobre Estiliano, o advogado-poeta de *Órfãos do Eldorado*. A história e a memória nos escritos de Hatoum são tratadas com muita paixão e poesia, como no poema de Borges da epígrafe, e deve ser exatamente “Essas misérias são os bens que o precipitado tempo nos deixa”.

A profusão de teses e dissertações produzidas sobre a obra hatoumiana provam que seus escritos suscitam interesses das mais variadas áreas de estudos. Encontram-se pesquisas das áreas de ciências humanas e exatas

como arquitetura, engenharia, estudos literários, letras, ciências sociais, entre tantas outras.

Segundo Cecília Paiva Ximenes Rodrigues (2018), o tema da ruína e da fragmentação pessoal é, sem dúvida, um dos mais estudados na prosa hatoumiana. Há, contudo, toda sorte de estudos sobre as obras de Hatoum, principalmente as primeiras. Sobre as quatro primeiras obras, Norival Bottos Júnior (2018) escreveu a tese: *O Ritornelo do Horror em Milton Hatoum* cujo objetivo principal foi analisar de que maneira a impressão do horror se torna indissociável das mazelas do mundo amazônico contemporâneo. Numa vertente bem ampla, englobando várias teorias, Sérgio Francisco Loss Franzin (2012) sobre *Órfãos do Eldorado*, buscou demonstrar como os matizes do discurso apresentam a Amazônia nas dimensões histórica, geográfica, sociológica, linguística e pluricultural. Mônica Maria dos Santos (2013) escreve sobre a construção da memória feminina em *Relato de um Certo Oriente* e faz uma análise da obra pela perspectiva de gênero e de memória coletiva para compreender a forma como o autor constrói a memória feminina ao longo do romance, explorando a descrição dos espaços e objetos que ligam o presente ao passado. Fátima do Nascimento Varela (2012) trata de questões da memória política e do mito na construção ideológica do espaço em *Órfãos do Eldorado*. Vera Lúcia da Rocha Maquêa (2011) realiza um estudo comparado entre *Relato de um certo Oriente* de Milton Hatoum e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada Terra* do escritor moçambicano Mia Couto no qual verifica as estratégias de construção da memória e, para tanto, discute conceitos de hibridismo, mestiçagem, transculturação, criouliização e ambivalência. Maquêa focaliza, principalmente, a importância da memória e suas articulações dentro das obras para a consolidação do comparatismo da solidariedade, proposto por Benjamin Abdala.

Os estudos de Rodrigues (2018) nos levam para *Além da ruína: articulações da Esperança na Narrativa de Milton Hatoum*, em que se busca tirar o protagonismo das ruínas e colocar em seu lugar as articulações da esperança. Para Rodrigues, essa perspectiva de fratura pós-moderna limita o alcance literário e a contribuição da obra de Hatoum ao eliminar um aspecto fundamental para o entendimento da sua ficção: uma esperança implícita

presente na trajetória de seus personagens e inserida por meio da sua construção identitária.

Sobre *Dois Irmãos*, Lira (2022) faz um apanhado das categorias de trabalhos e modos de produção literária romanesca de Milton Hatoum: quantos e como são retratados os trabalhadores e os tipos de trabalhos dentro da obra, dando especial ênfase ao trabalho escravo ou análogo ao de escravo a que eram submetidos os povos nativos na Amazônia.

Poder-se-ia preencher muitas páginas sobre dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre os mais variados temas de pesquisa que se tem desenvolvido no Brasil sobre a literatura hatoumiana dentro dos programas de pós-graduação. A importância da obra de Hatoum para os mais diversos campos de estudos fica clara nessas pesquisas.

Para escrever suas seis primeiras obras, Milton Hatoum escolheu o norte do Brasil, tendo a Amazônia como núcleo central e passagens por Barcelona, Líbano, Alemanha, São Paulo e Rio de Janeiro. Optou por um tempo específico entre o final do século XIX até um pouco mais do meio do século XX. Entre suas personagens principais estão os povos originários e os imigrantes europeus de vários países, principalmente do Líbano e Portugal. Dentre os acontecimentos históricos marcantes estão as duas guerras mundiais que, apesar de terem acontecido na Europa, tiveram seus efeitos propagados por todo o globo; o golpe militar no Brasil no ano de 1964, quando os militares tomaram o poder político do país; a promulgação da Lei da Zona Franca, que transformava a Amazônia em uma zona de livre comércio, com incentivos fiscais para empresas que se estabelecessem no território da Amazônia Legal; os vários ciclos da borracha e do ouro que trouxeram imigrantes de dentro e de fora do Brasil em busca de fortuna; e, como não poderia deixar de mencionar, a desventura que acompanhou todos os fins de períodos de prosperidade; a dedo, escolheu os contadores das narrativas dentre as personagens numa profusão de temas que enriqueceram os enredos. Para Castrillon-Mendes e Maquêa,

Milton Hatoum inscreve-se nessa dimensão multidimensional do objeto artístico, em que o conceito de Amazônia transita como um signo nômade entre vários sentidos que atravessam o imaginário sobre a região. Estabelecendo fugas de acentos regionalistas e historiográficos, o autor estabelece a memória como campo cambiante de criação e de invenção de uma Amazônia literária.

Manaus é uma cidade flutuante e misturada; seu porto um repouso precário de identidades em movimento. (CASTRILLON-MENDES; MAQUÊA, 2021, p. 179).

Dentro desse aspecto, as personagens e as narrativas propostas por Hatoum descrevem uma Amazônia submetida, expropriada, explorada por um lado, porém, exuberante, magnífica e muito real por outro. As famílias de imigrantes que vieram para o Brasil, trouxeram não apenas a vontade de ganhar dinheiro e a coragem, mas também a convicção de que as gentes dessas terras deveriam ser civilizadas assim como o território deveria ser tomado e dominado. Todas as obras analisadas aqui trazem imigrantes europeus e as famílias nucleares em torno das quais as narrativas se desenrolam, são descendentes de portugueses e libaneses. No entorno dessas famílias, gravitam os habitantes da terra que são os motoristas, as empregadas domésticas, os peixeiros, os carregadores de mercadorias nos portos, entre outros.

Sendo assim, as famílias de Zana e Hakim, de *Dois Irmãos* e Emilie e seu marido, de *Relato*, que são comerciantes seguindo a tradição dos seus antepassados que eram regatões nos rios amazônicos. Os imigrantes libaneses são excelentes cozinheiros e muitos são donos de restaurantes nas localidades em que se fixaram. Os pais de Zana e Emilie eram donos de restaurantes. Os maridos das duas também eram comerciantes e passaram essa tradição para suas filhas Samara Délia e Rânia, que assumem os negócios da família em *Relato* e *Dois Irmãos*, respectivamente.

Nesta seção não iremos detalhar todas as obras porque, na seção seis elas serão analisadas de maneira linear e sistemática. Então, somente constará o nome da obra e o ano de sua publicação. Estreou com *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008), *A Cidade Ilhada* (2009), *Um Solitário à Espreita* (2013), e a trilogia *Um lugar mais sombrio 1: A noite da Espera* (2017), *Um lugar mais sombrio 2: Ponto de Fuga* (2019), *Um lugar mais sombrio 3:* (ainda não foi publicada).

## 2.2 AMAZÔNIA: LÓCUS DE UMA GEO-HISTORIOGRAFIA

A percepção de que as terras amazônicas representavam um vazio demográfico foi primeiramente disseminada pelos primeiros invasores ainda no século XVI, e o espaço foi sendo palco de diversas colonizações internas ao longo da história, de tempos em tempos. Para Boaventura de Sousa Santos<sup>6</sup>, pelo fato de as independências terem sido provocadas pelos filhos dos colonos e não pelos nativos, houve uma independência pela metade, pois os nativos nunca foram de verdade descolonizados. Historicamente, o território amazonense foi palco de vários ciclos desenvolvimentistas, com os diversos governos fazendo vistas grossas para os verdadeiros etnocídios que foram ocorrendo ao longo do povoamento da região. À medida que o invasor subia para o norte no mapa, as populações indígenas iam adentrando cada vez mais, transpassando as fronteiras até mesmo do país em busca da sobrevivência que a floresta, por sua densidade, ajudava a preservar.

Enquanto a Europa vivia o auge da modernidade com suas economias crescentes advindas dos frutos obtidos pelos exploradores a serviço das coroas, o resto do mundo era saqueado e vivia seus piores pesadelos. Nem Marx ou mesmo Durkheim imaginaram tanta turbulência na era moderna. O que Anthony Giddens (1991) nomeia de “O lado mais sombrio da modernidade” é o que a Europa chama de desenvolvimento. Marx achava que as lutas de classes iriam ser necessárias apenas até que delas emergisse um sistema social humanizado. E Durkheim vislumbrava uma sociedade igualitária e harmoniosa através da divisão social do trabalho. No entanto, o que prevalece mesmo, segundo Giddens, é o pessimismo de Max Weber, uma sociedade de seres humanos trabalhando em condições degradantes com cargas horárias de trabalho desumanas. Max Weber foi tido como pessimista ao vislumbrar o mundo moderno como um paradoxo entre a produção de ricos e de riquezas, onde a produção de ricos se faz com um progresso material obtido apenas à custa de manter outros seres humanos em condições de precarização.

A modernidade, como qualquer um que vive no final do século XX pode ver, é um fenômeno de dois gumes. O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema

---

6 Entrevista Youtube.

pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual. (GIDDENS, 1991. p. 17).

O lado sombrio da modernidade, para Giddens, se realiza pela degradação do ser humano e do meio ambiente por consequência. Nenhuma das discussões de Marx, de Durkheim ou Max Weber sobre a era moderna levantou a questão do utilitarismo que se daria aos recursos naturais e muito menos dos seres humanos pelo capitalismo. Também, nenhuma das discussões desses sociólogos levaram em conta a segurança da situação climática do planeta, logicamente porque no final do século XIX e início do XX esta não era uma questão preocupante. Assim, dentro da lógica da modernidade, a colonização “come” (para usar um termo de Ailton Krenak) tudo o que lhe passa pela frente, transformando florestas, solo e rios em mercadoria.

Assim, o mundo voltou seus olhos para o oeste, para a Amazônia, para o Eldorado. Milhares de imigrantes em busca de prosperidade chegaram ao Brasil e aportaram em todo o território desde o Sul até o extremo Norte formando “um pequeno Líbano em Manaus, cheio de Manauárabes”<sup>7</sup>. Essa fala de Milton Hatoum faz todo sentido quando a narradora adentra, ao retornar a Manaus, a casa de sua mãe e inicia a descrevê-la. Os elementos estrangeiros estão por toda parte: nas paredes, nos móveis, na decoração. Toda a configuração da casa, além de representar uma época, representa também a origem estrangeira da dona. Ao longo das suas obras, o amazonense descreve os ambientes com grande riqueza de detalhes.

Antes de entrar na copa, decidi dar uma olhada nos aposentos do andar térreo. Duas salas contíguas se isolavam do resto da casa. Além de sombrias, estavam entulhadas de móveis e poltronas, decoradas com tapetes de Kashmer e de Isfahan, elefantes indianos que emitiam o brilho da porcelana polida, e baús orientais com relevos de dragão nas cinco faces. [...] A fachada de janelões de vidro estava vedada por cortinas de veludo vermelho (HATOUM, 1989. p. 10).

A obra hatoumiana tem, na percepção do espaço, sua característica mais acentuada, ainda que possua uma constituição bastante complexa. Manaus é sempre o epicentro. Por mais que as personagens transitem por

---

7 Expressão utilizada por Milton Hatoum numa entrevista.

outros lugares, o Porto do Negro<sup>8</sup> está sempre lá. Nas quatro obras deste estudo, a Amazônia é sempre apreendida como um lugar de acolhimento e de enfrentamentos desafiadores que simbolizam a diversidade, o hibridismo e o encontro. Em *Relato de um Certo Oriente e Dois Irmãos*, as casas das famílias são os lugares onde quase tudo acontece. As memórias se iniciam no interior das casas, se estendem para os espaços externos começando pelos quintais e se estendendo deles para as ruas, para a cidade, para os arredores, até chegarem ao outro lado do Atlântico.

Antes de sair para reencontrar Emilie, imaginei como estarias em Barcelona, entre a Sagrada Família e o Mediterrâneo, talvez sentado em algum banco da praça do Diamante, quem sabe se também pensando em mim, na minha passagem pelo espaço da nossa infância: cidade imaginária, fundada numa manhã de 1954... (HATOUM, 1989. p. 12).

Contudo, mesmo sendo esse espaço tão manifestado, há um espaço de introspecção que as personagens acessam em seus recônditos mais íntimos. *Relato*, por exemplo, é um romance no qual cada capítulo possui um narrador conectando-se à narrativa, complementando a história. A mesma estratégia é utilizada por Nael em *Dois Irmãos* quando este fica por ali, ouvindo, perscrutando, processando as falas que são guardadas durante toda a sua vida, formulando suas teorias. “Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio.” (HATOUM, 2006. p. 67); em *Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado*, os espaços mais importantes são a cidade de Manaus, o rio, a Vila Bela (ilha próxima a Parintins) que fica localizada descendo o rio Amazonas; o Rio de Janeiro que é o lugar para onde Alícia, personagem de *Cinzas*, vai passar férias com Mundo e elege como o lugar para onde vai embora quando Jano, seu marido, morre. Ou seja, são lugares de refúgio, que inspiram uma sensação de liberdade no trânsito das personagens que, menos apegadas a Manaus, se deslocam com certo desapego.

Outros espaços importantes citados são as lojas das famílias tanto de *Relato* quanto de *Dois Irmãos*. São espaços de muitas memórias, onde o hibridismo e a multiculturalidade são patentes. A Parisiense, loja da família de

---

8 O Porto do Rio Negro é referido assim pelo narrador.

Emilie, é sua primeira morada antes da compra da casa em que passou toda a sua vida, criou seus filhos e morreu. Em *Dois Irmãos*, algo semelhante acontece em relação à loja e a casa de Zana que também são, cada uma em um momento diferente, locais de refúgio para Samara Délia e Rânia.

Assim, os espaços ficcionais de Hatoum desvelam um escritor atento às questões inerentes às vivências, dos mitos, da linguagem, das tradições culturais e religiosas de uma gente que guarda os resquícios da colonização nos seus costumes profanados, nos seus mitos transfigurados, nas suas línguas extintas junto com seus falantes, nas suas crenças transformadas, nos seus cultos vilipendiados. Os narradores do amazonense captam, com riqueza de detalhes, a floresta, o rio, as cidades e traduzem isso com palavras certeiras.

Dessa forma, quando Nael descreve seu passeio por Manaus, os sentidos vão sendo ativados. A relação que o filho de Domingas estabelece com o espaço geográfico envolve todas as suas percepções. Andar pelo mercado de peixes lhe traz a sensação de pertencimento dentro de uma vivência social que lhe transporta para os recônditos mais sublimes da sua alma. Ele podia não pertencer de fato àquela família mas, com certeza, pertencia àquela cidade.

Percebe-se, nos escritos hatoumianos, que os espaços são detalhadamente descritos com uma clara intenção de transportar para a literatura os lugares das narrativas. Isso fica muito claro pelas minuciosas descrições das casas; sobre os detalhes dos quintais cheios de animais vivos ou esculpidos em cimento ou pedra, muitas espécies de plantas; e em todas elas há uma fonte que jorra água como se quisesse, com essa projeção ficcional, expressar a abundância desses elementos tão presentes na natureza circundante. O leitor é transportado para dentro daquelas habitações pelos cheiros, pelas sensações e até pelo asco das moscas e formigas que iam comer as sobras das festas. Ainda que sejam obras diferentes, as quatro narrativas possuem elementos muito semelhantes quando se trata dos ambientes. Para Djalma Batista (2006, p. 11), “falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos – fisiográfico, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito, pelo menos o indefinido.”

A obra de Hatoum é permeada pelos anseios e angústias que acompanham a produção literária de um autor que sabe qual é o papel do escritor numa sociedade cingida pela colonização. Ele consegue levar seu leitor para dentro da floresta, para um conhecimento do lugar de inscrição da sua escrita que é potente por natureza, pois conhece a colonialidade a partir de dentro. Portanto, o colonialismo é um tema que permeia toda a obra do amazonense. E, toda vez que essa escrita se referir a toda a obra de Milton Hatoum, será na delimitação feita na descrição do objeto analisado aqui.

São obras nas quais pode-se perceber o preenchimento do espaço com a mobilidade necessária à criação das personagens e dos enredos, tanto que o seu leitor consegue, em qualquer parte do planeta, ter acesso a uma Amazônia desexotizada e desmistificada que vai de encontro às descrições estereotipadas e idealizadas dos cronistas. O que parece ser conflituoso dentro dessas obras não é nada mais que seu espaço/tempo ficcional que perpassa toda a sua obra. Espaço, tempo, enredo e personagens se complementam, tornando seu projeto um todo coeso. Essa primeira parte do projeto literário de Hatoum iniciou-se com *Relato de um Certo Oriente* e continuou até *Órfãos do Eldorado* com narrativas que têm a Amazônia como espaço de criação, ainda que tenha adotado o mundo como sua pátria. “E para todos nós, nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo<sup>9</sup> [...]”.

A ficção hatoumiana aponta para um movimento de passagem do tempo que faz da Amazônia um espaço patente, onde o crescimento se entrelaça aos destinos da terra e das suas personagens. A construção baseada na memória, que pode desenhar um mundo na sua condição de potência acabada, como detentora do conhecimento dos destinos e das histórias de todos os envolvidos, configurando não somente um espaço, mas um tempo histórico que se inicia nos anos finais do século XIX com a chegada dos imigrantes europeus, com a promessa de prosperidade econômica.

Para Maurice Blanchot (2011), o espaço literário aparece como uma dimensão profunda do imaginário, da realidade do mundo exterior. O escritor é

---

9 <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm> (acessada em 13/01/2023).

o intérprete daquilo que viu e ouviu. Que processa e vincula sua escrita ao seu conhecimento estéril e prolixo, que parece vinculado a uma fala que se refaz e que guarda a impotência do recomeço.

O escritor possui a técnica de processar a fala, de tê-la dominada dentro dos limites da linguagem onde escrever é semelhante ao processo de laquear a madeira, algo que exige uma demão após outra de tinta para a transformação da superfície bruta em uma outra completamente lapidada pela aplicação e cura no tempo certo da exigência da criação.

Não há, por parte do autor, uma preocupação com os ditames do tempo presente da modernidade acelerada que exige produtividade máxima. Aliás, Hatoum trabalha mesmo na contramão da pressa pois, para ele, a memória, sua matéria-prima principal, precisa de tempo e distanciamento para ser processada. Escreve a lápis em cadernos que depois são digitados, numa escritura lenta. Para se ter uma ideia, entre *Relato* (1989), seu primeiro romance, e *Dois Irmãos*, há um intervalo de 11 anos.

Para Hatoum, a “memória precisa do distanciamento” para ficar mais clara. E assim, os acontecimentos históricos do Brasil e da Amazônia, por sua vez, foram sendo inseridos nas construções das suas narrativas ao longo do passo do tempo tornando a historiografia de um espaço, desvelando conflitos familiares, questões culturais e sociais entremeadas pelos desafios da imigração, do desterro, do entrelugar que afeta o imigrante, o pertencimento, os conflitos religiosos pertinentes às personagens.

Outro elemento caro à obra do autor é o espaço literário e não tem como não perceber a verossimilhança nas suas descrições espaciais, pelo menos não para alguém que conhece a Amazônia. Há, claro, possibilidades de análises outras de aspectos isolados das obras e aqui não vamos nos ater a esses. Contudo, uma análise mais aprofundada requer colocar o espaço geográfico e a história dentro do espaço literário, uma vez que a Amazônia que Hatoum descreve existe e faz parte do seu projeto literário. Para Cláudia Barbieri,

definir conceitualmente espaço, por si só, já é uma tarefa árdua. A amplitude e a abstração do tema conduzem inevitavelmente a uma diversidade de direções e possibilidades interpretativas, pois ele está relacionado às ciências sociais, físicas e naturais, e cada uma delas o apresenta sob um determinado aspecto. Assim, multiplicam-se as suas designações e atribuições, podendo-se falar em: espaço físico,

geográfico, social, histórico, simbólico, literário, urbano, psicológico, dentre outros. (BARBIERI, 2009, p. 106-107).

E, há, como no caso do amazonense, uma mescla desses espaços no interior das narrativas, que iniciam no interior das casas, vão se expandindo para a cidade, transpassam as fronteiras dos rios, cruzam o Atlântico, passeiam pela Europa e retornam como um bumerangue à casa onde tudo começou. Os passeios se dão pelas memórias dos narradores e pelas viagens das personagens. Exemplo que pode ajudar a esclarecer essa proposição é a saída de Yaqub de Manaus, da casa dos pais para viver por cinco anos como um pastor no Líbano, viagem que só poderia ser realizada em navio na época.

Observa-se que o estudo do espaço enquanto categoria essencial da estrutura narrativa e, conseqüentemente, o entendimento dos processos criativos envolvidos em sua composição, apenas recentemente começaram a receber atenção por parte dos estudiosos das Letras. Muitas podem ser as razões que mantiveram os estudos acerca do espaço aquém das outras categorias quando comparado, lado a lado, ao grande número de trabalhos dedicados ao tempo, aos tipos de narrador e personagens, e mesmo aos estudos sobre os gêneros e entendimento da própria estrutura narrativa. (BARBIERI, 2009, p. 106)

O narrador, ao construir sua referência espacial, tem como ponto de partida o espaço real. Ainda que o espaço seja fantástico, como Macondo, a cidade fictícia de *Cem anos de Solidão*, o lugar toma elementos do mundo real para ser composto sob pena de perder a verossimilhança necessária para que os demais elementos narrativos façam sentido. Se não, como acreditar que na casa de Zana havia uma fonte no meio do quintal onde os tracajás nadavam se isso fosse algo impossível de ser construído.

Não só espaço e tempo, quando nos debruçamos sobre a narrativa, são indissociáveis. A narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros. Pode-se apesar de tudo, isolar artificialmente um dos seus aspectos e estudá-lo – não, compreende-se, como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles: neste sentido, é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do seu espaço ou do seu tempo, ou, de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí, ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual a sua importância e como os introduz o narrador (LINS, 1976, p. 63-64 apud BARBIERI, 2009, p. 106).

Sendo assim, a análise proposta neste estudo levará também em conta todos os espaços, pois consideramos que são eles que determinam vários outros aspectos das obras. Desde os conflitos familiares que se misturam a conflitos raciais e trazem à tona questões como: hibridismo, multiculturalismo,

transculturação, silenciamento e entrelugar, até questões mais intrincadas como a relação das mulheres indígenas que “trabalham” nas casas das famílias e suas relações, perpassando por temas ainda mais delicados como o estupro de Domingas e a paternidade nunca mencionada de Nael e por serem estes temas inerentes aos estudos pós-coloniais e aos estudos culturais.

Essas relações no interior da obra são marcadas pelos espaços ocupados por cada personagem. Paul Claval (1999) afirma que as relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver. O espaço de vivência é o primeiro lugar ao qual o ser humano se conecta afetivamente criando memórias de imagens, odores, sons e demais sensações que os sentidos captam e armazenam. Oziris Borges Filho (2009) faz uma relação entre os cinco sentidos e as percepções dos espaços literários a partir destes. Logicamente, a percepção do espaço a que se refere no seu artigo é a percepção humana, esclarecendo que os seres vivos não humanos percebem seus espaços com maior ou menor grau em cada um dos sentidos conforme o grau de desenvolvimento. Contudo, em se tratando do espaço dentro da literatura, as percepções que devem ser levadas em conta são as dos humanos.

Apesar de os espaços a que estamos expostos durante nossa existência serem extremamente variados, ainda mais variada que eles, é a percepção que cada um tem do espaço em que se localiza. Cada ser percebe diferentemente o mesmo espaço. Dois seres colocados ao mesmo tempo no mesmo espaço terão opiniões diversas sobre ele. E isso, que vale para as pessoas, vale igualmente e com mais razão para os grupos sociais. Essas variações se devem tanto à formação cultural de cada um que, ao longo dos anos, foi recebendo padrões de interpretação específicos, quanto à própria constituição física, genética de cada ser particular (BORGES FILHO, 2009. p. 170).

Na literatura, os espaços ficcionais assumem características muito importantes para a composição das personagens e para o desenrolar do enredo. Cada espaço literário é responsável por definir o eixo afetivo, de maneira que, sendo um espaço definido e também o tempo da narrativa, a inserção de outros elementos pode ser limitada ou expandida. Assim, pode-se perceber o tempo como outro elemento também de suma importância para complementação da obra.

Dentre as instâncias narrativas de Milton Hatoum, podemos destacar o espaço como um importante elemento de composição das transformações que

motivam as personagens numa tensão do cá (Amazônia) e do lá (lugares de idas e vindas). Sendo assim, o espaço se torna um dos aspectos mais relevantes no âmbito das análises propostas sobre a colonialidade que está arraigada nas relações entre as personagens, os lugares que essas habitam e transitam. Não se pode negar que haja uma relação de topofilia entre Milton Hatoum e a Amazônia, em que o espaço ocupa lugar de destaque nas suas primeiras obras. No entanto, mesmo em pequenos vestígios, a Amazônia se faz presente nos volumes da trilogia como um espaço de trânsito onde o “pequeno Líbano existente em Manaus” se manifesta.

O espaço é uma estratégia para o situar das personagens dentro do enredo e não simplesmente um pano de fundo para se contar uma história. Antes de nascer uma história, nasce um espaço literário como parte da estrutura real da narrativa. É dentro da perspectiva espacial que as personagens nascem, vivem, circulam e se transformam. A tessitura do enredo e das personagens passa antes pela criação do espaço como um dos elementos fundantes ligado à trama e à subjetividade. Não há que se pensar em quem foi criado primeiro porque a tríade espaço-tempo-narrador perpassa pela criação imaginária do escritor no momento de começar a obra.

Haveria a possibilidade de que a personagem K. de *O Castelo* de Kafka existisse em outro espaço-tempo de outra narrativa criada em outras condições de clima-tempo? Seria possível que aquela narrativa se projetasse em um lugar sem gelo, sem a nevasca, sem a montanha onde se situava o castelo? Claro que sim. Uma personagem pode ter as mesmas características mesmo em outro espaço-tempo, no entanto, seria outra narrativa e não *O Castelo*. Assim, podemos ter inúmeros exemplos de personagens da literatura mundial e a resposta seria sempre a mesma. Entendemos, no entanto, que, cada elemento do texto literário é primordial para a desenvoltura, nenhum elemento prevalecendo sobre o outro, uma vez que todos competem para a harmonia do conjunto.

E, nas obras de Hatoum, o elemento “espaço” faz parte da construção eleita pelo escritor porque sua vivência naquele espaço-tempo lhe dá autoridade para fazê-lo sem nenhuma reserva. Um manauara que escreve enredos idealizados em Manaus está deveras autorizado, não somente pela escrita em si, mas pelo olhar que lançou sobre este espaço. Sua vivência fora

do Amazonas também corroborou com os olhares dos estrangeiros, dos colonizadores. E o autor pode traduzir esses olhares forâneos nas palavras, por exemplo de Dorner, o alemão. Para Castrillon-Mendes e Maquêa,

A Amazônia de Milton Hatoum, também inventada, agrega uma visão urbana, plural, transnacional, como um lugar de diásporas e exílios, condição humana do tempo presente, em que todos buscam voltar para casa de algum modo. Mas a casa de Milton Hatoum, sua Amazônia inventada, habitada por pessoas de todas as partes do mundo só pode guardar tensões e conflitos que revelam a difícil descoberta de nossa pertença. (CASTRILLON-MENDES; MAQUÊA, 2021, p. 187).

Não é à toa que uma profusão de estrangeiros está em todas as narrativas hatoumianas, são personagens de todas as partes do globo se encontrando na cidade ilhada todas ávidas por contar suas trajetórias. Tem-se como exemplo, o tio do marido de Emilie (que foi o primeiro da sua família a vir para o ocidente), que instigou a curiosidade do sobrinho, que veio buscar aventura e fortuna e acabou ficando para sempre; o português, pai de Trajano que veio para o Brasil para fazer fortuna; o próprio Halim, marido de Zana, que veio do Líbano para regatear nos rios amazônicos; a própria Emilie que veio com os pais, casou-se e também ficou para sempre. Todas essas personagens trouxeram seus olhares de outras partes do mundo. Todas tinham suas opiniões sobre o espaço novo em que habitavam e todas expuseram suas culturas, seja nos modos de viver, de falar ou de conviver entre si e entre os nativos.

Esses olhares foram conduzidos pelos narradores que regeram os enredos, que deram voz às personagens diretamente ou apenas traduzindo as falas destas em discurso indireto, dando maior ou menor visibilidade às falas. Nomeando as personagens ou não, como no caso de *Relato*, por exemplo, em que a narradora principal não é nomeada, nem os ferozes filhos e o marido de Emilie.

Certamente, a decisão de deixar de nomear essas personagens não pode ter sido por acaso. A narradora sem nome, alguém que conta uma história que é sua, mas, muito mais, é de outros, ou dos Outros. Dela mesma, pouco se fala, pouco se sabe. Ela não estava ali, de volta, para ver sua mãe. Seu foco principal não era um encontro com seu passado interior, era antes, com o passado dos arredores. O irmão a incumbiu de anotar tudo, de dissecar todos os dados da visita, da morte de Emilie, do passado da família, da morte

de Soraya Ângela. A conversa entre os dois girou em torno de um passado de outrem.

Ou mesmo do marido de Emilie, que não tem outra forma de ser referido a não ser como pai, avô, amigo, vizinho ou outra denominação que remeta à outra pessoa do discurso. Para Dorner, o marido de Emilie era aquele que contava histórias a ponto de ser comparado à Sherazade, narradora das mil e uma noites, ou aquele pai cansado, que abriu mão das discussões com a esposa e com os filhos ferozes para ter a paz do silêncio na loja da família. E os ferozes filhos de Emilie, que também só eram conhecidos por suas atitudes raivosas, primeiro com Anastácia Socorro e depois com a irmã a quem desprezaram desde a adolescência quando esta engravidou. Desprezavam também a sobrinha que nasceu muda desde o ventre da mãe até a sua morte prematura.

Ou ainda o caso das personagens de *Cinzas*, cujos nomes remetem à mitologia romana: *Janus* ou *Ianus* é representado por uma cabeça com duas faces viradas para direções opostas que representam a dualidade entre passado e futuro, a mudança e a continuidade, o início e o fim, o passado e o futuro, ou seja, o dualismo existente em todas as coisas; e Raimundo (Mundo), que significa a totalidade ou pureza de tudo; ou ainda Ranulfo, o tio Ran de Lavo, o narrador.

Nenhuma das decisões dos narradores no momento de compor a narrativa foram tomadas sem um propósito. Essas personagens possuem a missão de serem porta-vozes, direta ou indiretamente, como dito antes, dos olhares que o escritor quis imprimir sobre o espaço-tempo das narrativas. Como a câmera de Dorner que perambula pela cidade registrando as impressões que capta com sua lente, o narrador escolhe o ângulo que quer registrar. Foi ele quem fotografou a última aparição de Emir, irmão de Emilie, com vida. A imagem do irmão de Emilie com uma orquídea na mão e o rosto estático, andando rumo ao rio pouco antes de se jogar nas águas do rio Negro e desaparecer.

É, pois, uma estratégia de construção narrativa que fala do luto, da desolação da solidão, dos amores não correspondidos, das buscas infrutíferas, das transições sociais, da chegada do novo, de barcos naufragados, para a representação do espaço e da história da nação. Ao mesmo tempo que deixa

margem para o renascimento e a esperança nas personagens que permanecem, demonstrando que talvez o Eldorado realmente exista.

### 2.3 AMAZÔNIA: CENÁRIO DE CONFLITOS HISTÓRICOS

Nesta subseção, situaremos a Amazônia na geografia mundial enquanto território físico, social e cultural. Entendemos que não há como se ter uma classificação fixa de um território tão múltiplo e tão diverso. Contudo, é necessário fazer essa classificação de maneira sistemática. A divisão política da Amazônia conforme o mapa geográfico e político não encontra reflexo nas vivências do dia-a-dia para a fauna, a flora ou para os povos originários. Eles simplesmente existem e ditam as regras do seu viver, no seu local, sem saberem que “os outros” querem colocá-los em suas caixinhas classificadoras que definem cada coisa conforme a sua espécie, ao modelo bíblico da criação e reprodução das espécies. Para estes, as fronteiras inexistem e a continuidade antropogeográfica do mundo amazônico é parte inerente aos Ticunas, aos Ianomâmis, aos Tiriós, aos Bororos, aos pataxós ou aos Tucanos, povos originários que vivem na Amazônia nas fronteiras entre Brasil e os países vizinhos.

E para todos nós, nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngües, às vezes políglotas (índios que falam tucano, espanhol, português...). Há um mosaico de grandes nações, de tribos dispersas; na verdade, cada vez mais dispersas [...] (HATOUM, 2001. s.p.)<sup>10</sup>.

Terra de narrativas várias, desde as mais fantasiosas até as sem encantamento nenhum e “sem história”, conforme define Euclides da Cunha. Os cronistas maravilhados com a grandeza e exuberância da região, fizeram seus relatos sobre histórias que vivenciaram e de fatos registrados por narradores tanto históricos quanto literários.

---

<sup>10</sup> <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm> (acessada em 13/01/2023).

No bojo desta geo-historiografia que serviu de pano de fundo para muitos livros de ficção e históricos, a história da Amazônia foi sendo construída pelo tempo que passa devagar, sem muita pressa. A literatura de Milton Hatoum transborda nesse espaço literário que se torna o *lócus* de ambientação da maioria das suas obras escritas até o momento. O espaço torna-se personagem com a mesma força e vigor que a floresta, não deixando de criar e encantar seus leitores que podem até dizer, após as leituras, que conhecem a Amazônia, que percorreram o bairro dos Educandos e que passearam pelas vias suspensas do rio Negro passando pelas palafitas e sentido o cheiro de peixe no mercado Central em Manaus e o bater no rosto da neblina provocada pela voadeira que passa pelos paranás amazônicos; que esteve no Careiro e na Vila Bela ou em Parintins; e que até mesmo sentiu o cheiro das flores dos jambeiros das casas de Zana e Emilie.

Este é o espaço das obras analisadas que ficarão por conta da estrela maior que é a Amazônia e sua exuberância enquanto espaço idealizado e, ao mesmo tempo realizado, dentro das propostas míticas que sugerem um imaginário perdido em torno das questões de estar num entrelugar, entre a realidade e a fantasia dos povos originários e forâneos que vivem os encantos e as agruras de serem habitantes da maior floresta do planeta. Para Osman Lins:

(...) designação ligada à ideia de espaço, sendo invariavelmente de caráter abstrato – de angústia, de alegria, de exaltação, de violência etc. -, consiste em algo que envolve ou penetra de maneira sutil as personagens, mas não decorre necessariamente do espaço, embora surja com frequência como emanção deste elemento, havendo mesmo casos em que o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que provoca (LINS, 1976, p. 76 apud BARBIERI, 2009, p. 109).

“Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapurú, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento”. (CUNHA, 1909, p. 955), e assim relata Euclides da Cunha sobre a Amazônia no capítulo inicial, intitulado de: Na Amazônia, Terra sem história – Impressões Gerais. Conhecedor dos escritos de Humboldt e outros cronistas antigos, como positivista que era, expõe sua decepção com o que via ali diante dos seus olhos. Não era nada do que haviam entusiasticamente narrado. Para Euclides, não havia admiração ou entusiasmo, apenas a monotonia de um vasto território

plano que cansava as vistas só de olhar, monótono e aborrecido. Euclides compara a paisagem amazônica com as de outros países em que as altas elevações causam um efeito de deslumbramento tais como os Alpes na Suíça.

É sem dúvida, o maior quadro da Terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das Guianas. (CUNHA, 1909. p. 905).

Na contramão do positivismo de Euclides, outros cronistas descreveram a Amazônia com um entusiasmo exacerbado, segundo opinião do próprio Euclides. As invenções literárias ou não sempre tiveram suas finalidades discursivas eivadas de intencionalidades.

Dentro dessa perspectiva, situar a Amazônia na cartografia do mundo é uma tarefa tranquila, basta recorrer ao *Google Maps* ou no *Google Earth*. O desafio reside em fazê-lo nas questões política, social, mítica, histórica e cultural dentro do Brasil e da América do Sul. O território ocupa uma área de 7.413.827 km<sup>2</sup> no norte da América do Sul abrangendo Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, além do território ultramarino da Guiana Francesa. Dessa área, 60%, ou seja, uma extensão de cerca de 5.034.740 km<sup>2</sup> pertence ao Brasil e se divide entre 8 estados (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e uma parte do estado do Maranhão. A questão de demarcação para o IBGE<sup>11</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), órgão responsável por manter atualizados os registros sobre as fronteiras do território nacional e fazer periodicamente os censos da população brasileira, é bastante clara.

A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM delimitada no Art. 2º da Lei Complementar nº 124, de 03.01.2007. A região é composta por 52 municípios de Rondônia, 22 municípios do Acre, 62 do Amazonas, 15 de Roraima, 144 do Pará, 16 do Amapá, 139 do Tocantins, 141 do Mato Grosso, bem como, por 181 Municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44 [graus], dos quais 21 deles estão parcialmente integrados à Amazônia Legal. Possui uma superfície aproximada de 5.015.067,749 km<sup>2</sup>, correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro.

---

11 [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/) (Acessado em 20/02/2023).

Com um bioma múltiplo e diverso, seu vasto território, majestoso em toda a sua flora, fauna, relevo e hidrografia, também conhecida como Selva Amazônica, Floresta Equatorial ou Floresta Pluvial. Que foi chamada pelo poeta Euclides de floresta infernal, por Foot Hardman de Inferno verde por possuir uma vegetação e clima indômitos, que permanece entre 34 e 36 graus a maior parte do ano, deixando as estações divididas entre o período chuvoso (inverno amazônico) e a estiagem. Assim, as águas abundantes do rio Amazonas e seus afluentes formam a maior bacia hidrográfica do planeta, com chuvas torrenciais que caem durante seis meses ao ano, fazendo com que o clima quente e úmido mantenha a umidade relativa do ar em torno de 80%. Outra característica interessante é o solo que é pobre em nutrientes, mas rico em húmus por causa da quantidade de vegetação apodrecida que se decompõe embaixo das copas das grandes árvores. Seus habitantes, ironicamente, dizem que “a Amazônia só tem duas estações: o inverno e o inferno”. Djalma Batista afirma que a Amazônia, é a terra mais nova do planeta, recendendo ainda o cheiro embriagador da sua infância geológica, e é a menos conhecida das regiões da Terra, nos paradoxos de sua natureza desnorteante, ante a qual ruem os postulados das ciências naturais (BATISTA, 2006, p. 11).

A história da colonização amazônica se deu de forma concomitante e síncrona com a das Américas Central e do Sul. A busca do Eldorado, desde o século XVI, fez com que o território fosse alvo dos famintos e insaciáveis europeus que tinham como missão a descoberta de grandes fortunas em forma de ouro, prata, madeiras nobres, minérios e toda sorte de matérias-primas que fossem úteis ao capitalismo crescente, levando para as coroas europeias os espólios das incursões. Invasida por portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses e franceses na época das grandes navegações no século XVI, teve seu território explorado e descrito por nomes como Francisco de Orellana, Frei Gaspar de Carvajal, Lope de Aguirre e tantos outros.

O Velho e o Novo Mundo encontram-se em 1492, mas antes de qualquer apresentação formal, já havia sido dividido em dois pelo Tratado de Tordesilhas, ou seja, sua primeira intervenção histórica. Espanha e Portugal dividem o território ainda desconhecido sem levar em conta que dividiam povos e culturas que tinham fisionomias próprias, culturas e línguas diferentes.

A busca de riqueza fácil por Espanha e Portugal, os dois países ibéricos, periféricos da Europa, levou ao longo dos séculos XV e XVI ao momento marcadamente determinante para as Américas e para a Europa. A apropriação do território foi realizada por meio da implantação da política colonial, do mercantilismo, absolutista monárquico em articulações e combinações que culminaram em transformar o novo mundo em patrimônio Europeu. Para Silva (2004),

A apropriação ibérica da Amazônia, na disputa interna e externa com outros povos europeus, resultou na demarcação definitiva do território amazônico colonial e compreendeu uma série de esforços dos reinos ibéricos para atenuar suas perdas econômicas e políticas, aceleradas pelas modificações em ocorrência na Europa, que conduziram a perda de hegemonia portuguesa e espanhola na expansão ultramarina. Nesta situação (dos países ibéricos diante das potências ascendentes), entende-se a conquista e a colonização da Amazônia (SILVA, 2004, p. 23-24).

O que impulsionava os portugueses, os espanhóis, os franceses e os holandeses ao outro lado do Atlântico, em empreitadas perigosas pelos mares que ceifavam muitas vidas, era o ouro, a prata, a madeira, os metais preciosos que, nas Américas, existiam aos borbotões. Com a queda do sistema feudal na Europa, a saída era assegurar que os territórios ultramarinos fossem resguardados dos outros países que queriam também a sua fatia no bolo colonial. Para Márcio Souza (1977), a colonização portuguesa consistiu em conquistar territórios e manter, por todos os meios possíveis, o discurso mercantilista que cuidava em um assentamento profundo, certo e objetivo, mantendo seus interesses econômicos a qualquer custo. Foram os portugueses, portanto, tão violentos e assassinos quanto os espanhóis na empreitada colonialista. Loureiro destaca que:

[...] em face da especificidade de sua natureza, das condições políticas, sociais e geográficas que persistiram até meados do século passado, dificultando ou desestimulando sua penetração; da dificuldade de acesso; da existência de uma economia voltada para o mercado externo europeu e muito pouco integrada regionalmente e nacionalmente, a Amazônia se manteve isolada ou marginalizada com relação ao Brasil e à América Latina. (LOUREIRO, 2015, p. 47).

A preservação da floresta e dos rios amazônicos mais se deve ao seu acesso precário do que ao poder do governo brasileiro de manter tal preservação por meio de políticas ambientais. Ao longo de mais de cinco séculos, a região passou por diversas transformações impulsionadas pelos

mais diversos motivos. Os portugueses, na sua ânsia de manter as fronteiras protegidas dos outros invasores que, como eles, fariam qualquer coisa para lucrar, construíram grandes fortes e os supriram belicamente de canhões e armas de toda sorte, conseguindo o que Darcy Ribeiro nomeou de “o incremento prodigioso”.

Portugal, que viveu mil anos na obsessão de fronteira, temeroso de ser engolido pela Espanha, aqui, desde a primeira hora, tratou de marcar e alargar as bases de suas posses territoriais. Plantou fortalezas a mil léguas de qualquer outro povoador. Manteve pela guerra, por séculos, pontos de fixação de seus lindes, como a Colônia do Sacramento. (RIBEIRO, p. 134).

Darcy (2006) se referia ao território brasileiro como um todo, no entanto, a região amazônica, como a menos povoada, e por ter as suas fronteiras maiormente terrestres, sempre esteve mais vulnerável às invasões estrangeiras. Para Darcy, a conquista de um território continental com uma população, que em 1964 já era de 150 milhões de brasileiros, foi uma grande façanha histórica conseguida a alto preço.

A Amazônia é um território permeado de lendas e mitos que a população local conta e jura que são reais, que viram, que ouviram, que aconteceu com alguém das suas relações. Uma sociedade ainda muito oral pela impossibilidade de comprovação das histórias contadas e recontadas ao sabor dos sonhos míticos. Sempre há alguém que jura que viu o boto em sua forma humana; que viu o curupira ou o Mapinguari; que ouviu o canto de uma Uiara; que viu uma sucuri mais grossa que um barril de petróleo que engoliu um boi inteiro; que conheceu ou conhece alguém que viu a cobra grande. Estes são apenas alguns exemplos de lendas e mitos que permeiam o imaginário amazônico, sem contar as encantarias que se misturam de tal forma às narrativas que, por vezes, fica difícil enxergar a linha tênue entre a imaginação e a fantasia folclórica. Para Maquêa e Castrillon-Mendes,

Há uma ideia fundante para a formação do conceito, plural e multifacetado, de Amazônia como uma região. Essa ideia é a de invenção. A Amazônia é resultado de imaginários exógenos e endógenos, não raro construídos com semelhantes operadores interpretativos, elementos e estereótipos ligados a uma concepção naturalista herdada, sobretudo, no século XIX. Crônicas de viagens, portfólios de agências de turismo, documentos de reuniões internacionais sobre clima e meio ambiente, discursos sobre povos indígenas, são apenas alguns lugares que alimentam a produção de uma contínua invenção da Amazônia, traduzindo-se numa visão difusa sobre essa região de interesse mundial. (CASTRILLON-MENDES; MAQUÊA, 2021, p. 173)

É nessa atmosfera de entrelaçamento de visões e versões que a Amazônia se torna o espaço de referência da obra de Milton Hatoum, onde não há exotismo, pois, o exótico que é visto pelo forâneo não existe para quem vive nela. Os habitantes locais não se admiram com a narrativa de uma tapuia que se jogou no rio para viver uma vida de paz nas profundezas das águas como contada em *Órfãos do Eldorado*. Antes, essas narrativas tornadas literárias, se juntam a milhares de outras que vão parar nas bibliotecas. O que Hatoum traz é a versão de que a tapuia estava, na verdade, cometendo suicídio por não aguentar as agruras da vida após o abandono do seu marido e o sofrimento dos seus filhos. Também não é só a busca do eldorado que traz a literalidade da narrativa e sim a visão de Amando sobre seu pai que imigrou de Portugal para a Amazônia “sem nada nos bolsos” (HATOUM, 2005 p. 35) e que se tornou um próspero comerciante que deixou uma fortuna imensa para o filho, mas que não alcançou o neto Arminto, que herdou tudo e nada ao mesmo tempo. A desolação se torna literária nessa construção.

E é dentro desse contexto de desenvolvimento integracionista, com a descoberta da borracha, que surge Manaus, capital do estado, uma metrópole encravada no coração da Amazônia brasileira. Cidade com uma população de 1.805.000 habitantes, composta por pessoas advindas de todas as partes do Brasil e do mundo e que cresceu “no tumulto de quem chega primeiro” (HATOUM, 2000. p. 32) e se tornou um polo industrial a partir de incentivos do Governo Federal com a criação da Zona Franca de Manaus que oferecia incentivos fiscais para as indústrias que se estabeleciam na região. Mesmo assim, sempre o território com PIB (Produto Interno Bruto) e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixos do país. É que as riquezas produzidas em todos os dois ciclos da borracha, no ciclo do ouro e mesmo com a Zona Franca, nunca implicaram desenvolvimento para sua população.

Este panorama atual da Amazônia é resultante de uma série de ciclos desenvolvimentistas que sustentaram o capitalismo na região. As empreitadas da borracha, que trouxeram milhões de nordestinos para a região amazônica para trabalharem nos seringais, no famoso sistema de barracão. Os trabalhadores já chegavam devendo dinheiro ao dono do seringal e passavam anos sem conseguir quitar suas dívidas. Era um trabalho quase escravo que,

como tantos outros, fabricou muitos ricos, sem produzir riquezas para a região. O sistema de barracão funcionava como uma dependência do seringueiro do seringalista que levava mercadorias para vender aos garimpeiros. Então, todo mês, quando iam receber seus pagamentos, continuavam devendo ao patrão. Os que se manifestavam em ir embora, não podiam sair até que pagassem as dívidas, que eram impagáveis pois já iniciavam suas vidas nos seringais devendo ao patrão.

Com o fim da prosperidade da borracha, milhares de seringueiros foram para as cidades grandes da região norte, morando nos recônditos mais longínquos das periferias dessas cidades. Manaus foi uma dessas cidades que tanto recebia os seringueiros advindos dos seringais fechados por falta de comércio para a borracha quanto de garimpeiros que também estavam desempregados e indígenas que iam das suas aldeias invadidas pelos garimpeiros e pelas mineradoras. Muitos povoados ribeirinhos foram formados por essas pessoas que, sem emprego e sem outra coisa para fazer, iam morar nas periferias. Para Márcio Souza,

Manaus viveu de ilusões. Atravessou com desenvoltura períodos de grandeza e marasmo econômico. Mas foi sempre vítima de surpresas, de fatos e medidas vindas de fora para dentro, que desconcertaram e surpreenderam sua elite política. Sua tradição é a de cidade de fronteira: sem sedimentação cultural própria, arrivista e apressada. A personalidade de Manaus formou-se no imprevisto e na especulação de entreposto. Hoje, é uma cidade que se agita e que caminha para a maturidade num clima de problemas tão inéditos, como poucas cidades brasileiras tiveram a sorte de enfrentar. Ela exige soluções criativas que a formação burocrática de sua elite não poderá atender, se continuar com a mentalidade do extrativismo. (SOUZA, 1977, p. 161)

Em 1977, quando publica a *Expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*, o autor Márcio Souza se dedica a fazer um percurso histórico do Amazonas e da cidade de Manaus, descrevendo o que aconteceu com essa cidade desde os ciclos da borracha até alguns anos após a implantação da Zona Franca. Souza descreve que a infraestrutura da cidade de Manaus, construída ao modelo da arquitetura francesa, para alegria da elite da época, desde 1910, segue com a mesma estrutura “o que torna a cidade uma anarquia onde o mau gosto é o nível menos grave, e o mau gosto arquitetônico de Manaus é um caso único”. Manaus amargou um crescimento que foi de um acampamento português para uma metrópole em que os caboclos das cidades

do interior, atraídos pelo fascínio do progresso, vêm formar um cinturão de miséria e desemprego nas periferias da cidade. A cidade cresceu desenfreadamente para todos os lados, a população crescente, o número de veículos crescente, mas os serviços de saúde, saneamento básico, esgotos, pavimentação e moradia seguem como se ainda fosse 1910.

Loureiro (2015) destaca que enquanto o centro da cidade é a menina dos olhos das administrações, o restante da população amarga a pobreza e a exclusão nas periferias. Esses só servem de mão de obra barata para as fábricas e montadoras da Zona Franca. Essa Manaus, que é o delírio dos mascates, das águas fétidas dos igarapés, do amazonense urbanizado que tem horror ao rio e à floresta. Loureiro esclarece que a Amazônia possui um sistema de vida diferenciado do resto do país pois,

Envolvida em isolamento e mistério, a Amazônia foi construindo um sistema de vida e trabalho ribeirinho e extrativista integrado por pescadores, coletadores de castanhas, mateiros, extratores de seringas, de peles, de couros, de resina de árvores, de ouro e de diamantes. Acrescente-se a eles os lavradores, os seringueiros, os vaqueiros e fazendeiros, os comerciantes, os empresários, os biscateiros e os artesãos das mais diversas categorias que vivem em função de produtos da floresta e do rio. (LOUREIRO, 2015, p. 48).

Ou seja, uma cultura totalmente desenvolvida em consonância com a natureza com a qual mantinham profundas relações. Ademais, a relação direta com a natureza, principalmente nas proximidades com os rios, dava e dá ao ribeirinho uma total liberdade e individualidade de modo que muitos não desenvolveram nenhum interesse ou aptidão para nenhum tipo de trabalho que implicasse obedecer hierarquias. Sobre estas questões relativas ao homem amazônico, Loureiro esclarece que:

Nesse contexto, isto é, no âmbito de uma cultura dissonante dos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e à estetização. Uma região que é verdadeira planície de mitos [...] onde o homem e a terra viveu e ainda vive habitando isoladamente em algumas áreas, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas do rio e da chuva e imprimindo 'este ritmo fracionado e múltiplo, indefinidamente enraizado na chance de uma evasão na imensidade amazônica'. (LOUREIRO, 2015, p. 48).

Dessa forma, o ribeirinho vive integrado ao meio e segue o fluxo organizacional da natureza com seu modo de viver totalmente integrado aos ciclos dos rios de e aos movimentos da natureza circundante. Exigindo, este

modo de vida, criatividade e apreensão imaginativa. É tudo muito instintivo na vida dos ribeirinhos, pois incorporaram o modo de vida dos nativos e assim vivem integrados.

A cultura amazônica é uma mistura de toda a profusão de estrangeiros que aportaram naquelas terras e fizeram dela sua terra, mas o modo de vida do caboclo é particularmente influenciado pela cultura do nativo que é, por sua vez, produto da acumulação cultural da convivência com os nativos e os nordestinos com os quais aprenderam as mais variadas técnicas de pesca, cultivo da terra, extrativismo, entre outras. Neste ponto, Loureiro destaca que embora a identidade da cultura cabocla tenha a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamentos e de comportamentos registrados secularmente,

A identidade cultural cabocla, como ocorre também com relação a outras culturas, tem a ver com os registros de determinadas matrizes de pensamento e de comportamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e de persistência no tempo; constituem-se nos elementos fundadores da cultura e, ao mesmo tempo, nos elementos que acabam por conferir-lhe força e peculiaridade. E é justamente graças a essa força interior, de origem mais que secular, que os caboclos das cidades ainda conservam traços fundamentais de sua cultura. (LOUREIRO, 2015, p. 55).

Loureiro (2015) utiliza os termos cultura cabocla, popular ou amazônica como sinônimos a fim de diferenciar da cultura ocidental moderna e branca. Pois, esses nomes carregam uma carga semântica que traduz modos de vidas misturados e forjados na convivência entre os nativos e os imigrantes, principalmente os nordestinos e que representa uma maneira de ser no mundo. Diferentemente, por exemplo, das personagens mestiças de Hatoum que perderam ou nunca tiveram contato com suas origens nativas.

Assim, nesse ambiente paisagístico e espiritual, o homem amazônico foi criando todo um modo de vida que vem sendo transmitido de grupo a grupo, de geração e geração. (Loureiro, 2015, p. 304).

## 2.4 “ESCREVER PARA RESISTIR E NÃO ESQUECER”

Esta subseção aborda questões sobre o ato de escrever e as concepções da literatura para autores como Maurice Blanchot, Tzvetan Todorov entre outros. Partimos de textos teóricos sobre a literatura para chamar a atenção sobre Milton Hatoum e suas obras como parte primordial na composição da literatura brasileira no contexto mundial. Sendo o ato da escrita uma ação revisional transpassada pelo sentimento de fazer parte da construção de narrativas de memória e resistência.

O escrever tem a ver com a solidão essencial onde o Eu se torna Ele, segundo Blanchot (2011) escrever tem a ver com o desejo de socializar uma memória que é individual em seu princípio, mas é coletiva na sua essência. Sendo assim, uma atividade que é solitária e individual guarda o fascínio do mundo real na potência da escrita.

Todorov (2021) escreve que a função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo. Se a matéria da literatura é o mundo real, se guarda com este semelhanças, então, escrever tem a finalidade de reverberar acontecimentos senão verdadeiros, pelo menos verossímeis. E, no ato solitário da escrita, aquele que escreve o faz com alguma intencionalidade. Quiçá a intenção de não esquecer ou de imortalizar aquilo que escreve.

A literatura inspira desejos e encanto, ela também incita ao desencantamento com a vida e leva à consciência. A vida começou a ser menos cruel a partir dos escritos e da valorização da arte como possibilidade de arrefecimento das agruras da vida e do cotidiano. Sem a arte, com certeza a vida seria impossível de ser prazerosa. Registrar os acontecimentos foi a forma que a humanidade criou para não esquecer e não ter as memórias perdidas com o tempo implacável. As bibliotecas são verdadeiros repositórios de preservação da memória. Exatamente por seu caráter provisório, a oralidade passou a ser transcrita como uma forma de ser materializada para preservação da memória.

Os escritores, de uma maneira geral, são influenciados pelos acontecimentos inerentes às suas épocas. Machado de Assis escreveu e descreveu o Rio de Janeiro com personagens criadas para os seus romances e contos conforme as vivências da sociedade carioca daquele momento histórico.

Então, não se pode falar em romance verossímil sem a criação de uma espaço/tempo fictícios que estão totalmente distantes do mundo real.

A literatura é uma ruptura com a realidade incontável. Aquele que escreve estabelece com o mundo ficcional um pacto de moldar a realidade e entregar nas mãos do narrador a possibilidade do mundo controlável da narrativa. O escritor, mais que inventar problemas, se arrisca a contar uma história de fim certo e premeditado que pode até ser modificado enquanto ainda na fase da (re) criação, mas que não pode mais sofrer mudanças a partir do momento em que entrega o produto da sua invenção ao leitor. O processo criativo da escrita literária ganha contornos constantes durante a sua moldagem. Escrever implica ter determinadas predisposições por parte daquele que escreve. Escrever para não esquecer e resistir implica pôr à prova a eficiência daquilo que se escreve e para quem se escreve.

Diante da modelagem da realidade plástica da literatura, as escolhas se tornam imponentes à medida que os elementos da composição vão sendo definidos. A partir daí, as escolhas vão sendo limitadas. Dentro desta conjuntura, as demais escolhas dos mitos e lendas se limitam ao que o espaço definido pode suportar sem se tornar uma obra inverossímil ou maravilhosa, ou seja, a cada escolha feita, é um mundo de opções que são rejeitados.

Todorov (2021), discorrendo sobre o que pode a literatura, escreve duas histórias, de John Stuart Mill e Charlotte Delbo. Mill contou, em sua autobiografia publicada em 1873 que sofreu de uma intensa depressão que se iniciou aos seus 20 anos. Contou que a vida não fazia mais sentido para ele e que continuava a fazer suas atividades rotineiras mecanicamente, sem nenhum entusiasmo pela vida. “Esse estado doloroso se prolonga por dois anos”. Até que encontra uma coletânea de poemas de Wordsworth que lhe cai às mãos e Mill encontra “no livro a expressão de seus próprios sentimentos sublimados pela beleza dos versos.” E, em suas próprias palavras:

Eles me pareceram ser a fonte na qual eu podia buscar a alegria interior, os prazeres da simpatia e da imaginação que todos os seres humanos podem compartilhar” [...]. Eu precisava que me fizessem sentir que há na contemplação tranquila das belezas da natureza uma felicidade verdadeira e permanente. Wordsworth me ensinou tudo isso não somente sem me desviar da consideração dos sentimentos cotidianos e do destino comum da humanidade, mas também duplicando o interesse que eu trazia por eles. (TODOROV, 2021. pp. 73-74).

E Charlotte Delbo, na mesma linha, encontra redenção na literatura que a tira do cárcere em que se encontra, levando-a a mundos imaginados e construídos pelos escritores e suas personagens fictícias. Charlotte estava presa por conspirar contra o invasor alemão, não tinha direito a ter acesso a livros. No entanto, uma outra prisioneira, da cela de baixo, podia pegar livros emprestados na biblioteca da prisão e deu um jeito de passar livros emprestados para Delbo por meio de uma corda que esta havia tecido com linhas retiradas do seu cobertor. A prisioneira de baixo amarrava os livros na linha e Delbo os puxava para cima. A partir de então, Charlotte passa a ter várias companhias de cela: Fabrice del Dongo, herói do romance *A Cartuxa de Parma*; Alceste, personagem da peça *O Misanthropo* e vários outros lhe fazem companhia durante os sofridos anos nos campos de concentração nazistas. Delbo declarou mais tarde que as personagens dos livros podem se tornar companheiras confiáveis. Charlotte declara que:

as criaturas do poeta”, [...] são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis”. É por essa razão que elas são minhas amigas, minhas companheiras, aquelas graças às quais estamos ligados a outros seres humanos, na cadeia dos seres e na cadeia da história. (TODOROV, 2021. p. 75).

Contudo, não se pode medir por meios tangíveis o poder da literatura. Não há uma régua que meça o quanto cada palavra escrita pelos que escrevem toca os que as lêem. Cada um sabe o que sente e o quanto sente ao se debruçar sobre o papel em branco para escrever ou sobre o papel preenchido para se deliciar com as aventuras das personagens dos seus autores favoritos.

O próprio Todorov declara que não viveu nada tão dramático quanto o que vivenciou Charlotte Delbo e que também não sofreu as agruras da depressão como Mill, mas que ainda assim “não pode viver sem as palavras dos poetas nem as narrativas dos romancistas.” Apenas os que escrevem e os que lêem sabem por que o fazem. Cada um experimenta sensações particularíssimas. Assim como o corpo precisa de alimento para se manter nutrido, alguns precisam da literatura para nutrir seus espíritos. Todorov acrescenta ainda que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender

melhor o mundo e nos ajudar a viver. [...] A literatura tem um papel vital a cumprir. (TODOROV, 2021. p. 76).

Assim, pode-se dizer que a literatura dá sentido à vida daquele que lê independente de qualquer juízo de valor que se queira dar. Não que haja essa intenção por parte do que escreve. Na verdade, aqueles que escrevem não têm a dimensão, muitas vezes, de onde seus escritos irão parar e muito menos de quem irá lê-los.

Personagens intrigantes como *Eva Luna* do romance homônimo de Isabel Allende nos fazem pensar em perguntas como “Quién manda en el cielo? Diós o la madre de Diós?”<sup>12</sup> Perguntas essenciais para quem tem dúvidas sobre a existência do deus pregado pelas irmãs de caridade do orfanato onde foi parar quando ficou órfã pela dizimação dos seus iguais quando da destruição da sua aldeia. Eva não conhecia a fé católica e foi castigada por perguntar o que, para as irmãs de caridade, era um absurdo. Como alguém poderia ser tão insolente em perguntar algo desta natureza; ou ainda como pode, depois de tantos anos e de tantas pesquisas a respeito, ainda não termos certeza se Capitu traiu ou não Bentinho com Escobar; ou ainda ter o prazer de acompanhar Nael por toda a Manaus procurando por Halim; andar de voadeira, de canoa, de barco, e tomar chuva num domingo junto com ele e sua mãe Domingas na volta de um passeio no dia de folga e se indignar com as peripécias de Omar chegando bêbado em casa.

Contudo, há que se ter uma certa proficiência para as leituras literárias mais do que para ler textos de outra natureza, como os filosóficos por exemplo. Os textos científicos propõem ser compreendidos por seus conceitos fechados e concretos, já os textos literários aspiram a compreender as experiências humanas. Ao dar forma a um produto de seus escritos, o autor o lança ao mundo, não para ser considerado verdade absoluta, científica ou mesmo para impor uma tese. Lança-o deixando “seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo.” (Todorov. P. 86).

Discordamos da afirmação de Todorov (2021, p. 78), para quem a verdade dos poetas ou de outros intérpretes do mundo não pode pretender ter o mesmo prestígio que a verdade da ciência pois, entendemos que sim, a

---

<sup>12</sup> “Quem manda no céu? Deus ou a mãe de Deus?” (Traduzido pela autora).

verdade dos poetas tem valor de verdade, ainda que não possa ser comprovada por tubos de ensaios porque resulta das benesses do espírito e das inspirações. Mas concordamos quando Todorov diz que o objetivo da literatura é representar a existência humana.

Para Antônio Cândido (2000, p. 82), a literatura é uma atividade sem sossego, pois não só os homens práticos, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade. Ora, a totalidade dessas reflexões sobre o ato de escrever é primordial para explicar que, por mais que o escritor coloque fatos históricos nas suas narrativas, elas jamais deixarão de ser consideradas obras de ficção.

Para Bhabha (2013, p. 36), como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização. Esta perspectiva de escrever o mundo, de se apossar daquele espaço é, antes de qualquer coisa, a demonstração de intimidade que o autor possui em relação ao espaço que descreve. Assim, Hatoum faz do seu espaço de ficção um ambiente que é, acima de tudo, uma presença. Nestes momentos, a impressão que se tem é que o autor lida com imagem que descreve de maneira muito íntima e sensível. A postura de Hatoum, neste momento, torna-se a verdadeira responsabilidade do intelectual das margens, que dialoga com seu entorno e com o centro. “Isso porque o crítico deve tentar apreender totalmente e assumir a responsabilidade pelos passados não ditos, não representados, que assombram o presente histórico.” (Bhabha (2013, p. 36).

Ao chegar na casa da sua infância, a narradora de *Relato* não viu apenas o que os olhos mostraram, ela sentiu o cheiro das frutas e flores da sua infância vivida na casa. Ali, naquele momento, a casa era o local do retorno, onde a memória a levou para o passado, para o deslocamento sensorial. Ela tinha ido embora para tratar de sua saúde mental (a narrativa não fornece os motivos), havia estado em um outro espaço, entrado em contato com outras pessoas e vivências e isso transformou seu olhar, tanto para dentro quanto para fora, para o Outro. Ao retornar, precisava reconhecer a casa, o quintal, a cidade, o rio, a floresta. O passeio que ela faz pela cidade descreve o centro de Manaus, local da sua infância, que já era outro. E, para complementar o relato,

chamou Hakim, uma voz mais experiente, que tinha os elementos históricos e culturais mais presentes na memória.

Assim como as mortes de Emilie (*Relato*), Zana (*Dois Irmãos*), Jano (*Cinzas*) e Amando (*Órfãos*), representam não somente o fim de um ciclo para as famílias, mas o fim de uma era para a sociedade amazonense e brasileira, pois o mundo passava por transformações globais. Pessoas foram sendo enterradas e esquecidas no eterno ciclo da vida. Morreu o marido de Emilie e Halim, marido de Zana; morreu a esposa de Amando e o pai de Jano; em seguida são eles os que morrem. Os que ficam, sobrevivem e convivem com a saudade e a nostalgia das memórias; os que ficam, também morrem tempos depois. E, com essas mortes, o esquecimento vai se aproximando; morrem Emilie, Zana, Jano e Amando e os familiares ficam com as lembranças e se adaptam às inevitáveis mudanças que o implacável tempo se encarrega de fazer.

Ainda na clínica, a narradora de *Relato* conta para o irmão, em carta, do desejo de “ingressar no mar tempestuoso da memória”, na “cidade invisível” onde um rio de histórias flui.

O desenho acabado não representa nada, mas quem o observa com atenção pode associá-lo vagamente a um rosto informe. Sim, um rosto informe e estilhaçado, talvez uma busca impossível neste desejo súbito de viajar para Manaus depois de uma longa ausência. (HATOUM, 1989, p. 163).

Para Castrillon-Mendes e Maquêa (2021, p. 174), a Amazônia é um conceito aberto em contínua transformação sendo o espaço da ficção um dos ambientes privilegiados para o desenvolvimento de inventários de sua produção. E, longe de ser uma literatura comprometida com a história, o que move a literatura hatoumiana são, antes, as questões do humano.

As motivações de Milton Hatoum são desviadas da história da região e das demandas de representação, indo ao encontro de alteridades, tensões e intersecções culturais. Nesse percurso, mais que natureza, a Amazônia é uma geografia imaginária, habitada pela diversidade e pela mobilidade humana, o que produz uma problematização da visão estrangeira que permanece sobre a Amazônia. (CASTRILLON-MENDES; MAQUÊA, 2021, p. 174).

A escritura hatoumiana busca fazer uma desexotização da Amazônia, trazendo para a cena literária estratégias narrativas que colocam as emoções humanas no centro da lógica da vida. Trazem reflexões sobre o viver e o

sobreviver na Amazônia inóspita, ilhada, onde os rios e a floresta são as fronteiras que protegem e isolam ao mesmo tempo.

### **3 O PÓS-COLONIALISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS**

Em 1492, os nativos descobriram que eram índios, descobriram que viviam na América, descobriram que estavam nus, descobriram que deviam obediência a um rei e a uma rainha de outro mundo e a um deus de outro céu, e que esse deus havia inventado a culpa e o vestido e que havia mandado que fosse queimado vivo quem adorasse o Sol e a Lua e a terra e a chuva que molha essa terra. (EDUARDO GALEANO).

Esta seção trata das teorias pós-coloniais e das questões que figuram entre as teorias que se ocupam em explicar o mundo após o fim da empreitada colonizadora europeia. Expõe os estudos pós-coloniais, os estudos culturais e os estudos subalternos, uma vez que essas teorias partem do princípio de que o mundo se transformou de maneira global a partir do século XVI, mencionada sempre que se faz referências à colonização e ao colonialismo, às lutas de libertação e à globalização. A partir dessas teorias, a literatura tem sido analisada ora como defensora, ora como conformista, ora como transgressora, ora como resistência à ordem global instituída pelos regimes políticos impostos pelas grandes nações detentoras do capital. Aqui, propomos um estudo das obras de um autor brasileiro que foi muito premiado por sua literatura e que tem sido estudado dentro e fora do Brasil.

Iniciaremos tentando explicar o que foi o processo dando um giro pelo século XVI, a partir da invasão das Américas, incluindo neste bojo a colonização do Brasil e ainda puxando um pouco mais o fio da história para uma colonização que ainda se faz presente na região Amazônica que será explicitada a partir de elementos da literatura hatoumiana.



### 3.1 COLONIZAÇÃO E PÓS-COLONIALISMO

Segundo Aimé Césaire (1978), a colonização levou à catástrofe, desumanização, massacres, o esvaziamento da alteridade, a desqualificação dos nativos, lares desfeitos, vozes imensas extintas para todo o sempre em todas as nações que tiveram o desprazer de estar no caminho da Europa. O Haitiano descreve a colonização francesa, mas a espanhola e a portuguesa não foram diferentes. De qualquer prisma que se olhe, a visão do colonizador é monocromática diante da relação desigual que os europeus travaram com o resto da humanidade com o olhar sempre voltado para si. E, nesta relação, o colonizado é sempre tido como o inferior, os “incapazes de se governar” e que, portanto, precisam ser tutelados. A colonização foi, portanto, uma empreitada de morte e destruição de todo e qualquer um que se colocasse entre a Europa e as riquezas que ela necessitava para continuar dominando tudo e todos.

Ashcroft (1989) esclarece que o termo pós-colonial é utilizado para definir as culturas afetadas pelo processo de colonização e que ainda refletem os efeitos deste período de relações desiguais nos discursos e nas atitudes culturais, políticas e sociais. Para Bonicci (p. 701), o uso do prefixo pós, diante da palavra colonialismo, já deixou para trás a polêmica de seu uso, trazendo outras questões mais atuais após os anos 2020, pois o arquivo ideológico é muito mais relevante que o histórico. Salienta ainda que a teoria pós-colonial colocou nas mãos do crítico literário e do leitor não somente um embasamento teórico calcado na ideologia do poder e da hegemonia, mas forneceu um vocabulário crítico para a análise e a discussão dos textos escritos por autores oriundos das ex-colônias. E que, utilizar teorias europeias para análises de temas coloniais não desmerece em nada as pesquisas, muito pelo contrário, já que o pós-colonialismo nasceu de novas perspectivas históricas e culturais.

Segundo Inocência Mata (2014), os estudos pós-coloniais são um campo de estudos em retração nos dias atuais, deixando assim margem para que outras questões epistemológicas se aproximem das análises culturais e literárias, principalmente pelas relações de poder nas diversas áreas das atividades sociais e que sejam caracterizadas pelas diferenças étnicas, raciais, de classe, de gênero e de orientação sexual. Aconteceu o fim do imperialismo

como política de subalternização territorial e geográfica, mas que sobrevive onde sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais (SAID, 2014, p. 42-43). A sobrevivência espaço-temporal da ideologia colonial é sustentada por uma estrutura que foi forjada na coletividade dos valores imperiais por:

estudiosos, administradores, viajantes, comerciantes, parlamentares, exportadores, romancistas, teóricos, especuladores, aventureiros, visionários, poetas, párias e desajustados de toda espécie nas possessões [...] todos contribuindo para formar uma realidade colonial no centro da vida metropolitana (SAID, 2014, p. 42).

Said coloca ainda a questão da decisão de algumas potências europeias em tratar suas colônias como negócios com continuidade própria, assim, a formação ideológica sobrevive à extinção do colonialismo na esfera cultural nas mais variadas formas e práticas e ganhou um caráter denso e sistemático de um empreendimento contínuo a partir da metade do século XIX. Nesse pensar, entre os outros temas oriundos dos estudos pós-coloniais estão a escravidão, o silenciamento, a diáspora, o multiculturalismo, a subalternização, entre outros. Hommi Bhabha (2013) define o pós-colonialismo como uma reflexão para além da teoria, uma vez que o colonial vai muito além do colonialismo, pois submerge questões mais profundas como o conceito de raça, etnia e gênero que são fronteiras que carecem de análises mais aprofundadas.

O colonialismo sobrevive, mesmo tendo sido extinto diretamente em grande parte do mundo (ainda há possessões), na forma de determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais, dada a inculcação da ideologia de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação. Bhabha (2013) explica ainda que, “a construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas da diferença – raciais e sexuais.” Portanto, a perda para as colônias não foi somente uma perda de territórios, perdeu-se, junto com a geografia, os direitos à cidadania, sendo tratados como raças servis, seres inferiores, dependentes que não tinham condições de se autorrepresentarem, precisando que, para isso, estivessem sob a tutela do colonizador. Restou às ex-colônias a tarefa de se reconstruírem enquanto territórios autônomos, o que esbarrou em questões muito mais complexas, pois o colonialismo não deixou apenas territórios devastados, mas uma gente igualmente devastada em suas culturas e identidades. A usurpação

maior está sendo desfeita dia após dia com enfrentamentos em todas as esferas.

Independentemente de como se nomeia, a invasão de territórios alheios perto (como foi o caso da União Soviética) ou longe (como o caso de França, Inglaterra, Espanha, Portugal, entre outras), apesar de justificada por seus cidadãos sem nenhum constrangimento, colocou os habitantes das terras invadidas numa posição de inferioridade que prevalece e que, portanto, precisa ser combatida. Ao nos depararmos com os termos pós-colonial ou pós-colonialismo, teoria pós-colonial, crítica pós-colonial, pós-colonialidade, descolonização ou decolonialidade, a impressão que se tem é que todos têm significados semelhantes que nomeiam posições às vezes genéricas, outras vezes, conflitantes. Para Cahen,

Com efeito, reina a confusão mais completa entre, de um lado, o que é pós-colonial/ pós colonial (em francês com traço, em português com traço ou espaço), isto é, uma situação que permaneceria (ou seria principalmente) herdeira da situação colonial no sentido cronológico da expressão e, de outro lado, o que é pós-colonial (sem traço nem espaço), ou seja não uma situação mas uma análise que consegue ir além das heranças epistemológicas coloniais - sem dúvida é "pós", mas no raciocínio e não no tempo: a análise é que é pós-colonial, independentemente da situação analisada (pré-colonial, colonial ou pós-colonial). Os autores pós-coloniais serão unânimes em dizer que a definição correta é a segunda e, aliás, como já observamos, usa-se cada vez mais uma outra palavra, vinda da América do Sul (ou de especialistas da América do Sul) a partir de 2006 e alimentada por experiências não anglo-saxônicas, que é decolonial ou descolonial (CAHEN, 2018, p. 35).

Todas as acepções convergem na constatação de que o que ficou após a colonização foram nações empobrecidas material e culturalmente, se entendermos que a mistura de culturas pode ser enriquecedora, mas não quando há uma sobreposição, que foi o caso da imposição da cultura dos colonizadores sobre a dos colonizados. Não houve nem um caso em que o movimento foi o contrário. Em todos os eventos, com a colonização, a cultura dos nativos foi inferiorizada e tratada como cultura pobre, de raças servis, sem nenhum valor estético, prevalecendo a cultura do invasor. Temos aqui delineada a questão que interessa a esta pesquisa: a sobreposição da cultura do colonizador sobre a do colonizado que se mostra nas mais variadas formas práticas.

Décadas após a independência, as ex-colônias se veem frente a outros temas inerentes ao que foi o colonialismo. Os estudos pós-coloniais buscam

analisar as sequelas do colonialismo para as populações, pondo o colonizador e o colonizado em lados opostos nessa dicotomia diante do fato de que um não existiria sem o outro, portanto, devem ser colocados em oposição. O pós-colonialismo também analisa os efeitos filosóficos, políticos, econômicos, artísticos e literários experimentados pelos dois lados da questão colonial.

Segundo Bonicci (2012, p. 162), “autores tradicionais, definindo pós-colonialismo, usam o termo ‘colonial’ para descrever o período pré-independência e os termos ‘moderno’ ou ‘recente’ para assinalar o período após a emancipação política.” E que, embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo ‘pós-colonialismo’, Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991) o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje. Para Mignolo,

O pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de administração e controle surgida a partir da transformação da economia do Atlântico e o salto de conhecimento ocorrido tanto na história interna da Europa como entre a Europa e as suas colônias [...] (MIGNOLO, 2020, p. 6).

Assim, os estudos pós-coloniais começam a ganhar notoriedade na década de 1960. Dentro de um contexto de libertação das amarras, também mentais, do que foi esse processo maléfico de aculturamento e dizimação, trazendo para discussão a descolonização como uma proposta nova de continuidade de resistência ou até mesmo uma contra-colonização com toda a intensidade que o termo apresenta.

“As grandes Navegações” iniciaram-se a partir do momento em que as nações europeias, que possuíam conhecimento na construção de bússolas e grandes embarcações, resolveram investir na caçada a novas terras e, conseqüentemente, novas fontes de riquezas. Apesar de as invasões de terras já serem, à época, uma prática bastante difundida no velho mundo. Assim, subjugar territórios e povos distantes revigorava as energias das metrópoles por meio do lucro que, no final, era o objetivo maior das empreitadas coloniais.

Na expansão, dos grandes impérios ocidentais, o lucro e a perspectiva de mais lucro foram, evidentemente, de enorme importância, como provam amplamente os atrativos das especiarias, açúcar, escravos, borracha, algodão, ópio, estanho, ouro e prata ao longo dos séculos. Também havia a inércia, o investimento em negócios já existentes, a tradição e o mercado ou forças institucionais

que mantinham os empreendimentos em atividade (SAID, 2014, p. 44).

Para Said nem o imperialismo nem o colonialismo se mostram como simples atos de acumulação e aquisição. A ideologia de que os nativos imploram pela dominação sustentou a empreitada colonial durante séculos. E, ainda mais, colocando o colonizado na posição de inferioridade pelos critérios de raça e etnia para reforçar a ideologia e, com isso, manipulá-los. Thomas Bonnici ressalta que, no período pós-guerra, especialmente após a segunda metade do século XX, parecia que o colonialismo se tornara algo do passado e que os povos das nações independentes haviam encontrado o caminho do desenvolvimento político e que,

Uma ilação do campo político para o campo literário poderia ser aceita. Admitir-se-ia, então, que as literaturas dos povos independentes estariam livres das manipulações coloniais que as degradaram e que daqui por diante teriam posição estética própria. Sabe-se, todavia, que as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas. Durante o período de dominação europeia, quando mais de três quartos do mundo estavam submetidos a uma complexa rede ideológica de alteridade e inferioridade, os encontros coloniais aplicaram um golpe duro na cultura indígena, considerada sem valor ou de extremo mau gosto diante da suposta superioridade da cultura germânica ou greco-romana (BONNICI, 2012, p. 721).

Portanto, se a literatura, assim como a filosofia e as ciências humanas, é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos, como declara Todorov (2021), ou se está vitalmente relacionada com as situações existenciais do homem e que [...] representa a vida em toda a sua variedade, e rejeita a investigação conceitual estéril, como declara Eagleton (1983), não há como conceber a literatura afastada da vida e da realidade humanas. Podemos inferir que a literatura dos povos colonizados se deu como imitação servil de padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista como declara Thomas Bonnici.

Ao longo deste estudo, estamos buscando tratar de questões relacionadas à literatura e sua importância diante do que alguns podem chamar de problemas reais da humanidade. Quanto ao fato de que há uma guerra sangrenta acontecendo agora entre Rússia e Ucrânia; que os preços do petróleo e dos alimentos sobem todos os dias; que as bolsas de valores oscilam ao sabor do mercado internacional; não podemos fechar os olhos e fingir que nada disso esteja acontecendo neste momento no mundo; tivemos

duas grandes guerras que mudaram a configuração até mesmo da geografia terrestre e os escritores continuaram a escrever mesmo durante essas guerras. Não há motivos que expliquem pensarmos que a literatura ou qualquer outra ciência seja mais importante do que a fome que atinge milhões de pessoas em todo o globo terrestre. Deprendemos que a literatura está intrinsecamente ligada aos movimentos da sociedade e, portanto, com a política, o subdesenvolvimento e a colonialidade.

Todas essas questões citadas anteriormente são questões políticas. A fome, as guerras, as altas dos preços dos alimentos e combustíveis, absolutamente tudo está intimamente ligado ao modo de fazer política e a seus interesses. Até mesmo e principalmente os estudos literários nas universidades; a inserção ou não de determinados conteúdos nos currículos dos cursos desde a educação básica até o nível superior. Há uma tendência a achar que esses cursos são menos importantes porque não tratam de problemas reais. Tzvetan Todorov (2021), nascido no regime totalitarista da Bulgária, conta que no seu país, os estudos literários se limitavam ao estruturalismo, visto que essa corrente literária permitia que os estudiosos pudessem analisar obras literárias apenas por meio deste método. O intuito era manter os estudiosos longe das questões existenciais. Assim, não restou ao crítico outra alternativa senão enveredar por esse caminho. Analisou, para sua monografia de final de curso, as modificações feitas em duas obras de um mesmo autor em duas versões escritas no início do século XX. Nessas obras, “os verbos transitivos substituíam os intransitivos, o perfectivo se tornava mais frequente que o imperfectivo...” (TODOROV, 2021. p. 17).

E por que citar essa passagem da vida do autor de *Literatura em Perigo*, nesse trabalho é o que se faz necessário explicar agora. Pois tendo ele nascido em um país totalitarista, como também já mencionado, por motivos políticos, sua atuação no campo da literatura deveria acompanhar os preceitos do partido. Não se poderia sair dos limites impostos pelo regime sob pena de estar infringindo as normas e ter de pagar por isso, às vezes com a liberdade, outras com a própria vida. Muitos dos seus contemporâneos tomavam o mesmo caminho. O autor teve, após esse fato, a oportunidade de “passar ao outro lado da ‘cortina de ferro’”. Escolheu, então, para continuação dos seus estudos, ir para Paris e, sobre este episódio declara que:

Nunca saberei como teria continuado esse jogo de gato e rato – não necessariamente a meu favor. Surgiu a oportunidade de partir um ano “para a Europa, como dizíamos na época, isto é, passar para o outro lado da ‘cortina de ferro’ (uma imagem que nunca julgávamos excessiva, visto que atravessar essa fronteira era quase impossível). Escolhi Paris, cuja reputação – cidade das artes e das letras! – me fascinava.” Eis um lugar onde meu amor pela literatura não conheceria limites, onde eu poderia reunir, em plena liberdade, convicções íntimas e ocupações públicas, eliminando assim a esquizofrenia imposta pelo regime totalitário Búlgaro (TODOROV, 2021. p. 18, grifo do autor).

Ao chegar à França, se viu perdido no começo, pois seu intento era aprender tudo o que pudesse sobre “os temas negligenciados e marginalizados na Bulgária, onde tinham o defeito de servirem mal à causa comunista, eles deviam ser estudados de todas as formas num país onde reinava a liberdade!” (TODOROV, 2021. p. 18). Sendo assim, o que levou Todorov aos estudos estruturalistas foi o regime autoritário do seu país. E, quando este provou da liberdade de estudar o que quisesse, sem medo da repressão, nunca mais voltou para seu país de origem, pois sentiu o gosto da liberdade. Integrou-se à sociedade francesa e,

[...] alegrava-me constatar que a França era uma democracia pluralista, respeitadora das liberdades individuais. Essa constatação influenciava, por sua vez, minhas escolhas de abordagem da literatura: o pensamento e os valores contidos em cada obra não se viam mais aprisionados numa coleira ideológica preestabelecida [...]. (TODOROV, 2021. p. 21).

Essa passagem da vida de Todorov é apenas para ilustrar o que a política pode fazer não só com a literatura em si, determinando os caminhos que os escritores e críticos devem ou podem tomar, mas com todas as demais áreas das ciências, o que pode ser desastroso para qualquer campo de estudos, inclusive os estudos literários, é o entendimento de que as estruturas narrativas devem ser mais importantes do que o conteúdo das obras. Não podemos desmerecer os estudos estruturais, no entanto, estes não devem prevalecer numa análise que se queira livre.

O regime totalitarista de antiga União Soviética, da China e demais países socialistas, fez florescer muitos estudiosos que, como Todorov, eram obrigados a podarem seus pensamentos e restringirem seus estudos para não desagradar e incorrer em crime contra o regime ou contra a pátria e assim serem presos ou mesmo mortos. Para Terry Eagleton (1983), qualquer teoria literária estruturalista retira da literatura o que ela tem de mais precioso que é o

seu lado de emocionar, de causar sensações subjetivas na alma. Até mesmo porque a estrutura não tem alma.

A literatura é sempre transpassada por temas pertencentes a várias áreas do conhecimento. Mesmo nas obras escritas sob os regimes totalitaristas, os escritores dão um jeito de expor suas ideias nas obras de arte, sejam nas artes plásticas, na literatura ou mesmo na música, burlando a censura. A literatura precisa mergulhar nas profundezas da alma para descobrir as dimensões do mundo e tocar os espíritos.

Antônio Cândido (2000) aborda o desafio das relações entre literatura e subdesenvolvimento num texto que destaca a correspondência entre atraso cultural e produção literária na América Latina, destacando o caso brasileiro. Cândido expõe o panorama dos anos 1930, do analfabetismo reinante, do ufanismo para com as belezas naturais, a ideia de país novo; esclarece ainda que o subdesenvolvimento da literatura brasileira está intimamente relacionado com a colonização. Assim como Boaventura de Souza Santos, Antônio Cândido chama a atenção para o fato de Portugal, no contexto da Europa, ser um país periférico, concluindo que o Brasil foi duplamente colonizado, pois a metrópole possui, ainda hoje (1970), áreas subdesenvolvidas, se referindo a Espanha e Portugal.

Nessas antigas metrópoles a literatura foi e continua sendo um bem de consumo restrito, em comparação com os países plenamente desenvolvidos, onde os públicos podem ser classificados pelo tipo de leitura que fazem, e tal classificação permite comparações com a estratificação de toda a sociedade (CÂNDIDO, 2000. p. 144).

O subdesenvolvimento subjaz uma literatura que, para Cândido, ainda é para uma minoria erudita e um público local incrivelmente reduzido, pois o analfabetismo favorece a exclusão. De 1970, quando Antônio Cândido escreveu o texto, a 2023 se passaram 53 anos e, quanto a esse aspecto, houve poucas transformações. A questão educacional no Brasil tem mudado bastante nas últimas décadas, mas ainda precisa de muito mais investimentos, pois o subdesenvolvimento está atrelado ao passado de exploração e expropriação vivido pelas nações colonizadas.

Segundo Bonnici (1998), a colonização foi um sufoco para as nações que passaram por este processo. Além do controle dos territórios, os colonizadores controlavam não somente o corpo como também a mente dos

colonizados. Enrique Dussel, em sua obra *El encubrimiento del Otro*, faz um percurso histórico pela colonização da América Latina, expondo a face violenta com que as alteridades foram submetidas. E, “una vez reconocidos los territorios geográficamente, se pasaba al control de los cuerpos, de las personas: era necesario ‘pacificarlas’ – se decía en la época” – (DUSSEL, 2012, p. 50)<sup>13</sup>. Bonnici chama a atenção, ainda, para o fato de que, das 195 nações independentes do mundo, 185 fazem parte da ONU, e considera que este fato poderia ter sido considerado suficiente para que termos como: colonialismo, pós-colonialismo e crítica pós-colonialista fossem tidos como inviáveis, já que a independência política e econômica foi concretizada pelas lutas armadas e guerras de libertação. Mesmo com toda a resistência, passadas décadas das suas respectivas independências, as ex-colônias ainda guardam nas suas entranhas as marcas profundas e indelévels, pois o ato político de libertação é só o início do processo.

O colonialismo se sustentou com base no pensamento de que havia cidadãos de segunda e terceira classe, tanto que, os agora chamados países em desenvolvimento, eram chamados de países de terceiro mundo. Ora, se há países de terceiro mundo é porque seus cidadãos também eram de terceira categoria. A empreitada colonialista apressou-se em cercar os nativos por várias frentes, principalmente a religiosa.

Mas o privilégio colonial não é unicamente econômico. Quando observamos o convívio entre o colonizador e o colonizado, logo descobrimos que tanto a humilhação cotidiana do colonizado quanto seu esmagamento objetivo não são apenas econômicos; o triunfo permanente do colonizador não é apenas econômico. O pequeno colonizador, o colonizador pobre, também se considerava, e em um certo sentido realmente o era, superior ao colonizado; objetivamente, e não apenas em sua imaginação. E isso também fazia parte do privilégio colonial (MEMMI, 2021. p. 17).

Depreendemos, a partir dessa proposição de Memmi, que toda colonização é má por natureza, pois implica invasão e violência na não visualização do Outro enquanto alteridade como a epígrafe deste capítulo que traz uma crítica ironicamente amarga de Eduardo Galeano sobre o esfacelamento cultural do Outro e conseqüente apropriação do seu corpo e de sua subjetividade. Memmi postula ainda que entre a etnologia e a história em

---

13 Uma vez reconhecidos os territórios geograficamente, passava-se ao controle dos corpos, das pessoas: era necessário “pacificá-las” – se dizia na época -. (Tradução da autora).

que termos como aculturação, assimilação, encontro de culturas podem ser eufemismos para exploração, degradação, escravização, violação, entre tantas outras práticas que fizeram da colonização um evento carregado de monstruosidades.

No Brasil, enquanto os portugueses estavam preocupados em fazer fortuna escravizando nativos e trazendo africanos para escravizar nos crescentes engenhos de açúcar que proliferavam aos milhares no território brasileiro, principalmente no litoral do Nordeste, os nativos, por sua vez, estavam preocupados em criar estratégias para fugir da escravidão.

O processo de colonização do Brasil aconteceu logo no início da invasão contra os povos originários e, mais tarde, com o advento do tráfico gradual dos africanos escravizados. Gradual também foi o processo de libertação tanto da metrópole quanto dos nativos e africanos escravizados; tão gradual que até parece que foi pacífico, diferentemente das lutas armadas que aconteceram nos países africanos de colonização portuguesa. Há, inclusive, uma falácia de que a colonização portuguesa no Brasil não foi tão sangrenta quanto a dos outros países europeus tanto em África quanto nas Américas. No entanto, essa a narrativa da pacificidade portuguesa como colonizadores no Brasil não é verdadeira.

No entanto, quanto a esta proposição, há controvérsias, pois para Boaventura de Sousa Santos, é inconcebível falar em pós-colonialismo se ainda vivemos um mundo colonial das mais diversas maneiras. Segundo Boaventura (2022), não há que se falar em pós para algo que ainda permanece, pois o colonialismo é um fator decisivo para se entender as sociedades contemporâneas. Não há como haver compreensão do presente e nem do futuro se não partirmos do princípio de que as sociedades que foram colonizadas se portam de maneiras diferentes, pois a colonização levou as nações colonizadas à pobreza extrema e isso influenciou e influencia em todos os âmbitos da vida dessas sociedades.

Antes da chegada do europeu, inumeráveis povos originários viviam na Costa Atlântica do país, disputando os melhores lugares para sua sobrevivência nômade, sempre em busca de espaços onde encontrar alimento e abrigo. Não se pode afirmar com certeza o seu número, no entanto, sabe-se

que eram alguns milhares. Darcy Ribeiro (2006) afirma que há indícios de que havia disputas por territórios entre os indígenas mesmo antes da colonização.

Configuraram, desse modo, a ilha Brasil, de que falava o velho Jaime Cortesão (1958), prefigurando, no chão da América, do Sul, o que viria a ser nosso país. Não era, obviamente, uma nação, porque eles não se sabiam tantos nem tão dominadores. Eram, tão só, uma miríade de povos tribais, falando línguas do mesmo tronco, dialetos de uma mesma língua, cada um dos quais, ao crescer, se bipartia, fazendo dois povos que começavam a se diferenciar e logo se desconheciam e se hostilizavam (RIBEIRO, 2006. p. 26).

Diante de uma “demografia hipotética” aliada ao que parecia ser verossímil, como denomina Darcy Ribeiro, havia pelo menos 5 milhões de indígenas no território brasileiro quando da invasão. Obviamente, essas proposições foram pensadas com base em estudos antropológicos, nada comprovado com métodos eficazes até porque estes não existiam de maneira efetiva. No entanto,

É de todo provável que alcançasse, ou pouco excedesse, a 5 milhões o total da população indígena brasileira quando da invasão. Seria, em todo o caso, muito maior do que supõem as avaliações correntes, conforme demonstram estudos de demografia histórica (Borah 1962, 1964; Dobbys e Thompson 1966). Baseados em análises da documentação disponível, realizadas à luz de novos critérios, esses estudos multiplicaram os antigos cálculos da população indígena original das Américas (RIBEIRO, 2006. p. 127).

Ainda segundo Darcy, havia, por parte dos portugueses e espanhóis, a clara intenção de diminuir o número de indígenas nas estatísticas com o intuito de amenizar o genocídio praticado por eles. E, ainda mais para dignificar a empreitada dos invasores, conquistadores e colonizadores, tentando ocultar o peso “do seu impacto genocida sobre as populações americanas, o que é mais absurdo ainda” (RIBEIRO, 2006. p. 127).

E o que salvou uma parte da população indígena na América do Sul, e principalmente na região amazônica, foi o fato de eles terem entrado na floresta que, de uma certa maneira, os protegia. Nesse contexto de disputas por territórios e empreitadas por progresso, as populações indígenas que sobreviveram à dizimação dos invasores, seja pela escravização, pelas enfermidades ou pelas guerras, foram se alojando cada vez mais nos recônditos da selva que lhes oferecia refúgio, abrigo e alimento, garantindo a sua sobrevivência. Se hoje ainda existem comunidades indígenas na Amazônia

resistindo, é graças, em grande parte, à inospitalidade e inacessibilidade da floresta e dos rios.

Muitos podem questionar o fato de que havia guerras entre os povos indígenas nessas terras mesmo antes da chegada dos estrangeiros. Contudo, os enfrentamentos eram feitos com as armas que eles mesmos produziam rudimentarmente. Instrumentos de guerra incipientes que em nada se comparavam com as armas de fogo, canhões e arcabuzes que os invasores traziam e que alcançavam seus alvos a grandes distâncias.

O número de habitantes das Américas, segundo Darcy, pode ser muito maior que 5 milhões dado o tamanho do território se compararmos com Portugal, por exemplo, que tem um território minúsculo na comparação e possuía, à época, um milhão de habitantes.

O número de referência que utilizamos para toda a área (5 milhões) deverá, por conseguinte, ser visto com reserva até que contemos com estudos diretos sobre o tema, com base na documentação disponível, de acordo com a nova metodologia da demografia histórica. Trata-se, sem dúvida, de um número elevado, mesmo em comparação com a população portuguesa de 1500, que pouco excedia a 1 milhão de habitantes (RIBEIRO, 2006. p. 128).

Independentemente de ter dados precisos sobre o assunto ou não, o que importa de fato é a consciência de que a barbárie realizada nas américas contra os povos originários foi de uma perversidade imensurável. E, ainda mais, que a resistência salvou, além dos que se embrenharam na floresta, uns poucos que se misturaram à população branca.

Darcy faz um inventário da população indígena existente no Brasil seguindo um raciocínio de que, entre 1500 e 1800 a população original brasileira decresceu de 5 milhões para 1 milhão de indivíduos. A dizimação teria ocorrido principalmente pelas epidemias, pela escravidão e pelos confrontos que participavam ao serem aliciados pelas bandeiras. Os cronistas coloniais utilizavam o termo “*gasto*” para se referirem aos índios mortos.

No terceiro século, de 1700 a 1800, se teria *gasto* – conforme a bizarra expressão dos cronistas coloniais – outro milhão, principalmente no Maranhão, no Pará e no Amazonas, reduzindo-se o montante de índios isolados de 2 para 1 milhão. Esse último milhão vem minguando, desde então, com a ocupação de vastas áreas florestais, paulatinamente exploradas, em Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, e com a abertura de amplas frentes de expansão no Brasil central e na Amazônia. (RIBEIRO, 2006. p. 129).

E assim, a cada século, a população original foi sendo reduzida e suas terras invadidas por madeireiros, mineradores, latifundiários que levaram todo tipo de enfermidades desconhecidas que praticamente exterminaram etnias inteiras. Os poucos que sobreviveram a todo esse caos, começaram a refazer essas populações muito lentamente. Houve muitos casos em que sobrou um ou nenhum indivíduo de determinadas etnias.

Conforme se vê, a população original do Brasil foi drasticamente reduzida por um genocídio de projeções espantosas, que se deu através da guerra de extermínio, do desgaste no trabalho escravo e da virulência das novas enfermidades que os achacaram. A ele se seguiu um etnocídio igualmente dizimador, que atuou através da desmoralização pela catequese; da pressão dos fazendeiros que iam se apropriando de suas terras; do fracasso de suas próprias tentativas de encontrar um lugar e um papel no mundo dos “brancos”. Ao genocídio e ao etnocídio se somam guerras de extermínio, autorizadas pela Coroa contra índios considerados hostis, como os do Vale do rio Doce e do Itajaí. Desalojaram e destruíram grande número deles. Apesar de tudo, espantosamente, sobreviveram algumas tribos indígenas ilhadas na massa crescente da população rural brasileira. Esses são os indígenas que se integram à sociedade nacional, como parcela remanescente da população original (RIBEIRO, 2006. p. 130).

Por sua densidade e quase impenetrabilidade, a selva amazônica protegeu várias etnias que fugiram mata adentro escondendo-se dos invasores nos estados mais ao norte do país. As etnias das outras regiões do Brasil sofreram mais porque as terras próximas ao litoral foram as primeiras a serem repartidas entre os invasores que tinham carta branca da Coroa portuguesa para escravizar e exterminar tantos nativos quantos lhes aprouvesse. E essas poucas que sobreviveram sofreram e ainda sofrem com as invasões das suas terras.

O governo brasileiro, com a criação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), criou leis e mecanismos jurídicos para a proteção dos índios. Sobretudo a demarcação de terras para os sobreviventes. No entanto, esses mecanismos foram e ainda são insuficientes. E, com certeza, não foi somente por “bondade política”, houve a pressão de organismos internacionais para que essas leis fossem criadas. Ailton Krenak fala do intuito de “desindianizar” o indígena que era a ideia dos invasores. É como se eles, os indígenas, estivessem só esperando que o homem branco aparecesse para que um dia se tornassem civilizados como eles. “Parecia que nós, os índios, estávamos só esperando o

homem branco para nos civilizar e nos transformar em homem branco também; que iríamos nos misturar tanto, que um dia não nasceríamos mais índios.”<sup>14</sup>

Ribeiro (2006) esclarece a impossibilidade de essa pretensão de encampar a ideologia da desindianização vingar, pois não houve e não há a menor chance de isso se tornar uma realidade. Os indígenas sobreviveram a toda sorte de enfrentamentos, às enfermidades infecciosas, à escravização, à aculturação e às tentativas de ocidentalização e permanecem irredutíveis em sua identificação como indígenas.

Alguns historiadores pensavam que o contato com os “brancos” faria com que os indígenas deixassem de ser índios e que, assimilando a cultura do invasor, fossem amadurecer para a civilização; que as aldeias se transformariam em vilas e posteriormente em cidades.

O estudo que realizamos para a UNESCO, esperançosos de apresentar o Brasil como um país por excelência assimilacionista, demonstrou precisamente o contrário. O índio é irredutível em sua identificação étnica, tal como ocorre com o cigano e com o judeu. Mais perseguição só os afunda mais convictamente dentro de si mesmos. Tal não conseguem os serviços oficiais de proteção, geralmente entregues a missionários, e também não conseguem esses últimos. Povos há, como os Bororo, por exemplo, com mais de século e meio de vida catequética, que permanecem Bororo, pouco alterados pela ação missionária; ou os Guarani, com mais de quatro séculos de contato e dominação (RIBEIRO, 2006. p. 131).

Nesse sentido, o êxito que algumas missões salesianas conseguiram foi o de transformar crianças indígenas em jovens que se viram num entrelugar por não saberem mais quem eram. Uma horda de jovens que não eram “brancos” e nem índios. Eles simplesmente não sabiam mais quem eram, pois foram separados dos seus iguais quando crianças e, quando crescidos, não tinham aprendido os costumes das tribos e nem das comunidades onde foram inseridos, sendo marginalizados. Fato muito parecido ocorreu com os mamelucos, crianças nascidas de mães indígenas com pais “brancos”. Esses também tiveram de se habituar aos costumes da mãe ou do pai, dependendo de onde foram viver após o nascimento. Ou seja, nunca houve integração de verdade. Não havia, e não há, a menor condição de acontecer uma evolução civilizatória capaz de fazer com que os povos originários abandonem suas

---

14 (KRENAK, <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>, acessado em 30 de maio de 2022).

origens e cheguem ao ponto de, um dia, deixarem de nascer originários. A incorporação sonhada pelos colonizadores nunca aconteceu.

E, nesse intuito de desindianizar o Brasil, muitas atrocidades foram cometidas, principalmente por missionários que os catequizavam e aproveitavam para se apropriarem das suas terras e as lotearem. Iguais atrocidades foram cometidas pelos colonos que tinham autorização do governo para se livrarem do “incômodo” que eram os índios para a expansão das suas terras; e as igrejas, de uma maneira geral, estavam sempre presentes para “ajudar” os órfãos e órfãs que sobravam das aldeias acolhidos pelas suas missões catequizadoras, tinham o intento de “educar” as indiazinhas como fizeram com Domingas, a cunhantã mãe do narrador de *Dois Irmãos*, empregada da casa de Zana.

Algum êxito alcançam missões muito atrasadas, como os salesianos do rio Negro, que, empenhados em ocidentalizar e catequizar os índios daquela área, juntaram as crianças de tribos diferentes nas mesmas escolas, preenchendo assim a condição essencial para desindianizar os índios, que é a ruptura das relações da velha transmissão de pais a filhos. O que alcançaram não foram italianinhos, mas moças e rapazes marginalizados, que não sabiam ser índios nem civilizados, e lá vivem em vil tristeza (RIBEIRO, 2006. p. 131).

Não se pode negar que a igreja, aqui destacando a papel da católica, mas englobando as protestantes também, teve importância cabal no amparo às crianças órfãs pelas missões Brasil afora. Ao cuidar daqueles órfãos e órfãs, a igreja estava, na verdade, amparando os filhos e filhas dos que foram mortos pura e simplesmente porque eram considerados o maior dos empecilhos ao desenvolvimento da nação brasileira.

Seria utopia pensar que a exploração de terras indígenas tenha ficado no passado, na colonização europeia. As atrocidades de outrora continuam a acontecer, mesmo com proibição expressa por lei. Garimpeiros, mineradores e madeireiros continuam a aterrorizar aldeias indígenas em pleno século XXI. Eles invadem as terras, derrubam árvores, retiram madeiras, degradam os rios com mercúrio, matam os peixes, matam a vegetação para abrir estradas, matam os nativos, estupram as mulheres, roubam remédios, fazem todo tipo de atrocidades nas barbas da FUNAI e do governo. E desses estupros de meninas e mulheres, continuam a nascer crianças mestiças.

A colonização, agora interna, continua fazendo dos povos originários vítimas eternas da sanha capitalista dos exploradores. Seria um sonho se as atrocidades cometidas pelos homens brancos em relação aos povos nativos tivessem ficado no passado da colonização. Ou seja, a tarefa de desindianizar o Brasil é um projeto que continua em curso.

O novo governo brasileiro, preocupado com a situação dos nativos, criou, em 2023, o Ministério dos Povos Originários e nomeou uma mulher indígena para ministra. Com essa ação, cresce a esperança de que medidas sejam tomadas para a retirada de exploradores das terras e que leis de proteção sejam criadas para melhorar a questão da segurança alimentar dos povos nativos. No entanto, no Brasil, já ficou bem claro que os projetos de governo não são da nação, são apenas de governos, o que não garante que o próximo governo mantenha as ações colocadas em prática neste. Isso gera insegurança tanto nos principais interessados que são os nativos, quanto na parcela da sociedade que apoia as ações de proteção dos povos originários.

Assim, a colonialidade, além do mais, é a condição de pobreza em que as nações colonizadas foram submetidas pela exploração do seu território e das suas gentes e continua vitimando as populações colonizadas, principalmente os povos originários no Brasil. E a tendência do capitalismo parece ser a de transformar as vítimas da colonização em culpados e culpadas pela situação de miséria em que vivem. Portanto, podemos concluir que há uma ligação entre o lado obscuro do capitalismo e a colonialidade, mesmo sabendo que as questões do subdesenvolvimento possam não ser pós-coloniais, elas são com certeza produtos da colonialidade inerente ao processo de colonização.

Assim, a colonização não influenciou somente o desenvolvimento social, econômico ou político das nações colonizadas, influenciou também o campo literário. As literaturas não ficaram livres das influências coloniais, pois essas possuem raízes muito profundas e extensas. Segundo Bonnici,

Durante o período de dominação europeia, quando mais de três quartos do mundo estavam submetidos a uma complexa rede ideológica de alteridade e inferioridade, os encontros coloniais aplicaram um golpe duro na cultura indígena, considerada sem valor ou de extremo mau gosto diante da suposta superioridade da cultura germânica ou greco-romana. Portanto, o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil de padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca,

essencialista e universalista. A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro (BONNICI, 2012, p. 148).

Bonnici chama atenção ainda para a quantidade de escritos impressos em editoras britânicas sobre o tema do pós-colonialismo e o quanto o tema tem sido pesquisado com interesse em diversos países, especialmente as literaturas escritas em língua inglesa, francesa e portuguesa, principalmente dos países de África. E também publicações de livros teóricos sobre o colonialismo de autores como Fanon, Memmi, Said, entre outros. Bonnici cita ainda que a literatura de língua inglesa tem premiado autores que escrevem em inglês, mas não são britânicos e que, quando um prêmio literário é recebido por um autor inglês nascido na Inglaterra, é exceção. E que a maioria dos agraciados com premiações inglesas ou com Prêmios Nobel têm sido escritores de outras nacionalidades.

Os prêmios literários britânicos mais cobiçados agraciaram um indiano (Salman Rushdie), um sul-africano (J. M. Coetzee), um nigeriano (Ben Okri), um japonês (Kazuro Ishiguro), um kitticiano (Caryl Phillips ) e um cingalês (Michael Ondaatje), enquanto o Prêmio Nobel de Literatura foi dado a Nadine Gordimer (1991), da África do Sul; Derek Walcott (1993), de Santa Lúcia; V.S. Naipaul (2001), de Trindade; J.M.Coetzee (2003), da África do Sul; e Doris Lessing (2007), de Zimbabue (BONNICI, 2012, p. 148).

Quanto à literatura brasileira, Bonnici esclarece que poucos são os trabalhos sobre o período colonial que tentam analisar as estratégias coloniais existentes na literatura e os mecanismos de subversão pelos quais a imaginação poética experimentou a subjetificação e que são raríssimas as vezes em que a formação do cânone brasileiro foi questionada. Que temas como a apropriação do idioma do colonizador após a independência política ou os grandes hiatos e silêncios do indígena e do negro escravo ou foragido ou a dupla colonização da mulher são temas dignos de serem apreciados no contexto pós-colonial brasileiro.

Gomes (2017) traz a perspectiva de Mignolo (2000) sobre as formas de construção do pensamento que têm permanecido nos discursos do ocidente nos quais os africanos e os índios americanos foram considerados como elementos passivos, sendo representados pelo prisma do que conta a história.

A partir do conceito de colonial *difference*, Mignolo (2000) se propõe a pensar a dimensão planetária da história humana silenciada pelos discursos do centro, do ocidente em detrimento de outros discursos, de outras formas de construção do pensamento. Para o pensador argentino, a produção do conhecimento fica dividida entre aqueles que participam na construção deste mundo colonial e aqueles que ficaram à margem, de fora da discussão. Os africanos e os índios americanos foram considerados como elementos passivos desta história, como aqueles que deveriam ser contados e não ser ouvidos. (MIGNOLO 2000 *apud* GOMES, 2017, p. 53).

Assim, claro que a versão do que conta a história não vai dar voz à versão do que foi contado. Quanto a essa perspectiva, Fanon (1968) declara que:

A história que escreve não é, portanto, a história da região por ele saqueada, mas a história de sua nação no território explorado, violado e esfaimado. A imobilidade a que está condenado o colonizado só pode ter fim se o colonizador se dispuser a pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para criar a história da nação, a história da descolonização (FANON, 1968, p. 38 *apud* GOMES, 2017, p. 53).

Hatoum faz um recorte histórico e acaba trazendo para a literatura parte da história da colonização da região norte, misturada com a história dos imigrantes estrangeiros e dos povos originários. E essas ficções narram as possibilidades, as omissões, as versões de ângulos diversos.

### 3.2 LITERATURA E CULTURA

Esta seção tratará da questão da cultura a partir dos estudos de alguns dos teóricos mais conceituados sobre o tema. Iniciando por Alfredo Bosi, em *A dialética da Colonização* (1992), esclarecendo a etimologia da palavra cultura, suas acepções e as transformações que o vocábulo foi sofrendo ao longo do tempo, tanto de grafia quanto de significação. Bosi constatou em suas pesquisas que as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo* que pode significar tanto “morar, cultivar a terra ou herdar”, sendo *colo* a matriz da palavra colônia. Recorreremos ao conceito dicionarizado da língua portuguesa só para nos atentarmos para a variedade de significados que o termo possui na atualidade e que não diferem muito dos

seus originais latinos. A palavra “cultura” possui, no dicionário, quatro significados:

1. Ato, efeito ou modo de cultivar.
2. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidas coletivamente, e típicos de uma sociedade.
3. O conjunto dos conhecimentos adquiridos em determinado campo.
4. Criação de certos animais, esp. microscópicos: cultura de germes (AURÉLIO, 2000).

Historicamente, como tantos outros conceitos, o de “cultura” acompanha a evolução e as transformações das sociedades. No entanto, poucos termos possuem tanta controvérsia quanto aos seus significados historicamente construídos. Desde o mais antigo e simples que é cultura como cultivo, até “cultura” como projeção de modos de vida em sociedade. Analisando o significado de número 1, inferimos que “ato, efeito ou modo de cultivar” nos remete às origens agrícolas das civilizações. Arar, semear, cuidar e colher são todas ações ligadas ao quefazer do homem nas lavouras, ligadas à natureza não natural, mas transformada pela ação do humano; já a segunda acepção é bem mais ampla e tenta abarcar uma infinidade de atividades, todas inerentes a comportamentos e modos de viver. Terry Eagleton (2005), em “*A ideia de cultura*”, traz a definição de cultura na perspectiva de diversos autores, perpassando pela história e pelas transformações que o termo adquiriu no decorrer dessas transformações.

A segunda acepção do Aurélio tem mais a ver com a questão das criações mais abstratas da humanidade. Não abstratas no sentido de intangíveis, mas no sentido de precisar do cultivo da mente para existir, como por exemplo as manifestações religiosas, as danças indígenas, a arte de fazer e manejar o arco e flecha, a pintura, a literatura e demais atividades que necessitam que haja um trabalho mental cultivado. Então, a segunda acepção não deixa de ser um cultivo, se entendermos cultivo como ato ou efeito de cultivar. E a terceira acepção abarca todas as demais criações científicas ou leigas.

Contudo, não existe, na sociedade ocidental, uma homogeneidade em relação à definição do que seja cultura, pois trata-se de um campo demasiado amplo e, tentar dar conta de todas as acepções é tarefa excessivamente trabalhosa para uma tese. Há um arcabouço respeitavelmente farto de autores que se debruçaram sobre o tema, tais como Edward Said, Homi Bhabha, Terry

Eagleton, Frantz Fanon entre outros, que conseguiram esclarecer historicamente a evolução e desenvolvimento do termo e das nuances que adquiriu. E buscamos demonstrar o quanto a cultura brasileira, especialmente a amazônica, foi influenciada pela cultura do colonizador.

Terry Eagleton (2011), por exemplo, cita, dentre outros, Francis Bacon quando este diz que a cultura é o cultivo da mente, trazendo o conceito de “cultura” como cultivo na forma literal e abstrata. Eagleton considera a palavra “cultura” como uma das mais complexas, quase tão complexa quanto o conceito de “natureza” que, por vezes, é utilizado como sinônimo de “lavoura” ou “cultivo agrícola”. “Nossa palavra para a mais nobre das atividades humanas, assim, é derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo.” (EAGLETON, 2011, p. 9). Para Eagleton,

A cultura, então, herda o manto imponente da autoridade religiosa, mas também tem afinidades desconfortáveis com a ocupação e invasão; e é entre esses dois polos, positivo e negativo, que o conceito, nos dias de hoje, está localizado. Cultura é uma dessas raras ideias que têm sido tão essenciais para a esquerda política quanto são vitais para a direita, o que torna sua história social excepcionalmente confusa e ambivalente (EAGLETON, 2011, p. 9).

Pode-se dizer que “cultura” é tudo o que existe naturalmente ou mesmo tudo o que é transformado na natureza. Eagleton preconiza que não há uma oposição entre natureza e cultura, uma vez que tudo o que existe no planeta ou é natural ou é feito e realizado a partir de algo já existente na própria natureza. “o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz.” (EAGLETON, 2011, p. 11). A Europa, ao subjugar outras nações, impunha suas tradições, sua língua, sua religião, sua forma de organização social e política como modelo a ser seguido para todas as nações colonizadas, sendo considerado impróprio e selvagem tudo o que não fosse a sua perspectiva. Ainda para Eagleton,

A cultura, na vida das nações que lutam pela sua independência do imperialismo, tem um significado muito distante das páginas de resenhas de livros dos jornais dominicais. O imperialismo não é só a exploração da força de trabalho barata, das matérias-primas e dos mercados fáceis, mas o deslocamento de línguas e costumes – não apenas a imposição de exércitos estrangeiros, mas também de modos de sentir que lhes são estranhos. Ele não se manifesta apenas nos balanços das companhias e nas bases militares, mas pode ser identificado nas raízes mais íntimas da fala e da significação. (EAGLETON, 2010, p. 230).

Eagleton faz um percurso bem abrangente sobre as formas que o termo cultura tomou ao longo dos séculos, propondo que as variações foram surgindo para interpretar visões de mundo de sociedades como um termo plástico, que tomou as mais variadas formas com o fito de justificar qualquer tipo de ação civilizada ou selvagem, artística ou natural, de grupos majoritários ou de minorias, civilidade ou barbarismo, enfim, “cultura” nunca foi um termo de fácil definição ao mesmo tempo em que é utilizado nos mais variados terrenos sociais e antropológicos.

Edward Said (2011) relaciona a cultura ao imperialismo, dando especial ênfase aos efeitos da colonização nas nações que sofreram com a subjugação imperialista. Para Said, “os cruzamentos entre cultura e imperialismo são irresistíveis” (SAID, p. 39) e “é difícil vincular esses diversos âmbitos, mostrar o envolvimento da cultura com os impérios em expansão, fazer observações sobre as artes que preservem suas características próprias e, ao mesmo tempo, indiquem suas filiações [...] devemos situar a arte no contexto mundial concreto. O autor faz suas proposições baseado no que foi a disputa pelas terras e pelos povos dessas terras por entender que, apesar de não ser afeito a teorias totalizantes da história, reconhece que, tendo vivido e estudado nos impérios modernos, se impressionava com a expansão contínua e o inexorável integracionismo que os constituíam.

Seja em Marx ou em obras conservadoras como as de J.R. Seeley, ou em análises modernas como as de D.K. Fieldhouse e C.C. Eldridge (cujo livro [...] [Missão da Inglaterra] é fundamental), vemos que o império britânico fundia e integrava as coisas em si, e junto com outros impérios veio a unificar o mundo (SAID, 2011, p. 38).

Os cruzamentos aos quais se refere o palestino, perpassam por, além da vivência nos impérios, as leituras de historiadores literários e culturais, economistas que interpretavam a teoria da dependência e da acumulação mundial, por entender que essas teorias são fundamentais para alcançar o contexto imperial de dominação e as grandes intervenções dessa visão de mundo na vida dos povos colonizados. E que, as propagandas de um império em expansão criavam a ilusão de segurança de seus investimentos e mencionavam falsas expectativas de lucros imensuráveis nos investimentos além das fronteiras.

[...] falar de um clima gerado tanto pelo império quanto pelos romances, pela teoria racial e pela especulação geográfica, pelo

conceito de identidade nacional e pela rotina urbana (ou rural). [...] tudo na história humana tem suas origens na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios, e, portanto, precisavam fazer algo em relação aos habitantes nativos. Num nível mais básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros (SAID, 2011, p. 38-39).

Ou seja, para as nações imperiais, os povos nativos eram o único empecilho para suas empreitadas coloniais e se livrar deles era a tarefa mais importante. E, ao sentarem-se Inglaterra, França, Portugal, Espanha, entre outras nações, ao redor de uma mesa com um mapa, um lápis e uma régua para dividir o continente africano, a única preocupação era com a extensão das terras que cada um ia poder explorar. Vê-se, na linearidade das fronteiras africanas, a ganância em seu estado mais patente. A luta geográfica, portanto, atinge a todos os viventes em todos os quadrantes do planeta. E, antes disso, Espanha e Portugal já haviam feito coisa semelhante com as Américas Central e do Sul com o Tratado de Tordesilhas. As linhas dos tratados não levaram em conta que aqueles territórios eram habitados por pessoas que compartilhavam, entre outras coisas, suas línguas e parentescos. Para Said (2011), essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações, o vínculo entre a cultura e a política imperial é assombrosamente direto. (SAID, 2011, p. 41).

A prática colonialista foi, para os habitantes das nações colonizadoras, um tema justificado, pois a Europa era tida como a parte superior do planeta. As práticas de escravização não passavam de mais um tipo de comércio no rol de serviços prestados que rendiam bons dividendos aos investidores, portanto, manter outros povos cativos não era considerado nada incivilizado.

Hommi Bhabha (2013), analisando obras de vários autores e autoras que vivem em países colonizados ou que escrevem a partir do lugar do colonizado, conclui que não há fixidez para determinar o que seja cultura nos contextos coloniais. Muito pelo contrário, as obras de povos colonizados, muitas podem ser entendidas como um contra discurso onde os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. (BHABHA, 2013, p. 21).

Para Eagleton, estamos presos, no momento, entre uma noção de cultura debilitantemente ampla e outra desconfortavelmente rígida, e que nossa necessidade mais urgente nessa área é ir além de ambas. Para Bonnici,

A situação da cultura num país que teve a experiência da colonização sempre foi um tema com merecido destaque em qualquer discussão. O assunto se torna mais polêmico quando se discute a descolonização da cultura. A partir de noções dialéticas do binário imperialismo-colonialismo, muitos autores colocam a cultura nacional no contexto da libertação dos povos colonizados para tentar analisar a sua verdadeira face e as consequências por ela engendradas na luta anticolonial. (BONNICI, 2012, p. 402).

Tratar a descolonização da cultura como termo polêmico nos remete à abrangência e diversidade do conceito na sua origem. Praticamente, todos os setores da vida pública e privada nas nações que foram colonizadas sofreram impactos da presença da cultura do colonizador ou colonizadores. O que se pode pensar em termos de descolonização é o que muitos estudiosos já vêm fazendo que é questionar determinadas práticas, determinados termos e determinadas posturas dos organismos e associações diante de posturas que colocam em xeque a integridade da pessoa ou os direitos humanos garantidores de igualdade e cidadania. Isso evoca outra questão tão polêmica quanto que é a questão de raça/etnia.

Fanon (1968) discute o papel do intelectual colonizado em relação direta com o resgate cultural da nação e explica que o projeto de aculturação do colonizador foi levado a cabo com um trabalho de inculcação psicológica do medo. A tática adotada pelo colonizador foi, segundo Fanon, meter na cabeça dos indígenas que a saída do colonizador seria algo ruim; que ele, o (colonizador) era como a mãe, que defendia o filho dele mesmo contra seu próprio ego, sua fisiologia, sua biologia, sua infelicidade ontológica, numa espécie de pedagogia do medo. Ele (o colonizador) se colocava como sendo o protetor que, se fosse embora, a barbárie se instalaria.

Quando refletimos nos esforços empregados para provocar a alienação cultural tão característica da época colonial, compreendemos que nada foi feito ao acaso e que o resultado global pretendido pelo domínio colonial era convencer os indígenas de que o colonialismo devia arrancá-los das trevas. O resultado, conscientemente procurado pelo colonialismo, era meter na cabeça dos indígenas que a partida do colono significaria para eles o retorno à barbárie, ao aviltamento, à animalização (FANON, 1968, p. 175).

Homi Bhabha (2013) também discute o discurso colonial construído a partir de um estereótipo de ambivalência entre a individuação da

marginalização no qual prova que o colonizado é estereotipado, seja logicamente ou empiricamente.

Todavia, a função da ambivalência como uma das estratégias discursivas e psíquicas mais significativas do poder discriminatório – seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano – está ainda por ser mapeada. [...] A analítica da ambivalência questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação (BHABHA, 2013, p. 118).

Assim, o sujeito colonizado é marginalizado por este discurso racista e sexista que o apresenta como tipos degenerados, preguiçosos e indolentes. E esses discursos e atos foram os criadores, em última análise, do entorno cultural que permeia as relações de colonialidade circundante. Todas as outras relações entre as partes da relação colonizador/colonizado se baseiam nessas premissas ditas e repetidas à exaustão.

Os conteúdos ligados às nações colonizadas eram considerados como sendo de margem ou periféricos, sem muita importância ou que tem pouco ou quase nada a acrescentar ao centro dentro de uma ideologia hegemônica. A ideologia de valorização da língua inglesa e do desenvolvimento europeu são fatores que confirmam, dentro da lógica cultural, a superioridade da civilização europeia, enquanto que as demais culturas são rejeitadas por representarem a cultura considerada inferior, primitiva e selvagem dos nativos que vivem nas margens. Sendo assim, a ideologia de que o que vem da Europa ou o que vai para a Europa se traduz como sendo bom e de valor cultural e esteticamente mais bem qualificado. Bonnici, citando Viswanathan, diz que:

A sedução era tanta, que muitos nativos começaram a mergulhar nessa cultura importada e, negando as suas origens, passaram a escrever na língua padrão europeia e a imitar os clássicos de sua literatura. “Os administradores coloniais britânicos, instigados pelos missionários e pelo medo das insubordinações nativas, descobriram um aliado na literatura inglesa para apoiá-los em seu controle dos nativos sob um pretexto de educação liberal” (VISWANATHAN, 1987, p. 17 *apud* BONNICI, 2012, p. 206).

A questão primordial é que a cultura e a língua do colonizador foram introduzidas nas vidas das nações colonizadas e, apesar de muitos esforços, ainda continuam firmes e fortes nos currículos universitários, nas propagandas de todos os veículos de informações, nos nomes dos comércios e lojas, nos termos utilizados por profissionais das áreas de administração e gerenciamento, entre outras, principalmente os termos ligados à área de tecnologias da informação. E não há esforços sendo realizados no sentido de

reverter essa genuflexão à língua e aos costumes dos colonizadores, pelo menos no Brasil, apesar de os estudos pós-coloniais e decoloniais estarem em alta em muitos segmentos.

Assim, discutir a literatura hatoumiana dentro da perspectiva dos Estudos Culturais e como meio de refutar ou de corroborar as discussões em torno da colonialidade que permeia as relações está no bojo desta análise. Pois, entende-se que todas as relações no interior das obras estão intrinsecamente ligadas aos espaços tanto simbólicos quanto geo-históricos. Essas relações possuem ligações diretas com as narrativas que possuem um *lôcus* totalmente transformado por meio da colonização tanto interna como externa. Nesse sentido, os estudos literários e os estudos culturais têm se constituído formas de identificar as vozes de resistência que prefiguram formas de conhecimento e emancipação. São, apesar da crise nas Humanidades, ainda, meios de análises críticas que se entrelaçam em alguns contextos, no entanto, precisam ter suas especificidades respeitadas e esclarecidas. Para Eagleton,

É difícil escapar à conclusão de que a palavra “cultura” é ao mesmo tempo ampla demais e restrita demais para que seja de muita utilidade. Seu significado antropológico abrange tudo, desde estilos de penteado e hábitos de bebida até como dirigir a palavra ao primo em segundo grau de seu marido, ao passo que o sentido estético da palavra inclui Igor Stravinsky mas não a ficção científica (EAGLETON, 2011, p. 51).

Dentro desse conceito, o que é popular e de massa não é considerado cultura, pois pertence a uma categoria que paira entre o antropológico e o estético. Eagleton esclarece que o estético pode parecer nebuloso demais e o antropológico, limitado demais. São, portanto, duas concepções ambivalentes porque uma é rígida demais e a outra muito debilitantemente ampla. Assim, conceituar o termo “cultura” exigiria bem mais que uma seção numa tese de doutorado. Eagleton (2011) esclarece que o encontro colonialista é, desse modo, um encontro da Cultura com a cultura – de um poder que é universal, mas por isso mesmo incomodamente difuso e instável.

### 3.3 A LITERATURA EM FACE DO CAPITALISMO

Nesta subseção, tratar-se-á do nascimento do capitalismo e da modernidade no mesmo momento em que a Europa invade as Américas. Enrique Dussel (2012) afirma que a modernidade, o capitalismo e a América Latina nasceram no mesmo dia. Dussel postula que um não existiria sem o outro, pois, com o advento da descoberta das novas terras, a busca por terras e riquezas foi potencializada, nascendo assim a modernidade. A modernidade demandava financiamentos e estes provinham das empreitadas colonizadoras que por sua vez aderiam à colonização como forma de sustentação financeira, ou seja, havia, e ainda há, entre os três uma retroalimentação constante.

O desejo da humanidade por satisfazer os prazeres fez o capitalismo encontrar no anseio humano uma fonte de riquezas que se reinventa a cada nova descoberta ou até cada nova crise do capital. O capitalismo se transforma desde que foi descoberto como fonte de riqueza ao oferecer bens de consumo. Exemplo disso são os temperos que hoje são comuns como sal e açúcar, que já foram objetos de cobiça caríssimos e raros no passado. A busca por especiarias, pimentas, temperos, tapeçarias, frutas raras como laranja e banana, café, cravo-da-índia, tomate, caju se constitui objeto de ambição pelos mercadores que buscavam essas mercadorias na Índia e as vendiam para a Europa a preços altíssimos.

Diante do fechamento das vias de acesso pelo Mediterrâneo pelos árabes, não restou outra alternativa para os europeus senão a de conseguir uma outra forma de chegar às Índias para reativar o comércio desta com a Europa. Ao se perderem pelo caminho, encontraram várias outras terras que foram logo invadidas e saqueadas. Com isso, vários países europeus iniciaram suas empreitadas colonizadoras no período que os livros de História Geral brasileiros nomeiam de As Grandes Navegações ou expansões dos séculos XIV e XV quando encontraram e invadiram territórios nas Américas, na África e ilhas por todos os quadrantes do planeta.

Segundo Dussel (2012), para concretizar essas invasões a contento, colonizar os bárbaros (índios) foi criado o discurso da modernidade que foi baseado na justificativa de que a cultura europeia era a mais desenvolvida, que

sua população era superior, que as outras culturas deveriam se curvar diante da cultura mais desenvolvida e que a dominação de outras culturas pela Europa tratava-se de uma ação pedagógica e que, se usava de violência para convencê-los a trabalhar e a cooperar, era para o próprio bem da humanidade. Portanto, o mito da modernidade foi construído com base na falácia de que os homens bárbaros, ou seja, os índios, deveriam ser servos por natureza, uma vez que deveriam admitir que os homens mais poderosos e perfeitos deveriam governar os incultos e não humanos e que seria de grande valia para os bárbaros que aceitassem essa premissa como coisa natural e justa e que isso seria o melhor para o bem da humanidade. Que, para o discurso colonialista, a dominação seria boa também para o dominado, o conquistado, vencido.

Assim, o eurocentrismo, como discurso modalizador, justificava a barbárie como uma ação pedagógica que tinha o objetivo de ensinar os selvagens que a obediência era a coisa certa a ser feita pois, o imperfeito deveria obedecer ao perfeito; o pior, ao melhor; o inferior, ao superior de maneira que a dominação que se exerce sobre o Outro é, na realidade, para seu próprio bem. Para Dussel,

En esto consiste 'el mito de la modernidad', en un victimar al inocente (al Otro) declarándolo causa culpable de su propia victimación, y atribuyéndose el sujeto moderno plena inocencia con respecto al acto victimario. Por último, el sufrimiento del conquistado (colonizado, subdesarrollado) será interpretado como el sacrificio o el costo necesario de la modernización (DUSSEL, 2012. p. 86)<sup>15</sup>.

Os povos originários americanos foram considerados pelos europeus como não civilizados porque não possuíam propriedade privada e não deixavam seus bens de herança para seus descendentes quando morriam. Ora, para os nativos, a terra não tinha dono, todos poderiam desfrutar da vida enquanto a tivessem, logo, quando morriam, a terra ficaria para os que ainda viviam e não poderia ser privatizada como propriedade de alguns apenas. Este pensamento era inadmissível para os europeus que entendiam que esse modo de vida era sinal de que os bárbaros mereciam ser subjugados.

---

15 Nisto consiste o 'mito da modernidade', em um vitimar ao inocente (ao Outro) declarando-o como culpado da sua própria vitimação, e atribuindo-se ao sujeito moderno plena inocência a respeito do ato de vitimação. Por último, o sofrimento do conquistado (colonizado, subdesenvolvido) será interpretado como o sacrifício ou o custo necessário da modernização. (Tradução nossa).

Ou seja, a Europa precisava justificar toda a torpeza da violência que cometia contra os povos colonizados, pois sua sobrevivência financeira dependia do quanto se conseguia capturar de riquezas para a sustentação do capitalismo nascente. Assim, toda a colonização foi justificada pelo discurso da superioridade europeia baseado na ideia da bestialidade ou barbaridade dos nativos.

A colonialidade permanece nos discursos, por exemplo, que os trabalhadores homens, ganhem mais que as mulheres para desempenharem as mesmas funções; que as mulheres sejam rejeitadas em determinados postos de trabalho porque têm filhos ou porque menstruam ou até mesmo que mulheres indígenas ou pretas trabalhem em situações análogas à escravidão em casas de famílias ou fazendas; que indígenas não podem ter aparelhos eletrônicos nas aldeias porque senão deixam de ser indígenas. Ou seja, a lista é infinitamente grandiosa.

Ao descrever como os irmãos de Hakim se comportavam com as empregadas da casa e com as mulheres na rua, e como a mãe reagia a esses comportamentos, está se expondo uma clara manifestação de como a colonialidade permeia as relações de domínio sobre a natureza e sobre os semelhantes. A literatura hatoumiana busca, nas linhas e entrelinhas, a brecha que existe entre o capitalismo e a obra literária que quer se sobressair a este modo de pensar a colonização e o que ela trouxe às nações que foram colonizadas. Para Cahen,

[...] a expansão do capitalismo não foi sinônimo da expansão do modo de produção capitalista, houve situações onde o que se expandiu foi a subalternização de sociedades em vez da sua proletarização, com todas as consequências culturais que isso pode trazer. Nesse sentido, os estudos pós-coloniais (quando não influenciados demais pelo pós-modernismo), em particular aqueles em termo de colonialidade, parecem-me de grande utilidade. Mas justamente, será que o conceito de colonialidade é afinal diferente do antigo conceito de terceiro-mundo, ou ainda de periferia do capitalismo? (CAHEN, 2018, p. 71).

Então, diante da pergunta feita por Cahen, a resposta pode ser bastante difícil de ser dada, pois o capitalismo, assim como a colonização, são como grandes polvos com tentáculos muito grandes, pegajosos e que possuem um longo alcance nas suas influências. Alguns autores fazem uma diferenciação baseada nas mais variadas explicações. Por exemplo, citam que o capitalismo produz pobreza e miséria mesmo nas nações não colonizadas e argumentam

que o mesmo não ocorre com a colonização, que se concentra fora dos países centrais. No entanto, analisando bem de perto, percebe-se que os conceitos de Sul e Norte não são fixos, assim como o conceito de eurocentrismo, que não designa um espaço geográfico, mas um modo de ver as coisas. Ou seja, capitalismo pode até produzir pobreza, como de fato produz, nas nações do centro, mas não traz, por exemplo, a exclusão por raça/etnia. Essas exclusões e tipos de dominação, são prerrogativas dos habitantes das nações colonizadas. Segundo Mignolo,

O capitalismo conhece hoje o seu último período possível de expansão no planeta. Depois, terá que enfrentar diretamente as suas contradições internas, incluindo ambientais. Mas isso pode demorar algumas gerações, durante as quais muitas centenas de milhões de habitantes continuarão a viver sob o regime da colonialidade. Os atentados em Paris de novembro de 2015 não são “pós-coloniais” mas com certeza são o produto da permanência da colonialidade, um aspecto central do lado obscuro do capitalismo tardio (MIGNOLO, 2011, *apud* CAHEN, 2018, p. 73).

Assim, capitalismo e colonialidade são faces da mesma moeda e possuem entre si similaridades que vão ao encontro de teorias claras de subalternização do Outro. O primeiro, traz no seu bojo a exploração da natureza e das pessoas e a segunda traz a subalternização por meio da colonização das subjetividades. E essas formas de subalternização culminam sempre em produção de exploração, trabalho análogo à escravidão (nunca deixou de existir, mas atualmente está muito popular no Brasil), entre outros. Agora, só estamos dando nome.

As obras de Hatoum trazem uma das modalidades desse tipo de escravização com a exploração dos trabalhadores indígenas e mestiços. Talvez essa questão dentro das obras não tenha chamado muito a atenção dos pesquisadores porque há, de uma certa maneira, uma tal naturalização na sociedade brasileira deste tipo de exploração, que se justifica o não-olhar para esses temas ou por passarem despercebidos dos estudos de análise cultural. Ou até mesmo porque outras nuances sejam mais expressivas merecendo, portanto, mais dedicação por parte dos pesquisadores.

### 3.4 O SUJEITO COLONIAL SUBALTERNIZADO

Nesta subseção, abordaremos questões relacionadas ao sujeito colonial subalternizado. Como já mencionado neste estudo, a colonização trouxe consigo muitos outros temas subjacentes tais como a subalternização, a inferiorização, o silenciamento, o problema das identidades, o problema da alteridade no encontro com o Outro, o problema da racialização e da etnicidade.

O termo “subalterno” vem do latim *subalternus* e significa: aquele que é ou está subordinado a outro; que é inferior, ou ainda, aquele que é inferior ou inferiorizado. No contexto dos estudos pós-coloniais, tem a ver com o colonialismo ou colonialidade que apareceu juntamente com a figura do colonizador que estava em posição de superioridade em relação ao colonizado nas colônias; começou a ser utilizado na década de 1970 na Índia e nos anos 1980 surge como os estudos subalternos, iniciado pelo indiano Ranajit Guha<sup>16</sup>, professor e pesquisador em várias universidades indianas e inglesas como uma maneira de se referir não somente aos colonizados em relação ao colonizador, mas também para se referir a grupos marginalizados de toda sorte, tais como os negros, mulheres, comunidades quilombolas, povos originários, comunidades de estilo alternativo de vida entre outros. Nesta

---

16 Ranaj Guha editou *Subaltern Studies I-VI* (1982-89). Suas publicações incluem *A Rule of Property for Bengal: An Essay on the Idea of Permanent Settlement* (1963, 1982, 1996), *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India* (1983), e *Dominance without Hegemony: history and Power in Colonial India*. Tem atuado como professor e pesquisador em várias universidades da Índia, Inglaterra, Estados Unidos e Austrália

pesquisa, o termo “subalterno” é utilizado para se referir às pessoas ou aos grupos postos em posição de inferioridade diante das atitudes e discursos.

Uma parte importante a ser citada em relação ao processo de subalternização e aculturação dos povos colonizados é o silenciamento que se faz por meio da opressão e do desprezo que é parte inerente ao pacote que acompanha o colonialismo. Para Boaventura de Souza Santos (2007), o silêncio e a diferença foram dois problemas resultantes da cultura e da modernidade ocidental. A cultura hegemônica, que teve contato com outras culturas de silenciamento e desprezo por meio do colonialismo, sufocou as vozes dos colonizados. Sendo o silenciamento uma arma que o contato colonial usa para destruir o que existe, propondo uma não-existência por meio da opressão cultural.

O silêncio é o resultado do silenciamento: a cultura ocidental e a modernidade têm uma ampla experiência histórica de contato com outras culturas, mas foi um contato colonial, um contato de desprezo, e por isso silenciaram muitas dessas culturas, algumas das quais destruíram (SANTOS, 2007. p. 55).

Um dos resultados mais catastróficos do silenciamento criado pelo contato colonial foi o que Boaventura chama de aspirações consideradas improferíveis. Improferíveis porque as pessoas não sabem dizer. Elas têm o que dizer, no entanto, não sabem como dizer porque lhes foi negado o direito de dizer o que quisessem com as palavras que tinham dentro das suas realidades.

[...] há nos oprimidos aspirações que não são proferíveis, porque foram consideradas improferíveis depois de séculos de opressão. O diálogo não é possível simplesmente porque as pessoas não sabem dizer: não porque não tenham o que dizer, mas porque suas aspirações são improferíveis. E o dilema é como fazer o silêncio falar por meio de linguagens, de racionalidades que não são as mesmas que produziram o silêncio no primeiro momento (SANTOS, 2007. p. 55).

Spivak (2010) coloca a questão da subalternidade como uma consequência do silenciamento fazendo uma associação entre ambos e chama a atenção para o fato de que, para as mulheres, a subalternidade foi muito mais implacável do que para os homens numa escala exponencial. “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (SPIVAK, 2010. p. 17). Ao expor suas concepções sobre a

pergunta a que se propõe discutir, Spivak diverge do SSG (*Studies Subaltern Group*) por defender que o termo “subalterno” não deva englobar todo e qualquer sujeito subalternizado. Analisando as acepções de teóricos como Deleuze e Guattari, a indiana pondera que as acepções são problemáticas quando querem dar conta da totalidade ao passo que, em vez disso, cada termo se aplica a determinada sociedade em determinado momento histórico, social e econômico. Argumenta ainda que:

O termo subalterno descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (SPIVAK, 2010. p. 13).

Spivak questiona e tece críticas a intelectuais como Deleuze e Foucault para puxar uma reflexão sobre o papel do intelectual que se propõe pós-colonial criticando as posturas diante da responsabilidade em se representar o sujeito subalterno, em representá-lo sem lhe proporcionar os espaços para que este possa representar a si mesmo. Agir dessa forma, argumenta, é manter o subalterno na subalternidade, no lugar do silêncio. A subalternização é, portanto, a arma do colonialismo para impedir que, mesmo tendo muito a dizer, ao subalterno lhe falte até mesmo vocabulário para se expressar conforme Boaventura explica.

Neste estudo, a vertente que mais nos interessa é a do sujeito subalternizado por sua raça, sua etnia e gênero em face da subjugação do estrangeiro imigrante no centro da Amazônia brasileira, mais precisamente, o mestiço e a mulher indígena representados nas obras de Milton Hatoum, provocando uma discussão em torno do silenciamento em que essas populações foram mantidas. Para Castro, o que hoje chamamos de Brasil, foi construído em cima do apagamento de memórias de povos originários que aqui habitavam.

[...] o poder não é caracterizado por superioridade de força e capacidade de violência e intimidação, mas também possui um aspecto não material, marcado pela primazia de alguns em se colocarem como porta-vozes da narrativa a partir da qual a história de todos será contada (CASTRO, 2020 p. 141).

Os povos originários que habitavam essas terras, apesar de serem detentores de distintos hábitos, crenças e línguas, todos foram reduzidos a um só nome e obrigados a cederem aos apelos do colonizador que os tratou a

todos como índios, ou seja, habitantes das Índias que achavam que tinham encontrado.

Para Eagleton, a ideia da superioridade eurocêntrica tratou os povos originários como objetos de pesquisa e de curiosidade, trancafiando-os em jaulas e levando para a Europa para serem exibidos como seres bestiais. No entanto, o discurso não combinava com a prática do que faziam com essas populações que foram tratadas como seres incapazes como se estivessem na menoridade. Segundo Castro,

Tanto em um caso como no outro, o que se percebe é que o tratamento dado às diferenças não é de reciprocidade e de respeito à diversidade e à multiplicidade de manifestações de modos de vida, mas sim de dominação. A ideologia da percepção da diferença como uma marca de inferioridade é a forma de justificação da expropriação do trabalho da mão de obra escrava, necessária ao acúmulo do capital (CASTRO, 2020, p. 143).

A subalternização foi, portanto, um dos desdobramentos da colonização que se apegou a critérios biológicos para impor a inferiorização do Outro e a partir deste Outro, o europeu forja a sua identidade de superioridade de raça em detrimento das populações “atrasadas”. A ideologia da percepção da diferença se justifica a partir de critérios biológicos de raça/cor e etnia com o fito de inferiorizar, classificar e hierarquizar os humanos colonizados tendo o europeu como modelo ideal de comparação.

Vale a pena pensar nas teorias dos estudos subalternos e da colonialidade, por exemplo, quando, ao andar pela periferia de Manaus, Mundo, o protagonista de *Cinzas do Norte*, se depara com uma casa de madeira abandonada num terreno baldio onde vivem indígenas em situação bastante precária de existência. Mundo lembra do seu pai e pensa em como Jano se referiria àquelas pessoas se os visse naquelas condições, sentados no chão, comendo.

Latidos da cachorrada, e o som de um rádio numa casa de madeira no terreno baldio. Passamos pela frente da igreja e mais adiante vimos uns vultos atrás do gradil da casa abandonada. Comiam sentados no chão. Choro de crianças e vozes incompreensíveis. Mundo tocou no meu braço: se Jano visse aqueles índios, ia dizer que eram preguiçosos e vagabundos (HATOUM, 2005, pp. 44-45).

Em situações como esta, vê-se que os indígenas amazônicos foram duplamente punidos pela colonização. Uma vez, quando o colonizador chegou, tomou-lhes as terras, poluiu os rios com o mercúrio dos garimpos, com a

escravização e abandono. E outra vez quando foram expulsos das suas aldeias para as cidades, vivendo nas periferias, sem condições de subsistência e ainda não só com suas culturas e modos de vida ameaçados, mas suas vidas também. Compactuar com esses absurdos é, antes de mais nada, culpar as vítimas por sua desgraça. E, nas obras de Hatoum, essa Manaus dos excluídos e explorados é constantemente apresentada.

### 3.5 DESCOLONIZAÇÃO OU DECOLONIALIDADE: TEORIAS DECOLONIAIS

La liberación de las relaciones interculturales de la prisión de la colonialidad entraña también la libertad de todas las gentes, de optar individual o colectivamente en tales relaciones; una libertad de opción entre las diversas orientaciones culturales. Y sobre todo, la libertad para producir, criticar, y cambiar e intercambiar cultura y sociedad. (ANÍBAL QUIJANO).

Esta subseção se propõe a descrever a teoria da descolonização ou decolonialidade frente aos conceitos de colonização e descolonização. Se há diferença entre uma acepção e outra é o que nos propomos a revisar nas literaturas de Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Rita Segato, Boaventura de Sousa Santos, entre outros. Percebemos que, em alguns textos, colonialismo e colonialidade trazem uma certa confusão e são confundidos, mas são maneiras diferentes de tratar os eventos. Para Aníbal Quijano (2019), a colonialidade é muito maior que o colonialismo, ela é o complemento invisível da modernidade ocidental. Enquanto o colonialismo está intrinsecamente ligado à colonização, a colonialidade é a outra face da modernidade, portanto o par modernidade/colonialidade são inseparáveis e trazem no seu bojo formas de colonialismo que não cessaram com a independência das colônias.

Empreendemos, nesta pesquisa, uma busca pelo significado das palavras decolonial e descolonial, que resultou bastante trabalhosa, pois em muitos textos os termos são utilizados como sinônimos, o que nos levou a decidir utilizar o termo conforme o teórico estudado no momento da escrita, pois entendemos que não nos cabe a prerrogativa de definir algo tão plástico como este tema. A origem da palavra é divergente, uma vez que o prefixo “des” ou “de” traz consigo o sentido de negação, separação ou ação contrária<sup>17</sup>. Aníbal Quijano (2019), por coerência com as suas ideias e ideais preferia o termo descolonial que é o termo correto conforme a gramática da língua espanhola e não por acaso do português também; decolonial corresponde à derivação do inglês (decoloniality) ou do francês (decolonialité), por isso foi rechaçada por Quijano<sup>18</sup>. A pesquisadora Catherine Walsh adotou o termo “decolonial” por entender que o prefixo “des” não seja compatível com a ideia de viver como se o colonialismo não houvesse existido.

Excluir o ‘S’ é escolha minha. Não é promover o anglicismo. Pelo contrário, pretende estabelecer uma distinção com o significado em espanhol de ‘des’ e o que pode ser entendido como um simples desmontar, desfazer ou reverter do colonial. Ou seja, passar de um momento colonial para um momento não colonial, como se fosse possível que seus padrões e traços deixem de existir (WALSH, 2013, p. 24-25).

Muito mais que uma discussão acadêmica, o decolonialismo tem sido comumente difundido a partir da *práxis* dos grupos de movimentos sociais. Trata-se de um movimento que não teve seu início dentro dos muros da universidade, foi levado dos movimentos sociais para a academia. Os questionamentos em torno das diferenças culturais e a maneira como os conhecimentos estavam sendo transmitidos têm sido objetos de debates, pesquisas e reflexões de estudiosos do Brasil e da América Latina em um movimento de provocação vigoroso. E também, o uso do “de” ou do “des” não importa muito se pensarmos na etimologia da palavra pois, no final das contas, todos os idiomas latinos têm o mesmo tronco linguístico, ou seja, não há para onde fugir, sempre teremos de nos expressar na língua do colonizador que já não é mais dele<sup>19</sup>, senão nossa.

---

17 Gramática Moderna portuguesa.

18 Walter D. Mignolo em Quijano (2019).

19 A Tempestade, de Shakespeare.

Nos últimos anos, as diferenças culturais e a forma de transmissão de conhecimentos têm sido objetos de debates, pesquisas, reflexões de pesquisadores colonizados. Há uma provocação em torno da ideia de deixar de achar normal a opressão étnica, cultural, sexista, corpórea e social imposta diante das colonizações. Diante disso, busca-se novos olhares, novas formas de conhecimento que valorizem as diferenças ante uma estrutura social que urge por descolonização.

Para o sociólogo Aníbal Quijano, o colonialismo foi a dominação do mundo circundante pelos europeus e tudo o que se refere a este fato histórico de tomada social, política e cultural. E a colonialidade, por sua vez, é a extensão do colonialismo que, de fato, nunca deixou de existir e que perdura sob as mais variadas formas de dominação. O que Catherine Walsh nomeia de a Hidra do capitalismo que se refaz toda vez que tem uma de suas cabeças cortadas.

Rita Segato (2021) expõe a teoria da colonialidade do poder, desenvolvida por Aníbal Quijano e o grupo de pesquisas latino-americano do grupo de estudos modernidade/colonialidade. O sociólogo, ao contestar os que classificavam suas proposições como pertencentes aos estudos pós-coloniais, dizia não saber o que significava pós-colonialismo, uma vez que, para ele, o padrão da colonialidade, conforme seu modelo, nunca foi desconstituído de verdade na América Latina, o que existia de fato era a presença e influência no movimento da sociedade. Para Aníbal Quijano (2019), a colonialidade do poder perpassa pela colonialidade do pensar e, descolonizar o viver e o pensar só será possível com o deslocamento e a reconstrução epistemológica. Para Segato,

o pivô do sistema de colonialismo se encontrava na racialização, na invenção da raça e na hierarquia colonial que se estabeleceu e permitiu aos “brancos” – e depois chamados de “europeus” – o controle do trabalho. [...] é aí que origina o eurocentrismo, que logo passa a reproduzir o sistema de exploração e o critério de distribuição de valor a sujeitos e produtos (SEGATO, 2021, p. 59).

Colonizar, pilhar, subjugar outros povos com violência para tomar terras e riquezas não era novidade entre os costumes dos povos desde a antiguidade. A humanidade, desde remotos tempos, leva a prática da dominação e invasão de territórios como uma coisa comum. O que aconteceu no século XVI é que as terras ao redor da Europa já estavam todas ocupadas,

por isso, com o fechamento da saída pelo Mediterrâneo, Portugal teve a ideia de encontrar outros caminhos para continuar comercializando as iguarias que vinham da Índia. Ao encontrar o continente Americano, Espanha e Portugal perceberam que haviam encontrado um lugar bem maior que uma ilha e entenderam que, para retirar o que queriam dessas terras, precisavam mais que invadir, era imprescindível subjugar os nativos. Precisavam, para implementar a empresa colonial, de mão-de-obra, e os nativos eram perfeitos para esta empreitada. Diante do desafio de escravizar os nativos, e já de posse das terras africanas, decidiram que escravizar aquela gente seria bem mais fácil, já que os nativos das Américas eram selvagens e difíceis de serem dominados.

Essa empreitada colonial nas Américas e na África foi bem mais trabalhosa, mas muito rentável e, para isso, valeram-se de muitos investimentos das coroas que deveriam retornar multiplicados em forma de ouro, prata, pedras preciosas, madeiras e escravos. E, se acostumaram tanto com a mão-de-obra escrava que os europeus não admitiam a ideia de se pagar pelo trabalho dos escravos. Tanto que, ao findar a escravidão no Brasil, os negros africanos e seus descendentes foram abandonados à sua própria sorte nas periferias das cidades sem lugar para morar e sem empregos, foram obrigados a sobreviverem da forma que dava. A fome e a miséria, que já existiam durante a escravidão, foram agravadas pelo abandono a que os africanos escravizados foram abandonados. Os indígenas que sobreviveram à escravização e aos ataques, eram caçados para serem mortos, sem aldeias, sem meios de sobreviver às enfermidades, morriam com facilidade por não possuírem resistência física aos vírus trazidos pelos estrangeiros. Os nativos que conseguiram adentrar pela floresta foram protegidos por ela. Para Aníbal Quijano, o fato é que já desde o começo da América, os futuros europeus associaram o trabalho não pago ou não assalariado com as raças dominadas porque eram inferiores. (QUIJANO, apud Segato, p. 59).

A colonização, segundo Segato, atinge não somente a vida prática dos colonizados, como também suas subjetividades. As universidades, nas colônias, mesmo após o fim do colonialismo (insisto aqui em dizer que não somente Aníbal Quijano, como Boaventura de Sousa Santos não concordam que exista um pós-colonialismo), foram organizadas nos padrões eurocêntricos

sua produção e reprodução de saberes. Portanto, a colonialidade do saber incorpora o ensino e reproduz os conhecimentos da metrópole.

A partir dessa organização eurocêntrica da produção e da subjetividade, por um lado, os próprios saberes passam a reger-se por essa escala de prestígio, e, por outro lado, o saber disciplinar sobre a sociedade estrutura-se, muito especialmente, a partir da relação hierárquica do observador soberano sobre seu objeto naturalizado (SEGATO, 2021, p. 62).

Em outras palavras, a Europa ditava, numa lógica racista e eurocêntrica o que se ensina, o que se aprende; quem ensina e quem aprende; quais conhecimentos são necessários e quais devem ser refutados; o que é ciência e o que é crendice; o que é arte e o que é artesanato; quem manda e quem deve obedecer; quem são os autores aceitos na academia e quem não deve ser estudado deslegitimando os saberes advindos de qualquer outra parte.

Outra premissa cara aos estudos decoloniais é a colonialidade da subjetividade dos povos nativos, os quais perderam suas memórias ou as tiveram deturpadas, violadas e excluídas de todas as formas possíveis e imagináveis. Todas as suas subjetividades foram deturpadas. Para Quijano, a colonização foi a mais perversa experiência de alienação histórica e,

Essas populações viram sua memória interceptada, obstruída e cancelada. Seus saberes, línguas e formas de registro ou escrituras; suas cosmologias; 'suas próprias imagens, símbolos e experiências subjetivas'; que se encontraram 'impedidas de objetivar'; seus valores; suas pautas estéticas; seus padrões de sociabilidade e 'relações rituais'; e seu 'controle da autoridade pública' comunitária tiveram de readaptar-se 'continuamente às exigências mutantes do padrão global de colonialidade', bem como as regras de solidariedade e reciprocidade pelas quais se orientavam (QUIJANO, *apud* SEGATO, 2021, p. 63-64).

Toda forma de colonização é perversa e violenta, principalmente quando essa colonização faz com que o Outro se veja como problemático por conta da sua cor ou da sua etnia, ou seja, fatores alheios à sua escolha, uma vez que não se escolhe como, onde ou em que condições se nasce. Conforme Quijano, o racismo e o eurocentrismo estão intrinsecamente ligados, pois,

Eurocentrismo nada mais é do que racismo no campo da hierarquização e atribuição de valor desigual às pessoas, ao seu trabalho e aos seus produtos, bem como aos saberes, normas e pautas de existência próprias das sociedades que se encontram de um lado e do outro da fronteira traçada entre Norte e Sul pelo processo colonial. (QUIJANO, *apud* SEGATO, 2021, p. 63-64).

Quijano formula seu conceito de colonialidade analisando a produção de conhecimentos, a produção de subjetividades como uma forma de o

colonizador continuar mantendo o controle dos habitantes das ex-colônias na forma de racismo, de dominação social, cultural e do saber “[...] no es sólo dependencia política y económica sino mental, es decir, epistémica”. (QUIJANO, 2019, p. 14)<sup>20</sup>. É a continuação da subjugação do Outro por meio do controle mental. Para Quijano, a globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou ainda na constituição das Américas e que provou ser o padrão de poder utilizado para a classificação do Outro.

O racismo, segundo Quijano, é a ideia de classificação social da população mundial sobre a ideia de raça e é um dos eixos fundamentais do padrão da colonialidade do poder. Esse eixo, que foi fundado em caráter colonial, tem provado ser mais duradouro e estável que o colonialismo.

A colonialidade é

[...] una construcción mental que expresa la experiencia básica de la dominación colonial y que desde entonces permea las dimensiones más importantes del poder mundial, incluyendo su racionalidad específica, el eurocentrismo. (QUIJANO, 2019, p. 225)<sup>21</sup>.

O racismo coloca as diferenças de estruturas biológicas entre colonizador e colonizado como fator de situação natural de inferioridade de uns em relação aos outros. Essa ideia foi um dos principais elementos na construção das relações das populações das Américas e fundadora da articulação de controles na forma de controle dos demais âmbitos das relações.

Sobre esa base, en consecuencia, fue clasificada la población de América, y del mundo después, en dicho nuevo patrón de poder. De otra parte, la articulación de todas las formas históricas de control del trabajo, de sus recursos y de sus productos, en torno del capital y del mercado mundial. (QUIJANO, 2019, p. 226)<sup>22</sup>.

A colonização, que seguiu por vários séculos, explorando e dominando as Américas e a África, fez das populações dessas nações, vítimas de toda sorte de violências. O colonialismo como dominação política direta formal e

---

20 [...] não é somente dependência política e econômica senão mental, ou seja, epistêmica. (Tradução nossa).

21 [...] uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. (Tradução nossa).

22 Sobre essa base, em consequência, foi classificada a população da América, e do mundo, depois, em dito novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial. (Tradução nossa).

explícita parece que virou assunto do passado assim que foi derrotado, primeiro nas Américas e depois na África e na Ásia, após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, a conquista desses territórios e sua dominação por séculos transformou as nações colonizadoras europeias, 500 anos depois, em um poder global que articula todo o planeta. As manobras coloniais renderam um saldo de mais de 500 anos de experiência, o que rende às nações europeias dividendos em todos os âmbitos. A concentração dos maiores recursos do mundo, angariados durante os anos de colonização, está nas mãos das nações que, a rigor, continuam dominando. A dominação como era antes das independências e das guerras de libertação acabou em quase todo o planeta. Contudo, suas ramificações permanecem e foram sendo aperfeiçoadas com o passar do tempo, se adequando às transformações das sociedades com as facetas raciais, étnicas, antropológicas e nacionais, segundo a necessidade.

As novas formas de dominação são respaldadas e referendadas por pesquisas científicas, por pareceres de especialistas nas questões propostas, garantindo a credibilidade e sucesso da empreitada e explicadas historicamente. Quijano expõe que:

Esas construcciones intersubjetivas, producto de la dominación colonial por parte de los europeos, fueran incluso asumidas como categorías (de pretensión 'científica' e 'objetivas') de significación ahistórica, es decir como fenómenos naturales y no de la historia del poder. Dicha estructura de poder fue y todavía es el marco desde el cual operan las otras relaciones sociales, de tipo clasista o estamental (QUIJANO, 2019, p. 104)<sup>23</sup>.

O poder da dominação mental está tão fortemente arraigado e tão historicamente construído num viés de legalidade, credibilidade e legitimidade, que os próprios dominados os reproduzem, difundem e propagam desde suas mais triviais práticas cotidianas, e se alastra muito além dos campos das crenças, das ideias, das imagens, dos símbolos e dos conhecimentos. Ela se apoderou dos modos de conhecer, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens e sistemas de imagens, símbolos, modos de

---

23 Essas construções intersubjetivas, produto da dominação colonial por parte dos europeus, foram inclusive assumidas como categorias (de pretensão 'científica' e 'objetivas') de significação ahistórica, ou seja como fenômenos naturais e não da história do poder. Dita estrutura de poder foi e portanto é o marco desde o qual operam as outras relações sociais, do tipo classista ou estamental. (Tradução nossa).

significações sobre os recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual. Para Quijano,

Fue seguida por la imposición del uso de los propios patrones de expresión de los dominantes, así como sus creencias e imágenes referidas a lo sobrenatural, las cuales sirvieron no solamente para impedir la producción cultural de los dominados sino también como medios muy eficaces de control social y cultural, cuando la represión inmediata dejó de ser constante y sistemática. (QUIJANO, 2019, p. 105)<sup>24</sup>.

A colonialidade foi construída a ponto de ser a Europa um modelo cobiçado a ser perseguido como o modelo cultural universal. Então, nesse sentido, a colonização e a colonialidade são pontos diferentes dentro do aspecto geral da dominação. Enquanto aquela teve seu fim decretado pelos “gritos do Ipiranga”<sup>25</sup> em todas as Américas, essa ficou perpetuada e perpetuando-se em todos os âmbitos das vidas dos colonizados. “La independencia no deshizo la colonialidad; sencillamente transformó su contorno.” (QUIJANO, 2019, p. 138)<sup>26</sup>.

E, a partir deste conceito de colonialidade, Quijano insere o movimento contrário que para ele não é o pós-colonialismo, mas sim, a descolonialidade (já explicamos anteriormente no texto os motivos da escolha de Quijano por descolonial e não decolonial) para dar conta de propor o que ele entende como reviravolta nas formas de produção de conhecimento, nos questionamentos das classificações de raça e etnia, por exemplo.

Quijano, após elaborações conceituais e analíticas, percebe as formas como a gestação da colonialidade se deu e na América Latina e no planeta ao mesmo tempo que sistematiza essas observações e leituras, propõe respostas teóricas a esses anseios. Em seguida, reflete sobre as transformações que a Guerra Fria e o fim da União Soviética promoveram nos padrões que estavam estabelecidos e arraigados no que ele nomeou de padrão colonial de poder. Quijano, a partir dessas reflexões e análises, propõe o horizonte descolonial.

---

24 Foi seguida pela imposição do uso dos próprios padrões de expressão dos dominantes, assim como suas crenças e imagens referenciadas ao sobrenatural, as quais serviram não somente para impedir a produção cultural dos dominados mas também como meios muito eficazes de controle social e cultural, quando a repressão imediata deixou de ser constante e sistemática. (Tradução nossa)

25 Alusão ao acontecimento que, no Brasil, ficou conhecido como o momento em que Dom Pedro I libertou o Brasil de Portugal em 7 de setembro de 1822.

26 “A independência não desfez a colonialidade, simplesmente transformou seu entorno. (Tradução nossa).

Pensar o descolonial estabelece que a descolonialidade começa no recontar da história, no analisar os fenômenos históricos, sociais, psicológicos, subjetivos, estéticos, econômicos e políticos, trazendo para a discussão o que Boaventura chama de “coisas improferíveis”. As coisas que não foram ditas porque o colonizado não tinha permissão para dizer nem para fazer, ocupado que estava em se livrar do chicote e das golilhas.

María Lugones (2020) analisa a tese de Quijano sobre a colonialidade do poder e vai além, pois ela entende que a mulher é duplamente colonizada pelos critérios de raça e gênero. Lugones propõe que cabe analisar os critérios da interseccionalidade entre raça e gênero e cria a expressão “sistema colonial de gênero”. Para a feminista,

Esse sistema está presente na relação do colonizador com as mulheres das raças “inferiorizadas”. O olhar europeu sobre as sociedades locais, seu modo de organização e estilo de vida, foi sempre valorativo, no sentido de que esses hábitos e costumes nunca foram aceitos e respeitados na sua diferença (CASTRO, 2020, p. 147).

Lugones explica que os colonizadores, com o pretexto de que as mulheres negras e indígenas eram sexualmente afoitas, justificavam as relações inter-raciais não consentidas. Diziam que essas mulheres estavam mais perto da natureza e do natural, portanto, ditas violências eram assim justificadas. O uso do termo “natural” ou “natureza”, neste contexto, tem o sentido de “contrário à racionalidade”.

Cada análise suscita uma vertente nova, no entanto, todas elas estão intimamente ligadas às necessidades emergentes dentro de segmentos distintos das sociedades. Estudos e necessidades vão se adequando à medida que uma nova maneira de pensar surge ou que uma teoria não contempla uma categoria almejada. A título de exemplo, exporemos o que Grada Kilomba escreve no prefácio da obra *Pele negra, Máscaras brancas* de Frantz Fanon. Kilomba percebe que Fanon, nos seus estudos, não contempla a mulher negra quando fala do homem negro. Mas Fanon também cometeu um erro fatal. Na sua obra, ele fala do homem como a condição humana. Por vezes, o homem significa ‘Frantz Fanon’, por vezes ‘homem negro’ e às vezes ‘ser humano’. O sujeito do seu livro é negro e masculino. Fanon escreve do alto da sua vivência como homem negro. Kilomba, como mulher negra, consegue perceber o que para ela é um “erro fatal”. Uma mulher negra que lê Fanon percebe a falta de

representatividade. As mulheres não se sentem contempladas nesses estudos, ainda que sejam também negras. E, ao perceber essa falta, começa uma nova etapa de desenvolvimento desses estudos onde o feminino vai ser o objeto das pesquisas.

Ou, quando Lugones analisa os estudos de Aníbal Quijano, ora, Lugones é uma mulher feminista e esta qualidade lhe propicia outros olhares que Quijano, como homem, não teve. Lugones percebe que Quijano “falha” ao aceitar a compreensão capitalista, eurocêntrica e global de gênero sexual, e incorpora em sua análise o âmbito sexo/gênero como o da luta pela imposição do desejo do colonizador à mulher racializada-colonizada.

Assim sendo, a revisão dos estudos pós-coloniais (entendendo aqui “pós-” como tudo o que veio depois do fim da colonização) e da descolonialidade estão sempre em constante movimentação, uma vez que se entende que as sociedades são formadas por indivíduos que se enquadram em categorias diversas e que os estudos também não são definitivos em categorizar as relações de poder que se exercem dentro dos mais diversos grupos.

## 4 ELOS ENTRE OS RELATOS, OS IRMÃOS, AS CINZAS E OS ÓRFÃOS

Porque minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite). (HATOUM)

Esta seção é dedicada às análises do corpus selecionado. As subseções 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4 tratam de *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, nesta ordem. Para sistematizar, foi realizado um pequeno percurso pela obra e, logo em seguida, as análises, dando ênfase aos trechos destacados de acordo com a proposta. Busca-se, nessas análises, demonstrar que a obra hatoumiana selecionada buscou trazer para a cena literária o espaço amazônico como um ambiente desexotizado, mas com complexidades multiculturais que entrelaçam muitas vertentes da história da colonização do Brasil, mais especificamente, da Amazônia brasileira. E de como essa miscigenação deu origem ao multiculturalismo que permeia as relações na maior metrópole do norte do Brasil.

### 4.1 RELATO DE UM CERTO ORIENTE: UM PEQUENO LÍBANO EM MANAUS

Nesta seção, será realizada a apresentação e análise da obra *Relato de um Certo Oriente* (1989) com o intuito de demonstrar, sob a ótica dos estudos culturais e pós-coloniais, que há uma denúncia em face da colonialidade na Amazônia circunscrita nesse romance. Tem-se também a pretensão de demonstrar que o autor buscou apontar, por meio das suas personagens e narradores, que a colonialidade é uma constante nas relações interpessoais travadas no interior da narrativa possibilitando, assim, um diálogo entre a obra e as teorias escolhidas para analisá-la.

Quatro narradores contam, em oito capítulos, a saga da matriarca Emilie num relato sem uma cronologia linear que segue o fluxo da memória e das

anotações da lembrança. As idas e vindas da memória vão compondo a narrativa, preenchendo as lacunas, complementando-se com outras óticas os acontecimentos que se juntam para complementar os espaços da lembrança perdida pelo tempo, de modo que este relato vai se desenvolvendo num emaranhado de personalidades e episódios que se revezam entre o presente e o passado.

Emilie, filha de Fadel e Samira, imigrantes libaneses, é o epicentro em torno do qual gravitam marido, filhos, neta, filhos adotivos, irmãos, amigos, vizinhos, clientes, empregadas e a comunidade. Todas são personagens construídas e que existem a partir das suas relações com a matriarca. O marido de Emilie não é nomeado, sendo referido apenas pelo grau de parentesco, ora pai, ora avô, ora marido; o irmão, Emílio; Emir, o irmão que suicidou-se pulando no rio Negro; Hakim, filho; Samara Délia, a filha; os dois inomináveis, filhos ferozes de Emilie (são sempre referidos assim); a narradora e seu irmão, filhos adotivos; Soraya Ângela, neta, filha de Samara Délia; Dorner, o amigo fotógrafo; Hindié Conceição, amiga; Anastácia Socorro, a empregada.

A matriarca exerce uma força ora centrípeta ora centrífuga que atrai e repele com a mesma intensidade, pois todos têm por ela uma relação de respeito e submissão. Já da parentela do marido só se sabe do seu tio Hanna que migrou para a Amazônia, que mandava notícias periodicamente para a família no Líbano e que, na sua última carta, mandou uma fotografia e deixou um enigma que o sobrinho atravessa o Atlântico para desvendar. Após uma viagem de seis semanas, o sobrinho encontrou o que sobrara do seu tio, um túmulo num cemitério no meio da selva. Tomou a decisão de ficar no Brasil, não retornou mais para sua terra natal, foi para Manaus, se casou com Emilie e lá viveu até a sua morte.

A narradora, filha adotiva de Emilie, ficou internada numa clínica para tratamento de saúde mental e, nesse período, sofreu um distanciamento que a fez olhar para as novas percepções que retomaria com seu regresso à casa onde fora criada. Os acontecimentos do presente, na narrativa, transcorreram num passado longínquo, mas presentificado pelas suas anotações, pelas memórias reativadas durante o passeio por Manaus, pelos encontros com os lugares e as pessoas do passado vivido naquele lugar; a mulher do presente já

não era a mesma que saiu de Manaus. O universo ao qual ela pertencia já estava bem distante num tempo que a tudo “cura”, como um queijo, que precisa ficar ali, escorrendo seu soro, secando, para se transformar, depois de apurado com o tempo, em um outro queijo, com a mesma essência, no entanto, transformado pelo inevitável devir.

E é sob esse novo prisma que ela narra o passado com os efeitos do tempo sobre as personagens, sobre os acontecimentos e sobre si, lembrando ao irmão, que vive em Barcelona, não sem expressar uma certa nostalgia. Apenas deixando as impressões que o tempo registrou e as versões de cada um dos narradores secundários porque também eles tiveram suas versões dos fatos que foram sendo adicionadas ao relato num diálogo longo e bem talhado, obtendo uma concatenação perfeita, mas de difícil acesso ao leitor desavisado.

Na epígrafe de *Relato*, a tônica do romance é revelada pela força e a expressividade do poema de W. H. Auden. Escrita em inglês, “*Shall memory restore – the step and the shore – The face and the meeting place,*” (W.H. Auden), que traduzindo quer dizer algo mais ou menos como: “A memória restaurará os passos e a costa, O rosto e o lugar de encontro;”<sup>27</sup>, deixando claro que as memórias serão acionadas para contar a história e que fotografias, cartas, bilhetes, gravações, anotações, outros narradores e toda sorte de registros serão também acionados para narrar esse Oriente por meio desse relato.

Evocando elementos da memória, uma reunião familiar vai sendo formada a partir da morte de Emilie. O tipo de relação que cada um dos presentes mantinha com a defunta vai sendo revelada à medida que as vozes vão se manifestando. Hakim, o filho mais velho, que estava longe há anos, retornou no exato dia da morte da mãe; em torno do caixão se reúnem conhecidos, parentes e amigos. Naquele momento fúnebre, o filho, que trouxe presentes, entrega cada caixa ou pacote ao seu respectivo dono ou dona, mas sobrou o que pertenceria a Emilie e que, portanto, nunca será aberto; o marido já não estava mais vivo, nem o pai, nem Soraya Ângela, a neta. Os demais estavam lá, rendendo as últimas homenagens àquela que foi, em diversos

---

27 [https://marciacl.typepad.com/na\\_linha/2011/11/milton-hatoum-ii.html](https://marciacl.typepad.com/na_linha/2011/11/milton-hatoum-ii.html) (acessada em 20/01/2022)

momentos das suas vidas, a salvadora, a mentora e, por que não, a mola propulsora de muitos questionamentos.

Dorner, o fotógrafo, descreve o que compartilhou com o marido de Emilie enquanto este ainda estava vivo e a fotografia que tirou de Emir no dia do suicídio; Hakim fala de Samara Délia e da relação dela com o pai, com os irmãos e a filha; da relação de Emilie com os inomináveis e destes com as empregadas da casa; conta também sobre a narradora e seu irmão Emir; Hindié Conceição conta da trajetória da amiga, vizinha e conterrânea desde antes de vir para o Brasil com os pais, conta como as duas ficaram amigas íntimas e revela segredos de Emilie e da casa.

Com o caderno de anotações sempre a postos, a narradora busca em seus “rabiscos” as memórias que trocou por meio de cartas com seu irmão. O diálogo entre os dois é retomado sempre que a troca de informações é invocada ou quando o esquecimento quer se fazer presente numa espécie de metanarrativa na qual conta como foi o processo de preparo das partes que “costurou” para, enfim, chegar à colcha, a partir da união dos retalhos.

Quando abri os olhos, vi o vulto de uma mulher e o de uma criança. As duas figuras estavam inertes diante de mim, e a claridade indecisa da manhã nublada devolvia os dois corpos ao sono e ao cansaço de uma noite mal dormida. Sem perceber, tinha me afastado do lugar escolhido para dormir e ingressado numa espécie de gruta vegetal, entre o globo de luz e o caramanchão que dá acesso aos fundos da casa. Deitada na grama, com o corpo encolhido por causa do sereno, sentia na pele a roupa úmida e tinha as mãos repousadas nas páginas também úmidas de um caderno aberto, onde rabiscara, meio sonolenta, algumas impressões do vôo noturno. (HATOUM, 1989. p. 9).

A construção narrativa de Hatoum faz uma viagem saindo do interior das casas, atravessando a cidade, passando pelo Rio Negro, pelo teatro Amazonas (símbolo da *Belle Époque* vivida nos ciclos de prosperidade de Manaus), adentrando a floresta e revelando uma Amazônia em que as origens libanesas da família estavam fortemente ligadas ao Brasil.

Fugindo da perseguição religiosa encampada contra os cristãos no Oriente Médio no final do século XIX, houve um grande fluxo de imigrantes muçulmanos para o Brasil. Refugiar-se, formando comunidades, foi a saída mais viável na criação de uma rede de afinidades e proteção. O autor cresceu numa dessas comunidades em Manaus.

Paul Claval, em sua obra *A geografia Cultural* (1999), afirma que a comunidade pode ser constituída por afinidades de sangue, de ideais, de ideias, ou mesmo laços familiares ou relações de confiança. Os imigrantes, em inúmeros casos, se reúnem para socializar, dividir a saudade da terra natal ou para se protegerem. Por mais que o tempo passe e se sintam inseridos, não estão em casa, serão sempre estrangeiros.

Uma comunidade de base pode ser constituída a partir de elos de sangue e de aliança que unem os membros de uma mesma família. Ela pode igualmente ser formada segundo um modelo análogo por um contrato de associação entre os membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum. Partilhar de uma mesma fé religiosa entre irmãos que se reconhecem filhos de um Deus criador é um cimento eficaz. Uma comunidade pode enfim resultar da co-habitação de pequenos grupos num mesmo lugar. (CLAVAL, 1999, p. 114).

Os imigrantes tendem a se juntarem e formarem uma comunidade com o fito de criar um circuito de proteção e até mesmo para manterem suas práticas sociais e religiosas vivas. Essa é uma tendência que fortalece a comunidade e cria laços de preservação cultural e social.

[...] os levantinos da cidade eram numerosos e quase todos habitavam no mesmo bairro, próximo ao porto. A beira de um rio ou a orla marítima os aproximam, e em qualquer lugar do mundo as águas que eles vêem ou pisam são também as águas do Mediterrâneo (HATOUM, 1989, p. 76)

Contudo, a religião, que parecia ser um ponto pacificado entre Emilie e seu esposo no início da narrativa, vai se descortinando em um ponto de cizânia velada entre o casal. Numa das festas natalinas, de que o marido de Emilie não quis participar, os convidados ficaram esperando pelo anfitrião. Como ele se recolheu ao seu quarto, Conceição Hindié pergunta a Emilie o que tinha contrariado o esposo dela, ao que Emilie responde: “[...] – Deve ser uma das proibições do Livro – ironizou Emilie -, mas hoje quem dita o que pode e não pode sou eu, não um analfabeto guerreiro que se diz Profeta e Iluminado.” (HATOUM, 1989. p. 39). O esposo de Emilie tinha se chateado, nesta ocasião, porque Conceição Hindié embebedava as aves e os animais antes de matá-los para a ceia, prática que ele não aprovava e que fazia parte da tradição católica, numa demonstração extravagante de alegria. O livro citado por Emilie era o alcorão, livro sagrado da religião muçulmana. Então, pode-se inferir que, por mais que parecesse ser um assunto resolvido entre o casal, ainda havia pontos de conflito. Embora Emilie tivesse respeito pelo marido, naquele momento, ela

não se deixou abater pela birra do marido com a religiosidade de Conceição Hindié.

Outro ponto que desvela a subalternidade em *Relato* é a relação tumultuada de Samara Délia com a família. Não se tem notícias de como era essa relação antes da gravidez. Sabe-se, porém, que, desde a gravidez, Emilie precisou proteger a filha dos irmãos e que ficou a maior parte do tempo recolhida dentro do quarto; só saía para se alimentar e ainda teve de enfrentar a indiferença do pai que não lhe dirigia a palavra. Samara sofreu o desprezo e o descaso da família porque engravidou. “Ainda era ingênua – desabafou ela. – Pensava que meus irmãos haviam me perdoado por ter tido uma filha, mas tudo não passou de uma encenação para conquistar a simpatia de minha mãe” (HATOUM, 1989, p. 14). Mais que violência de gênero, uma violência psicológica é sofrida por Samara Délia, que a leva a ter pesadelos durante toda a vida.

Toda minha vida foi abandonada na outra casa, no quarto onde penei durante anos. Decidi morar aqui porque o silêncio do meu pai é terrível, é quase um desafio para mim. [...] Fala comigo como se falasse com um espelho [...] (HATOUM, 1989 p. 119).

Havia claramente uma repulsa e até uma certa indiferença por parte dos homens da casa diante da situação de Samara. Halim, apesar de ter saído de perto de Emilie porque não suportava sua omissão, também foi omisso com a sua irmã, preferiu se distanciar para se poupar de ter de enfrentar a mãe e os irmãos abomináveis que só tratavam bem a irmã na frente dos pais, encenando cordialidade para tirar vantagem quando queriam as chaves de casa ou dinheiro para suas farras pela cidade.

Nessa época nosso avô não tinha ímpeto para contestar esse ou aquele, e muito menos para repreender os dois filhos que outrora ele insultara de javardos, ameaçando-os com um cinturão. Desde o nascimento de Soraya Ângela ele tentara apaziguá-los, mas depois de várias tentativas que não deram em nada, conformou-se em dizer que o destino dos filhos já não lhe interessava (HATOUM, 1989, p. 19).

O pai tentou apaziguar os filhos ferozes para que não insultassem a irmã e aceitassem Soraya Ângela na família, mas falhou todas as vezes, chegando ao ponto de se cansar e abrir mão da discussão.

Com a idade avançada de um patriarca cansado da vida, passava horas jogando gamão e contando histórias para ti, e agiu com uma sinceridade espantosa ao enaltecer a filha que tinha, a ponto de

confundir as opiniões de Emilie quanto ao estado mental do marido: - Não entendo mais nada – balbuciava. – Não sei onde começa a lucidez e onde termina o devaneio do meu marido (HATOUM, 1989, p. 19).

Samara Délia, por sua vez, se retirou do convívio familiar, transformando o quarto, que fora seu cárcere, em seu refúgio dos maus-tratos e dos olhares acusatórios que tanto lhe causavam tormento e solidão. A atitude dos irmãos de não lhe dirigirem a palavra era, para ela, humilhante. “Nunca me senti tão humilhada. Passaram seis anos sem falar comigo, sem fazer um mimo na menina.” (HATOUM, 1989. p. 14); mesmo tendo a única filha assumido os negócios da família, se mostrando competente em gerenciar a Parisiense, Samara ainda não era digna de ter a consideração e respeito dos irmãos numa clara demonstração de misoginia e crueldade.

Ela ainda morava e trabalhava na Parisiense, e era tão destra nas artimanhas do comércio que nosso avô atribuiu-lhe para sempre uma tarefa arriscada e temida até mesmo por ele: sondar o gosto da freguesia e selecionar os pedidos das mercadorias. Ela ia raramente ao sobrado, e além das atividades na Parisiense, a sua vida era um mistério para todos nós. Ele comentava vagamente que a filha viajava algumas vezes ao ano, sem que ninguém soubesse o destino e a razão dessas viagens. A sua ausência era tão breve e imprevisível que nosso avô apenas notificava durante o almoço: - Samara já está de volta. (HATOUM, 1989, p. 19).

Sofrendo violenta e flagrante dominação do seu corpo, Samara foi encerrada dentro de um quarto da casa, sem direito de participar do convívio familiar ou mesmo de ter solidariedade sequer da sua família durante quase toda a sua gravidez. Esse ato a transformou em uma pessoa introspectiva e triste, que esperava um gesto de perdão ou de qualquer manifestação de aceitação. As memórias acionadas pela narradora em relação à história de Samara Délia e a curta vida de Soraya Ângela, mostram uma empatia e sensibilidade com a situação de submissão feminina diante dos efeitos que a ordem social exerce sobre os corpos das mulheres. Para Pierre Bourdieu, (2019),

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua como apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos (BOURDIEU, 2019, p. 69).

Bourdieu continua descrevendo que essas predisposições ficam tão arraigadas no subconsciente que não é preciso muito esforço para acionar os

mecanismos de reforço que despertam as condições propícias a desencadearem comportamentos de submissão inculcados eficazmente pela igreja por meio do catecismo, da frequência ao culto e pelo grau de imersão ao universo religioso. E não somente às pessoas que são assíduas aos ambientes religiosos, pois essas doutrinas ultrapassam todas as fronteiras. Da igreja à mídia, das brincadeiras infantis às administrações públicas, os homens legislam sobre os comportamentos e os corpos femininos.

Não era a esse tipo de ambiente que Samara Délia estava acostumada, mas a religiosidade é representada por sua mãe e por seu pai dentro de casa; seus irmãos exercem os direitos que a sociedade lhes confere por meio do que Bourdieu nomeia de *habitus*, que são ações mecânicas que dominam o controle da vontade do outro.

Não se pode, portanto, pensar esta forma particular de dominação senão ultrapassando a alternativa de pressão (pelas forças) e do consentimento (às razões) da coerção mecânica e da submissão voluntária, livre, deliberada ou até mesmo calculada. O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua, etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, de uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. [...] A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física [...] se ela pode agir como um macaco mecânico, isto é, com um gasto extremamente pequeno de energia, ela só o consegue porque desencadeia disposição que o trabalho de inculcação e de incorporação realizou naqueles e naquelas que, em virtude desse trabalho, se veem por elas capturados. [...]. Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de emoções corporais – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa [...]. (BOURDIEU, 2019, p. 68-70).

Os efeitos de toda a situação de encarceramento e humilhação desencadearam em Samara Délia sentimento de vergonha e tristeza muito mais que de indignação. Ela esperava o perdão dos irmãos que nunca chegou. Aqui tem um ponto interessante, que se vincula à violência simbólica e à questão de subalterno que merece ser discutido. Se dar o perdão pode ser entendido como um ato de superioridade sobre quem é perdoado, não dar o perdão é manter o outro apartado, exilado, excluído, indigno, ou seja, é mantê-lo no lugar de dominado, de torturado pela dor, pela culpa socialmente imposta.

Com isso, preferiu, após a morte de sua filha Soraya Ângela, se mudar para a loja da família onde trabalhava, só indo à casa da família em ocasiões pontuais. Passou a viver sem muita proximidade da família, apenas reservando lugar de afeto para sua mãe a quem amava e compreendia.

Outros assuntos eram considerados tabus na família, entre esses estavam o suicídio de Emir, irmão de Emilie, e a gravidez da Samara.

Sempre pensei que os assuntos nebulosos eram decifrados por ela, e ninguém ousava pronunciar uma sílaba sem o seu assentimento; todos os nossos fracassos e nossas fraquezas, quando não podiam ser evitados ou premeditados, ficavam restritos ao espaço fechado da Parisiense ou da casa nova (HATOUM, 1989, p. 83).

O afastamento de Samara é análogo ao de Hakim, com a diferença que este foi para o outro lado do país “A sua viagem coincidiu com a minha para o sul” (HATOUM, 1989, p. 81). Hakim, ao se afastar, o fez por não suportar mais ver a forma como seus irmãos tratavam as empregadas da casa. “Lembro-me de uma cena que me deixou constrangido e apressou a minha decisão de partir, e assim venerar Emilie de longe.” (HATOUM, 1989, p. 86). Algumas entravam num dia e saíam no outro, pois não suportavam os maus-tratos, “a única que durou foi Anastácia Socorro, porque suportava tudo e fisicamente era pouco atraente.” (HATOUM, 1989, p. 86).

Hakim se sentia mal porque, apesar de amar sua mãe, não conseguia achar normal o que ela permitia que seus filhos fizessem com as empregadas e nem mesmo o que a própria Emilie fazia e a forma como tratava os afilhados e sobrinhos de Anastácia, demonstrando uma generosidade que ele duvidava ser verdadeira.

Muito antes de eu viajar (e dizem que antes da morte de Emir) ela já distribuía alimentos aos filhos da lavadeira Anastácia Socorro. Eu procurava ver nesse gesto uma atitude generosa e espontânea da parte de Emilie; talvez existisse alguma espontaneidade, mas quanto à generosidade... devo dizer que as lavadeiras e empregadas da casa não recebiam um tostão para trabalhar, procedimento corriqueiro aqui no Norte. (HATOUM, 1989, p. 85).

No trecho anterior, percebe-se que o narrador faz uma crítica contundente, posicionando-se social e politicamente. Não apenas fazendo ficção, mas também criticando as bases coloniais, pensando o norte do Brasil enquanto local de conflitos e contradições, construindo uma literatura comprometida com o discurso contra-hegemônico.

Antes da chegada definitiva de Anastácia Socorro na casa, Emilie buscou uma outra empregada na LBA – Legião Brasileira e Assistência<sup>28</sup> entre as tantas órfãs negras abandonadas naquele lugar, sem nome, sem outra referência senão a de:

[...] uma negra órfã que Emilie escolhera entre a enxurrada de meninas abandonadas nas salas da Legião Brasileira de Assistência; estava tão faminta e triste que havia esquecido seu nome e sobrenome e só se comunicava através de gestos e suspiros” (HATOUM, 1989. p. 26).

As personagens femininas subalternizadas de *Relato* são, na verdade, estereótipos da realidade vivida no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Relaciona-se aqui com o que Terry Eagleton (1983) escreve sobre a relação da literatura com as situações existenciais do homem:

Sempre ouvimos dizer que a literatura está vitalmente relacionada com as situações existenciais do homem: que ela é antes concreta do que abstrata, apresenta a vida em toda a sua rica variedade, e rejeita a investigação conceitual estéril, preferindo o sentimento e o gosto de estar vivo (EAGLETON, 1983, p. 211).

Em nenhum momento há um afastamento da realidade do *lócus* literário e da história inerente a este. Há, antes, uma preocupação em expô-lo e defendê-lo como possível e real, mesmo que idealizado dentro das perspectivas de contradições e docilidades, um espaço de conflitos gerados entre o território e as personagens. Não que seja um conflito entre os dois elementos, mas os conflitos que surgem tendo o lugar como determinante dentro da narrativa. O espaço geográfico é fator extremamente íntimo e relevante do ponto de vista das tensões vividas que tornam o ambiente um lugar de encantamento, de subversão e de denúncia.

Quando Hakim questiona a generosidade da sua mãe porque ao mesmo tempo em que alimentava Laure, a aracanga que ganhou de Hindié Conceição, com banana, mamão, tapioca e leite, Emilie reclamava da comida que dava aos empregados, dizendo que comiam muito “Anastácia come ‘igual a uma anta’” (HATOUM, 1989, p. 85), justificava a sua partida de casa, que não conseguia ver aquelas atitudes e não ter como confrontar a mãe. O episódio da chegada na casa de uma menina órfã que “estava tão faminta e triste que havia

---

28 A Legião Brasileira de Assistência (LBA) foi um órgão assistencial público brasileiro, fundado em 28 de agosto de 1942 e extinta através do art. 19, inciso I, da Medida Provisória nº 813, de 1º de janeiro de 1995.

esquecido seu nome e sobrenome e só se comunicava através de gestos e suspiros” (HATOUM, 1989, p. 26) e que não havia conquistado a simpatia do papagaio. Laure antipatizou com a menina e se calava sempre que ela aparecia e se recusava a comer a comida servida; na primeira oportunidade, besuntou o bico da ave com uma pasta feita de uma baba gosmenta e sal. “Desde então, a ave silenciou.” (HATOUM, 1989, p. 27). Claramente, a menina tomou a única atitude que lhe alcançou diante da recusa do papagaio em comer na sua presença num ato de vingança contra o sistema que imperava na casa. A empregada estava reproduzindo a violência que sofria e encontrou na ação de calar a ave sua chance de se livrar do que a incomodava.

Em contrapartida, as experiências sensoriais de Soraya Ângela, que eram seu único meio de interação com o mundo, fazem parte do jogo de lembrar com os odores e sabores que marcaram sua memória. A menina cheirava as frutas e as flores e as olhava demoradamente reconhecendo, com os sentidos que lhe obedeciam, o espaço ao qual estava ligada pela visão, olfato e pelo paladar, uma vez que não ouvia nem falava.

Estávamos sentadas no jardim da frente, sozinhas, à cata das frutas mordiscadas pelos morcegos. [...] Soraya me ajudava e era curiosa a sua maneira de colher os jambos e as papoulas umedecidos pelo sereno. Permanecia um tempão a mirar a polpa desse coração de veludo que é o jambo; as papoulas, as orquídeas e as flores ela cheirava demoradamente e mais tarde intuí que o odor e o olhar compensavam de certa forma a ausência dos dois sentidos (HATOUM, 1989, p. 15).

Ou quando Emilie confecciona uma boneca de pano para a neta surda e coloca as orelhas e a boca sem relevo na intenção de apagar os órgãos deficientes da menina. O mundo de Soraya só existia por meio da visão, do paladar e do tato.

[...] tinha os olhos negros e salientes, umas bochechas de anjo, e se prestasses atenção aos detalhes, verias que apenas as orelhas e a boca estavam sem relevo, pespontadas por uma linha vermelha: artimanha das mãos de Emilie (HATOUM, 1989, p. 15).

Na obra de ficção, assim como na realidade, as formas de apreensão do mundo podem variar de maneira complexa e alterada mesmo que tenham todos os sentidos funcionando perfeitamente; não há uma uniformidade nas percepções mesmo que o espaço seja o mesmo. Para Borges Filho,

Em um texto literário, assim como na vida, dificilmente haverá apenas a presença de um sentido. Geralmente, a personagem percebe o mundo, o espaço, utilizando-se de todos os sentidos. [...] Na

sociedade, o sentido mais exercitado variará de indivíduo e cultura, apesar de que a sociedade moderna vem se tornando cada vez mais visual (BORGES FILHO, 2009. p. 184)

A variação à qual Borges Filho se refere, se manifestará de muitas outras formas conforme as distâncias básicas mantidas no cotidiano no âmbito da vida íntima, pessoal, social e pública (BORGES FILHO, 2009. p. 185). Vê-se reflexos da concepção de mundo na literatura, de uma época, exatamente porque a literatura não se isola do mundo para existir, ela existe concomitante aos acontecimentos e se apropria dos valores e dramas sociais enquanto representação de uma sociedade em determinado tempo e lugar.

Em *Relato*, a memória trabalha com lembranças e o que não é lembrado com nitidez é preenchido com a imaginação e a conexão vai se estabelecendo entre coisas grandes e pequenas, o cheiro ou sabor de uma fruta, as conversas com a mãe em árabe, o silêncio, as relações da família com os empregados, absolutamente tudo é estímulo para a memória. As lembranças se entrelaçam num jogo de lembrar e esquecer com memórias que parecem bem lúcidas ao se lembrar, por exemplo, que Emilie não pagava nada às empregadas porque, para Hakim, “a generosidade revela-se ou se esconde no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro” (HATOUM, 1989, p. 85).

Considerando que, no *Relato*, são fortemente caracterizadas as relações com o Outro, interessa-nos o romance como catalisador e articulador dessas relações enquanto regiões de conflitos interpessoais mostrando, assim, que a narrativa é um microcosmo da sociedade onde as relações com o Outro são um artifício para expor a colonização da Amazônia e denunciar que a colonialidade não teve seu fim com a “ruptura do regime colonial direto”<sup>29</sup> (FERRARA, 2020, p. 119) e que persiste nas mais variadas formas de subjugação dos povos originários.

A relação de Hatoum com o Oriente já está explicitada no título da sua primeira obra que foi gestada por longos 7 anos e ainda levou mais dois para ser publicada. É nos registros do estrangeiro que a visão da Amazônia se descortina. Nos registros do fotógrafo/botânico se revela a visão do forâneo que migra e se apaixona pela floresta e pelo rio e resolve não mais voltar para

---

29 Perspectivas Decoloniais e feminismos: olhares descentralizados e alternativas críticas. Art. de Jéssica Antunes Ferrara na obra: Decolonialidade a partir do Brasil. Vol. V.

sua terra natal. Ele guardava muitos registros e um colossal arquivo de mapas e imagens e “tinha o prazer insaciável de revelar todos os documentos que acumulara ao longo da vida” (HATOUM, 1989, p. 81); tentou ser professor de história da filosofia no curso de direito, embora sua paixão secreta fosse a botânica. Cada vez que Hakim relia as cartas copiosas incansavelmente com curiosidade, se espantava com as revelações, no entanto, apesar de lhe escrever muitas vezes após ter ido embora para a Alemanha, o fotógrafo nunca revelou nada sobre o episódio da morte de Emir. Hakim acreditava que Dorner e Emilie haviam feito um pacto de silêncio sobre a morte do tio para não causar traumas familiares, pois “um suicídio pode abalar várias gerações de uma família” (HATOUM, 1989, p. 83).

Trata-se de uma obra densa e preta de intenções, sustentada pelo conhecimento do seu *lócus*, do mundo e consciente de qual deve ser o papel do intelectual dentro da engrenagem cultural e social daquele que viu a sua aldeia de longe. E é na personagem do estrangeiro que “passou a vida anotando suas impressões acerca da vida amazônica” (HATOUM, 1989, p. 83) e que fazia “exaustivas incursões à floresta, onde ele permanecia semanas e meses, e ao retornar afirmava ser Manaus uma perversão urbana” (HATOUM, 1989, p. 82) que o relato apresenta expressiva conexão com a colonização, tendo em conta que um dos temas prediletos das observações e notas de Dorner era o comportamento “ético de seus habitantes e tudo o que diz respeito à identidade e ao convívio entre brancos, caboclos e índios” (HATOUM, 1989, p. 83) e ele ainda “procurava contestar um senso comum bastante difundido aqui no norte: o de que as pessoas são alheias a tudo, e que já nascem lerdas e tristes e passivas” (HATOUM, 1989, p. 83).

E, ao olhar para o Outro e enxergá-lo como alteridade, a personagem descreve “O olhar e o tempo no Amazonas” (HATOUM, 1989, p. 83) apoiado na vivência intensa na região e nas leituras de Humboldt e nos filósofos que “tateiam o que ele nomeava ‘o delicado território do álter’” (HATOUM, 1989, p. 83). Ao enxergar esse Outro, o vê como alteridade, portanto, merecedor de respeito dentro das suas idiossincrasias. Há que se afastar para ser capaz de enxergar direito, parece nos dizer o romance. Quem valoriza, quem percebe as riquezas é quem está com o olhar fresco e chega. Quem está imerso no

contexto sociocultural se acostuma com o que vê, é assujeitado pela realidade e padece dela.

A reflexão segue sendo o que impulsiona o relato quando Hakim questiona as atitudes da sua mãe em relação ao trato dispensado aos empregados da casa, segue-se a lógica do privilégio colonial que advém não somente das posses, mas da origem em relação aos nativos. O filho mais velho de Emilie, de tanto ver os maus-tratos dispensados aos Outros, não queria mais conviver com essa desigualdade, no entanto, não podia ir contra a mãe, pois era ele também um dos protegidos dela. “Além disso, meus irmãos abusavam como podiam das empregadas, que às vezes entravam num dia e saíam no outro, marcadas pela violência física e moral”. (HATOUM, 1989, p. 86).

Assim, pode-se inferir que temos dois exemplos de emigrantes representados na obra. Aquele que se insere e se mistura ao local, que refletiu sobre o lugar, a gente que o habita, os costumes, a cultura, a religiosidade, as encantarias e se colocou disponível para entender e aceitar esse Outro com todas as suas peculiaridades. E o imigrante que não faz questão de ter nenhuma interação a mais com os locais a não ser uma relação de subjugação como mão de obra para os afazeres que ele (o imigrante) não pode ou não deseja realizar. Emilie se enquadra nesse segundo modelo, na percepção de Dorner pois, para o fotógrafo, viver na Amazônia era diferente do que era para a família da matriarca. As relações entre a família e os nativos era a de empregados ou pessoas que precisavam dos seus favores. A família nunca se inseriu de fato à vida da comunidade local, nunca conheceram o rio ou a floresta nem fizeram nenhuma questão de incursão no interior da vida local.

Dorner relutava em aceitar meu temor à floresta, e observava que o morador de Manaus sem vínculo com o rio e com a floresta é um hóspede de uma prisão singular: aberta, mas unicamente para ela mesma. “Sair dessa cidade”, dizia Dorner, “significa sair de um espaço, mas sobretudo de um tempo. Já imaginaste o privilégio de alguém que ao deixar o porto de sua cidade pode conviver com outro tempo?” (HATOUM, 1989, p. 82-82)

“O olhar da reflexão, de quem quer enxergar com uma lupa o que já foi visto a olho nu” (HATOUM, 1989, p. 82-83) nos faz pensar que esse “vínculo com o rio e com a floresta” quer dizer muito mais do que as palavras conseguem exprimir. Tem a ver com o sentimento de pertencimento que o

fotógrafo desenvolveu e que achava difícil aceitar que alguém que morava na Amazônia tivesse medo da floresta e do rio.

Por outro lado, Emilie e sua família reproduzem o discurso do imigrante que não quer integração com o nativo. Antes, revela-se generosa, "Mas a generosidade revela-se ou se esconde no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro (HATOUM, 1989, p. 85). Por detrás da capa de generosidade, Emilie dizia que

Anastácia comia "como uma anta" e abusava da paciência dela nos fins de semana em que a lavadeira chegava acompanhada por um séquito de afilhados e sobrinhos. Aos mais encorpados, com mais de seis anos, Emilie arranjava uma ocupação qualquer: limpar as janelas, os lustres e espelhos venezianos, dar de comer aos animais, tosquiá e escovar o pelo dos carneiros e catar as folhas que cobriam o quintal (HATOUM, 1989, p. 85-86).

Hatum se apropria da narrativa para descrever a ideia de Oriente representada no *Relato*. A indignação de Hakim com o silêncio de sua mãe aos abusos praticados por seus irmãos, as reflexões de Dorner e da narradora-personagem acerca da vida na Amazônia, os questionamentos às atitudes de Emilie e seus filhos, os devaneios do marido de Emilie ao citar as *Mil e uma Noites*, imitando Sherazade, todos os temas são inerentes ao contexto colonial. Há todo um relato de ideias que descreve a Amazônia como um território transpassado pelo colonialismo e que ainda sofre os resquícios das mazelas impostas pelo colonizador.

Toda a narrativa é perpassada por questões coloniais. Exemplo disso são os exageros de generosidade de Emilie que eram tão odiados por seu marido ao ponto de ele sair de casa no dia em que a esposa tirava para receber os pedintes que lhe tratavam como uma santa, lhe presenteando com toda sorte de lembrancinhas e animais vivos e entalhados em madeira. Apenas os mais próximos, como o marido e Hakim, conseguiam ver e questionar essa generosidade exagerada. O silêncio de Emilie ao saber dos absurdos praticados por seus filhos era, para Hakim e o pai, aprovação. O marido preferiu o distanciamento e o silêncio. Hakim achou na distância a solução do seu dilema. "Vozes ríspidas, injúrias e bofetadas também participavam desse teatro cruel no interior do sobrado. Lembro de uma cena que me deixou constrangido e apressou a minha decisão de partir, e assim venerar Emilie de longe" (HATOUM 1989, p. 86).

Ao narrar, Hakim minimiza seu sofrimento, pois o entende subjetivo diante da dura realidade local. Não se trata mais da sua vida e da sua família. Antes, trata de todo um contexto social patente que, mais que representar seu drama íntimo, trata-se do drama de um povo carente de representação.

O trecho a seguir conta um episódio em que Hakim viu um dos seus irmãos arrastando uma das ex-empregadas da casa com um bebê entre os braços e Emilie surgindo para apartá-los e acalmá-los, levando a mulher até o portão, cochichou algo no ouvido dela. “A mulher levou a criança até a Parisiense e contou coisas ao meu pai.” (HATOUM, 1989, p. 86). O pai ficou furioso, veio até a casa com um cinturão enroscado no punho, subiu as escadas

[...] calcando o pé no degrau. [...] escutei com temor o corre-corre, o salve-se-quem- puder, e escutei também, pela primeira vez nos seus acessos de fúria, uma frase em português; gritou entre pontapés e murros na porta, que um filho seu não pode escarrar como um animal dentro do corpo de uma mulher (HATOUM, 1989, p. 86-87).

Ao chegar à cozinha, nervoso, teve um bate-boca com Emilie dizendo que aquela não era a primeira mulher que o procurava com um filho nos braços dizendo que a criança era sua neta, filho do seu filho e “que não atravessara oceanos para nutrir os frutos de prazeres fortuitos de seres parasitas” (HATOUM, 1989, p. 87) e que, naquela casa, os homens confundiam sexo com instinto e que haviam esquecido o nome de Deus. Ao que Emilie, defendendo os filhos, responde que aquelas mulheres nem pensavam em Deus, que eram umas aproveitadoras que só queriam engravidar para aparecer na porta da casa pedindo dinheiro. “- Deus? [...] Tu achas que as caboclas olham para o céu e pensam em Deus? São umas sirigaitas, umas espevitadas que se esfregam no mato com qualquer um e correm aqui para mendigar leite e uns trocados.” (HATOUM, 1989, p. 87).

Numa clara demonstração de um comportamento colonialista, o trecho acima apoia solidamente a ideia de pré-fabricação da personalidade dos nativos. Para Emilie, todas as caboclas são sirigaitas espevitadas e que seus filhos não possuem responsabilidade pelo comportamento deles mesmos. Não se trata de um caso ou outro isolado, trata-se de assumir o discurso de que as caboclas não acreditam no mesmo deus dos cristãos e que, portanto, só querem uma oportunidade para ir à sua porta com seus filhos nos braços para

pedir dinheiro ou qualquer outra coisa. Ou seja, uma boa oportunidade para atestar que o estereótipo do nativo indolente, sem fé, preguiçoso, ladrão se justifica nesse discurso. Além de que, pôr a culpa na mulher é e sempre foi uma maneira de se submeter à dominação. Melhor ficar a favor da mão que protege e alimenta, logo é sempre a outra que é puta.

As atitudes de complacência e conivência de Emilie para com os seus filhos inomináveis era motivo de decepção para o marido e o que mais despertava em seu primogênito o desejo de ir embora. Ele não concordava que, mesmo os filhos fazendo atrocidades com as caboclas, a mãe os protegesse e defendesse; ainda que fosse ele também um dos alvos de proteção e veneração de Emilie, se sentia impotente por não poder fazer nada para mudar a situação. Até o esposo de Emilie se calava diante das suas falas.

E o velho, interrompeu subitamente a discussão e saiu sisudo, decepcionado antes com Emilie que com meus irmãos. Era inútil censurá-los ou repreendê-los. Emilie colocava-se sempre ao lado deles; eram pérolas que flutuavam entre o céu e a terra, sempre visíveis e reluzentes aos seus olhos, e ao alcance de suas mãos. Essa conivência de Emilie com os filhos me revoltava, e fazia com que às vezes me distanciasse dela, mesmo sabendo que eu também era idolatrado (HATOUM, 1989, p. 87).

A desumanização do Outro se refletia no trato e no desprezo pelos nativos, desvelando um tipo de privilégio do colonizador que não depende de dinheiro ou de posses. Dorner percebeu que “o privilégio aqui no Norte não decorre apenas da posse de riquezas. — Aqui reina uma forma estranha de escravidão — [...] A humilhação e a ameaça são o açoitado; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e golilhas.” (HATOUM, 1989, p. 87).

Assim como as caboclas criavam seus filhos sem os pais, o mesmo aconteceu com Samara Délia ao engravidar aos quinze ou dezesseis anos. Não há nenhuma menção ao pai da criança, fato curioso porque Emilie reprovava o comportamento das caboclas dizendo que elas se esfregavam com qualquer um nos matagais. Agora, quando o fato é com a sua filha, a única forma de esconder a vergonha que a situação ocasiona é escondendo-a para que ninguém a veja grávida e escondendo a criança com o intuito de afastar o julgamento da sociedade.

Nesse sentido, Samara Délia foi de certa maneira “protegida” pela família de passar pelas mesmas humilhações das tapuias que iam à porta de Emilie pedir leite para os seus netos bastardos. A diferença é que Samara Délia sofreu apenas as humilhações vindas dos irmãos e não dos estranhos. Assim, a solução encontrada por Emilie foi a de esconder a filha durante toda a gravidez e nos primeiros anos de vida de Soraya Ângela.

Uma das maiores mágoas que Samara Délia carregava era contra os irmãos inomináveis que foram muito cruéis com ela e com sua filha. A menina morreu um dia após seu primeiro passeio com a mãe na rua. Passearam uma única vez, se escondendo sob a sombrinha para não serem vistas pela vizinhança. Durante a gravidez, não saíram de casa nem uma única vez e, após o nascimento de Soraya, só frequentavam as áreas comuns da casa quando não havia ninguém por perto, se recolhendo assim que avistavam alguém. Viviam, mãe e filha, num cárcere simbólico cujas paredes eram as construções da moral social.

Foi nessa época que elas saíram juntas pela primeira e única vez. Pareciam guiadas pelo medo. Caminharam de mãos dadas, esquivando-se das pessoas, evitando encarar os raros transeuntes que se expunham ao sol ardente do início da tarde. Os vizinhos apareceram nas janelas e Samara Délia se protegia dos olhares inclinando uma sombrinha vermelha que lhe tapava o rosto. [...] aquele par de corpos, minguado ainda mais pela distância, iria expor-se pela primeira vez aos olhos da cidade (HATOUM, 1989, p. 111).

Um triste acontecimento que traz à tona uma questão social ainda mais desoladora quando colocadas as luzes da dominação masculina que tão bem traz Pierre Bourdieu, pois a violência simbólica que Bourdieu enfatiza traz consequências desastrosas às mulheres vítimas de tratamentos, por vezes, desumanos dentro do seio familiar, impingidas não só pelos homens da família, mas também pelas mulheres. Uma personagem tão à margem da narrativa como Samara Délia provoca uma discussão dos métodos de que o patriarcado se vale para controle dos corpos e mentes femininos. Diante da recusa de Samara Délia em revelar a paternidade de sua filha, seus inomináveis irmãos se colocam em verdadeira caçada ao pai da criança, chegam a provocar o distanciamento de Dorner por levantarem a suspeita de que poderia ser o fotógrafo o pai da menina; provocam Emilie chegando bêbados em casa de madrugada com mulheres, perguntando se poderiam dormir com as donas no

quarto da irmã; não dirigem a palavra a Samara e nem fazem questão da criança quando esta nasce, relegando às duas o mais completo desprezo. Aqui, os vemos demonstrando a força do dominador e ela suportando as torturas. Samara Délia suportou calada a tortura da dominação dos irmãos que, aqui, demonstram a força do dominador que silencia e subjuga.

Para Boaventura de Sousa Santos, o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado figuram entre os três poderes a serem enfrentados se quisermos uma sociedade minimamente justa para homens e mulheres. Para o sociólogo, não nos basta enfrentar qualquer um dos três e deixar o outro, pois o patriarcado mata tanto quanto os dois primeiros. O patriarcado subjuga física e mentalmente, causando feridas no corpo e na alma das mulheres. Samara Délia, após a gravidez, foi silenciada, desprezada, violentada com o silêncio do pai e com os insultos dos irmãos inomináveis; Hakim não pode fazer mais nada além de se distanciar; a mãe fez o que pode dentro das suas possibilidades como mulher também que era, só conseguiu proteger a filha da única maneira que encontrou, afastando-a e cuidando-a; o pai, mesmo podendo tomar medidas mais drásticas, preferiu também impor o castigo do silêncio e do afastamento, esgotado com as tentativas de domar os filhos ferozes; Emilie, mesmo podendo, não colocou limites nos seus filhos, pois na mesma medida, afastava as caboclas que iam reivindicar os direitos dos seus filhos à paternidade. Portanto, um comportamento de dominação do patriarcado que estava sendo ali perpetuado na forma mais vil e cruel que é o de negar os direitos aos filhos, por meio da dominação dos corpos sexualizados e dominados das suas mães.

Outra personagem feminina que chama a atenção é Anastácia Socorro, a empregada indígena com a qual Emilie se esforçava por manter uma “certa cordialidade.” (HATOUM, 1989, p. 88), nas palavras de Hakim; ao recordar as palavras de Dorner sobre “uma forma estranha de escravidão” que reina no norte, lembrava das conversas das duas mulheres nos raros momentos em que Emilie legava a palavra à Anastácia Socorro que aproveitava para perguntar como é o mar, o que é uma ruína, onde fica Balbek, conceitos desconhecidos para uma nativa da Amazônia. Emilie às vezes respondia, outras vezes delegava ao filho a resposta. Anastácia não entendia porque a parreira do quintal dava cachos mirrados e frutos azedos, mas estava ali, em lugar de

destaque, enquanto a geladeira estava entulhada de uvas e outras frutas que vinham do Sul, importadas pelo marido da patroa e que eram proibidas à empregada; Hakim, para evitar que a mãe brigasse com Anastácia por comer alguma das frutas da família, assumia a responsabilidade e dizia que havia oferecido o que sobrou da caixa.

Anastácia falava horas a fio, sempre gesticulando, tentando imitar com os dedos, com as mãos, com o corpo, o movimento de um animal, o bote de um felino, a forma de um peixe no ar à procura de alimentos, o vôo [sic] melindroso de uma ave. Hoje, ao pensar naquele turbilhão de palavras que povoavam tardes inteiras, constato que Anastácia, através da voz que evocava vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia para dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: não exatamente o da floresta, mas o do imaginário de uma mulher que falava para se poupar, que inventava para tentar escapar ao esforço físico, como se a fala permitisse a suspensão momentânea do martírio (HATOUM, 1989, p. 90-91).

Dorner e Emilie representam dois tipos diversos de imigrantes, pois ao optar por conservar a cultura do seu lugar de origem, Emilie permanece afastada dos habitantes locais, apenas abrindo espaço para alguns nativos a quem ela se permitiu ter algum apreço por conta da relação patroa-empregada como no caso de Anastácia Socorro e até com um pouco de admiração e cumplicidade.

Outra personagem curiosa em *Relato* é Lobato Naturidade, tio de Anastácia Socorro, mais conhecido como o “Príncipe da Magia Branca”. Homem douto no conhecimento das ervas curativas da Amazônia, também exímio curandeiro e vidente, era procurado pelas pessoas que precisavam de ajuda médica, mas não tinham como pagar, ou que queriam experimentar curas alternativas para enfermidades que não tinham cura na medicina tradicional; era também especialista em encontrar pessoas sumidas, fosse no rio ou na floresta, ele sempre achava.

Coube a Dorner descobrir que Lobato era inicialmente Tacumã, seu nome indígena que foi trocado. A mudança do nome é a mudança de vida, da essência, como se matassem seu antigo eu para a construção de um melhor. A narrativa não diz o motivo, apenas cita a troca do nome originário de Lobato. Acontece uma coisa bastante interessante que, ao descrever o curandeiro indígena, surgem vários estereótipos ligados aos saberes nativos, criados ao

longo das narrativas históricas. Uma fala no romance que chama a atenção é quando alguém diz que “só sendo uma estrangeira mesmo para acreditar em curandeirismo”. Outra passagem que também é digna de análise aqui é a curiosidade do médico que levou para Londres as ervas que Lobato utilizava a fim de verificar em laboratórios se elas faziam efeito ou se eram apenas placebos inofensivos, levou também anotações dos procedimentos das infusões e misturas que o nativo fazia para reproduzi-las e assim poder comprovar sua eficácia ou não.

O conhecimento e a cultura do nativo são tratados como de natureza exótica, como curiosidade. Trata-se de um imaginário criado a partir do ponto de vista eurocentrado que subvaloriza, silencia, menospreza, ignora ou exclui os conhecimentos dos povos subalternizados. Para Ochy Curiel,

A subalternidade aqui é a do outro, portanto, não é o homem heterossexual, pai, católico, letrado, com privilégios de raça e classe, nem muitas mulheres com esses privilégios. É essa outridade que é estudada, investigada, é tornada exótica, é explorada, desenvolvida e precisa de intervenção (CURRIEL, 2020, p. 128).

Quijano (2019) nomeia essa prática como “colonialidade do saber”, segundo a qual o colonizador tem em mente que somente suas práticas são legítimas e, portanto, menospreza os saberes nativos em nome de um conhecimento que julga legítimo porque traz os parâmetros eurocêtricos defendidos pelo colonizador.

Desde o primeiro capítulo, *Relato* mostra a cidade de Manaus na perspectiva, primeiro da narradora principal, e seguem as narrativas em direção aos componentes nativos, reforçando a potência da natureza selvagem, principalmente quando descreve a história de Lobato, de Domingas, do homem que andava pelo centro da cidade coberto de galhos de árvores e de animais selvagens. Logicamente que, naquele contexto, os animais já não eram mais considerados selvagens, pois os macacos e as cobras já deveriam ter sido treinados para não atacarem os transeuntes, contudo, a essência da floresta, símbolo maior da Amazônia, estava representada no que pode ser analisado como uma fonte de serenidade em contato com o caos do centro de Manaus. Senão, vejamos que Hatoum, valendo-se da liberdade que a ficção, empresta ao escritor, cria uma personagem caótica que “se presta ao espetáculo para os turistas”. Aquela personagem transformada em uma floresta

retira do homem a humanidade e o transporta para um mundo da irracionalidade representando toda a essência da floresta amazônica num único ser humano desumanizado. E depois, pelos narradores complementares que narram o entorno do espiral, conhecemos o que ocorreu, por exemplo, com Emir, com Samara Délia, com Lobato Natividade, com Anastácia Socorro, ou seja, com as demais personagens que orbitavam ao redor de Emilie.

No capítulo que trata do relacionamento de Anastácia Socorro com Emilie, as duas mulheres vivenciam momentos de trocas de memórias e nostalgia de seus passados. A empregada, que é maltratada e humilhada pelos ferozes filhos de Emilie, trava com a patroa, na companhia de Hakim, diálogos memoráveis. E, na ânsia de que este momento se prolongue, pois é um dos poucos em que ela pode descansar enquanto conversa, Anastácia Socorro fala da sua aldeia, da sua gente e da sua vivência. Ela imita o cantar dos pássaros, que conhece muito bem. Emilie, por sua vez, fala do Líbano, das montanhas, do mar, das ruínas de sua terra, elementos que fazem a empregada parar a conversar para perguntar o que são essas coisas das quais Emilie fala, pois sua vivência na Amazônia é limitada à sua aldeia e à cidade de Manaus.

Impassível, com o olhar vidrado no rosto de Emilie, Anastácia aproveitava uma pausa da voz da patroa, empinava o corpo e indagava: como é o mar? O que é uma ruína? Onde fica Balbek? Às vezes Emilie franzia a testa e me cutucava, querendo que eu elucidasse certas dúvidas. (HATOUM, 1989, p. 90).

Emilie, que chegou a Manaus, mas nunca se interessou em conhecer nada mais além da cidade, ficava encantada em escutar as descrições que a lavadeira fazia das maravilhas da sua terra. Amante das ervas medicinais, Emilie cultivava muitas delas no seu quintal, pois acreditava no poder curativo das infusões feitas com as ervas.

Este relato poderia ser de duvidosa veracidade para outras pessoas, não para Emilie. No jardim tu ainda encontras os tajás e as trepadeiras, separadas das plantas ornamentais. Emilie plantou as mudas naquele tempo e, aconselhada por Anastácia, preparou um adubo com esterco de galinha e carvão em pó para ser misturado à terra, de sete em sete dias durante sete meses. O resultado é a espessa muralha verde-musgo que cerca a fonte, e o matagal de tajás vizinho ao galinheiro. (HATOUM, 1989, p. 91).

Ali, naqueles momentos, Anastácia podia falar, gesticular e imitar o canto dos pássaros, lembrando-se do movimento de um animal, da forma de um peixe. Podia até silenciar, como fazia por vezes, porque “aquele silêncio

insinuava tanta coisa, e nos incomodava tanto... Como se para revelar algo fosse necessário silenciar” (Hatoum, 1989, p. 92). Hakim complementa o relato com a sua percepção atualizada e distanciada, preenchendo as lacunas da memória:

Hoje, ao pensar naquele turbilhão de palavras que povoavam tardes inteiras, constato que Anastácia, através da voz que evoca vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia para dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: não exatamente o da floresta, mas o do imaginário de uma mulher que falava para se poupar, que inventava para tentar escapar ao esforço físico, como se a fala permitisse a suspensão momentânea do martírio. (HATOUM, 1989, p. 91-92).

Ainda que Emilie seja a protagonista que, como já foi mencionado, é o centro da espiral, neste estudo, as personagens que emprestam maiores características são as marginais, como já vimos. As memórias que formam a narrativa de *Relato* são, antes de tudo, memórias de uma reflexão consciente que, além de contar uma trama, o faz com a reflexão de como o território se imbrica com as personagens e de como a história de uma gente se entrelaça à de muitas gentes de várias partes do mundo que se localizam numa cidade ilhada como Manaus. Dentro desta perspectiva, a geografia é o componente principal da narrativa, depois da memória, porque o espaço abriga todas as demais possibilidades.

#### 4.2 DOIS IRMÃOS: A EFERVESCÊNCIA DE MANAUS

Esta seção trata de *Dois Irmãos* (2000), segunda obra de Milton Hatoum, publicada onze anos após a primeira. Esse romance, que foi transformado em minissérie para a televisão pela Rede Globo em 2017; em quadrinhos pelos quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá em 2015, no Brasil pela Quadrinhos e Cia e nos Estados Unidos (com o título “Two Brothers”) pela Dark Horse Comics, ganhou também o Troféu HQ Mix de melhor adaptação para os quadrinhos e o Prêmio The Will Eisner Comic Industry Awards, mais conhecido abreviadamente como Eisner Awards ou em português como Prêmios Will Eisner de melhor adaptação de outro meio. E foi encenada para o teatro em

2008, dirigida por Roberto Lage. Estreou novamente em 2022 no teatro com nova adaptação de Cairo Vasconcelos e ganhou o Prêmio Funarte de estímulo ao teatro de 2022. Chegará a Manaus em maio de 2023; foi traduzida para o francês, espanhol, inglês, italiano, alemão, holandês, grego, libanês entre outros idiomas. Foi também laureado com o prêmio Jabuti de 2001.

O livro fez tanto sucesso que o autor se diz assustado com a repercussão e alcance da obra. “Estou ficando com medo de *Dois irmãos*, porque é muito lido. Então penso: será que é de fato um livro que tem alguma qualidade? Quando se atinge um público muito grande, é de desconfiar”<sup>30</sup>. O autor, no evento Um Escritor na Biblioteca de 2011, fala da emoção que foi assistir à peça no teatro e de como foi emocionante a interação dos atores com o público e da emoção que foi acompanhar a produção da HQ que fez muito sucesso entre os mais jovens<sup>31</sup>, mas, para esta pesquisa, nos ateremos ao romance.

A obra retoma temas que já aparecem em *Relato* e personagens de origens semelhantes, o enredo traz a tônica da memória que resgata a vida entrelaçada com a história. Trata-se de uma novela que tem suas páginas carregadas de uma historicidade totalmente contextualizada de maneira, ao mesmo tempo, síncrona com a história da família e diacrônica com a história oficial do país. Uma narrativa de mitos, histórias e memórias vividas numa Amazônia tranquila e ao mesmo tempo efervescente com seus vários ciclos desenvolvimentistas. O que se discutirá na narrativa, entre outros eventos, serão as representações do espaço Amazônico, tensão entre nativos e brancos, a multiculturalidade representada pelas personagens estrangeiras e nativas que perpassam toda a narrativa e se enquadra no estilo do narrador pós-moderno na concepção de Silviano Santiago (1989), segundo a qual “o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair de si a ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador” (SANTIAGO, 1989, p. 39).

Anos após a venda da casa da família de Zana e Halim e da morte dos mais velhos, Nael resolve registrar as memórias do seu passado na casa da

---

30 Fala de Milton Hatoum no evento: Um Escritor na Biblioteca em 2011.

31 Apesar de ser uma versão em HQ, não é apropriada para crianças, pois contém cenas de sexo.

família de origem libanesa em Manaus. Para tanto, recorre às histórias que ouviu de sua mãe, de Halim, de Zana e as que ele mesmo protagonizou. Revela os desdobramentos aventureiros de Omar e Yaqub, os gêmeos que dão nome à obra, enquanto busca por sua identidade.

O narrador nasceu e foi criado na casa da família libanesa com Domingas, sua mãe e único vínculo com suas origens maternas. Fruto de um estupro a que sua mãe foi submetida por um dos gêmeos, cresceu destituído de qualquer direito familiar. Tinha a companhia do avô, ouvia suas histórias, ia a passeios com ele, mas nunca teve o direito de chamá-lo pelo título; Zana, a avó, nunca se referiu a ele como neto, não há nenhuma referência a esse assunto nas falas da matriarca e o suposto pai nunca lhe estendeu a mão para qualquer gesto de carinho ou aceitação. No fundo, a verdade sobre a paternidade de Nael só interessava a ele mesmo, nenhuma outra personagem faz sequer menção ao fato nem em pensamento. Assim, sendo um narrador-personagem, Nael não tem a real dimensão dos acontecimentos no que diz respeito a si, mas sabe tudo de todos. Conhece a história de vivê-la e de escutá-la por meio das conversas que ouvia pelos rincões da casa, do quintal e da cidade.

E, é a partir dessas conversas ouvidas e das suas vivências que conta a saga dessa família que se forma a partir do casamento de Zana e Halim. Ela, filha de um comerciante libanês que chegou ao Brasil para construir sua vida e ajudava o pai no restaurante da família e ele, um libanês que veio para o Brasil tentar a sorte como regatão; Halim frequentava o comércio do pai de Zana e um belo dia, ao vê-la, se apaixonou; se casaram e Zana insistiu para que tivessem alguém para ajudar nos afazeres da casa, Halim era contra, pois não queria mais ninguém vivendo no meio deles, Zana venceu a batalha e acolheu Domingas; tiveram três filhos mesmo que sob protestos de Halim que não os queria; primeiro nasceram os gêmeos Omar e Yaqub e, logo após, Rânia, a caçula de fato, mas não de direito, pois Omar era o mais amado e protegido da mãe; Rânia admirava os irmãos numa relação de paixão que beirava o incesto; as brigas entre os gêmeos começam desde bem pequenos e ficam cada vez mais acirradas; e o enredo todo se passa em meio a essa família e seus desafios na Manaus do início do século XX e segue até o desfecho já no meio do século, após a ditadura civil-militar se instalar no Brasil e a Zona Franca ser

instituída na Amazônia. A narrativa foi construída a partir da história de uma família muito malcomportada. “Porque famílias bem-comportadas não rendem boas histórias.”<sup>32</sup>

Longe de entrar pelas veredas da literatura comparada, mas já traçando uma linha nesse sentido, antes de Hatoum, vários outros escreveram sobre o tema dos irmãos e suas desavenças pessoais e familiares. Para construir narrativas pautadas em histórias familiares que se entrelaçam às histórias das suas nações, como por exemplo o livro *Os dois Irmãos*, de Germano Almeida (1995).

Nessa obra, Germano traz, na essência da sua narrativa, a história de Cabo Verde, dos costumes da comunidade local dentro da construção das personagens e da narrativa feita pelo juiz que julgou o caso do assassinato, mas, ao mesmo tempo, intrigado acerca de como a formação das mentalidades pode ser crucial dentro de uma comunidade. Considerado como um romance histórico, o julgamento de Andrés pelo crime de fratricídio aponta os equívocos do direito civil quando a moral está engajada na história.

Vale lembrar aqui o clássico *Esaú e Jacó* de Machado de Assis que se utiliza da dualidade e da rivalidade entre os gêmeos Pedro e Paulo para contar a história de um Brasil imbricado nas diferenças políticas que perpassaram pelas diferenças pessoais dos gêmeos que, em muito, se assemelhavam aos gêmeos bíblicos do Velho Testamento, Esaú e Jacó; Ainda não poderemos deixar de citar o clássico *El otro*, do escritor espanhol Miguel de Unamuno, que trata do tema do duplo. O tema das rivalidades entre irmãos, gêmeos ou não, na maioria das vezes se dá por disputas que envolvem o amor da mãe, o amor de uma mulher ou herança familiar. Com Omar e Yaqub, a rivalidade era fomentada por uma diferença de personalidade que se desvelou desde muito cedo e que se avolumou com a proteção da mãe a Omar e o casamento de Yaqub com a garota pela qual os dois acabaram se apaixonando.

A narrativa possui um caráter descritivo. Há uma intenção clara do narrador que se manifesta de maneira intensa na sua forma de narrar os acontecimentos e ações das personagens de cujo destino ele já é sabedor. Uma narrativa em primeira pessoa, numa situação de regalia, afinal, ele era

---

32 HATOUM, <https://www.youtube.com/watch?v=w3Wt4TSP-c0> (acessado em 02/01/2022)

mestiço e isso já lhe dava um certo privilégio. Não pertencia a nenhum dos dois lados de fato, o que nos remete a Albert Memmi (2021) quando coloca a sua posição ao escrever sobre o colonizado e o colonizador na sua condição de Tunisiano não muçulmano.

Tomarei ainda um exemplo, que provavelmente me desservirá. (Mas é assim que concebo meu papel de escritor: mesmo contra meu próprio personagem.) Este retrato do colonizado, que é, portanto, em muito, o meu, é precedido de um retrato do colonizador. Como então me permiti, diante de tamanha preocupação com a experiência vivida, traçar também o retrato do adversário? Eis uma confissão que ainda não fiz: na verdade, eu conhecia quase tão bem, e do interior, o colonizador. Explico-me: eu disse que era de nacionalidade tunisiana; como todos os outros tunisianos, era, portanto, tratado como cidadão de segunda zona, privado de direitos políticos, sem acesso à maioria das administrações, bilíngue de cultura durante muito tempo incerta etc, - em suma, reportemo-nos ao retrato do colonizado. Mas eu não era muçulmano. O que, em um país onde tantos grupos humanos eram vizinhos mas onde cada um deles era estreitamente zeloso para com sua fisionomia própria, tinha uma significação considerável. Se eu era inegavelmente um nativo, como então se dizia, tão próximo quanto possível do muçulmano em função da insuportável miséria de nossos pobres e da língua materna [...] Nossos privilégios eram tão irrisórios mas bastavam para nos dar um pequeno e vago orgulho e pra nos fazer ter a esperança de não sermos mais assimiláveis à massa dos colonizados muçulmanos que forma a base última da pirâmide (MEMMI, 2021, p. 18-19).

A posição que Nael ocupava dentro da casa e na família não lhe confere todos os direitos dos filhos legítimos de Zana e Halim, mas não lhe igualava ao exército de desvalidos filhos de indígenas escravizados, como sua mãe. Tanto que lhe coube como herança, por compaixão de Yaqub, um pedaço do terreno da casa após a venda.

Ainda sobre Omar e Yaqub, vale lembrar aqui que a intertextualidade entre os gêmeos de Hatoum e os da bíblia têm em comum o amor incondicional da mãe. Assim como Omar era amado e protegido por Zana, Jacó era o protegido de Rebeca.

Na bíblia, a mãe ensina ao irmão como enganar o pai cego para receber a benção da primogenitura. Jacó se veste com uma pele de animal cheia de pelos porque Esaú era cabeludo e Jacó era sem pelos. Rebeca sabia que o pai iria apalpar o filho antes de proferir a benção, então o instruiu. O pai, sentindo os pelos no braço do filho, o abençoou. Quando Esaú chegou, teve a péssima notícia de que a benção já havia sido proferida a seu irmão. Foram inimigos boa parte das suas vidas, mas, ao contrário dos gêmeos da bíblia, Omar e Yaqub nunca fizeram as pazes.

As memórias estavam patentes quando Nael decide escrevê-las. Algumas lembranças são suas mesmo, já outras, são histórias que Halim e Domingas lhe contaram.

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final (HATOUM, 2000, p. 23).

Nael narra a partir de dentro da casa, do conhecimento que ele tinha dos acontecimentos e das personagens, buscando no jogo de lembrar e esquecer, a linguagem mais apropriada para expressar o que tinha visto, ouvido e vivenciado por meio também das memórias da sua mãe e do patriarca Halim. Um narrador que não questiona a ordem das memórias e que confia nela (a memória) porque estava tudo muito patente na sua mente. Ele ainda vivia no quintal da casa que agora já era a Casa Rochiran, pertencente a outro dono, mas seu espaço, deixado por Yaqub como herança, ainda tinha as árvores, a cerca de madeira e o quintal cheio de lama. Porém, Nael se lembra com um certo rancor, sem muito romantismo, o que foi a sua vida naquele espaço. Não teve pena de Omar quando este apareceu no seu quintal num dia de chuva;

Ainda chovia, com trovoadas, quando Omar invadiu o meu refúgio. Aproximou-se do meu quarto devagar, um vulto. Avançou mais um pouco e estancou bem perto da velha seringueira, diminuído pela grandeza da árvore. [...] ele me encarou eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. (HATOUM, 2000, p. 197-198).

O pedido de perdão que nunca veio do gêmeo que passou a vida inteira somente preocupado com os seus prazeres; que tinha as mulheres da casa todas gravitando ao seu redor, prontas para lhe dar comida, banho e alento; agora não tinha mais a casa, nem a rede vermelha na varanda, nem Zana para lhe dar banho, nem um chinelo nos pés. Ao relatar esse momento, há um sentimento de vingança nas palavras de Nael. Nas suas memórias, a acidez da solidão, da falta de palavras dirigidas a ele com sinceridade, com o mínimo de carinho que fosse. No final, sem sua mãe, não lhe sobrou mais nada a não ser lembranças; se afastou de todos, do pai, do tio e da tia. Não queria mais estar por perto; ainda ficou por perto de sua tia Rânia, com quem havia tido uma única tarde de amor; contudo, não havia mais motivos para ficar cuidando e ajudando; a ideia fixa de salvar o caçula, de libertá-lo da cadeia não era o que Nael aprovava.

Foi nessa época que me afastei de Rânia. Eu não queria. Gostava dela, era atraído pelo contraste de uma mulher assim, tão humana e tão fora do mundo, tão etérea e tão ambiciosa ao mesmo tempo. As lembranças da noite que passamos juntos, o ardor daquele encontro ainda me davam arrepios. Mas ela se ressentiu de mim, ofendeu-se com a minha omissão, com o meu desprezo pelo irmão encarcerado (HATOUM, 2000, p. 195).

Inventariando as migalhas que sobraram da saga da família, Nael sente a invisibilidade que fora reservada a si; ele era só a pessoa que sempre esteve ali. Quando criança, estava lá para ajudar Zana e sua mãe a cuidar de Omar nas noites de bebedeira, para fazer pequenos favores a todos, inclusive vizinhos; cresceu, e continuou ali, a postos. Viu morrer Halim, sua mãe e Zana; ficava feliz em receber as sobras de roupas, de livros e de atenção dos gêmeos; e, finalmente, ao se afastar dos que restaram, se viu sozinho com suas lembranças e as de sua mãe:

No fundo, sabia o que eu remoía, o que me comia por dentro. Devia ter conhecimento do que Omar fizera com a minha mãe, de todos os agravos a nós dois. Parei de trabalhar com ela [...] Me distanciei do mundo das mercadorias, que não era o meu, nunca tinha sido (HATOUM, 2000, p. 195).

Em vários momentos ao longo da narrativa, Nael fala do seu desejo de se afastar da família e de tudo aquilo que foi o seu passado na casa; não se sentia filho de Yaqub; não nutria nenhum sentimento bom por Omar; por mais que gostasse de Rânia e a admirasse, não suportava mais sua obsessão em procurar o caçula; não respondia mais as cartas de Yaqub; jogou os projetos e livros de matemática fora; não retirava o mato dos arredores do seu quarto porque “Zelar por essa natureza significava uma submissão ao passado, a um tempo que morria dentro de mim.” (HATOUM, 2000, p. 195); os agravos cometidos contra si e contra sua mãe, que não mereceram sequer um pedido de perdão, lhe corroíam por dentro sem piedade; o que lhe sobrou foi a memória e a ela se apegou para relatar como se, colocando para fora essa história, expurgasse de si esses sentimentos e assim pudesse seguir em frente.

Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado patente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras (HATOUM, 2000, p. 183).

Nael é, no fim das contas, um representante da mestiçagem entre o estrangeiro e o nativo brasileiro; um mestiço que encontrou na revolta silenciosa a única saída possível para si, pois não tinha contato com sua parentela materna e perdeu o pouco que tinha da parentela paterna. Um representante solitário nos fundos do quintal da casa que não existe mais. Com este personagem, Hatoum traz para a sua obra a formação problemática da mestiçagem brasileira.

Assim como Nael, Domingas também experimentou a invisibilidade de sua condição de mulher enquanto construção social que é tema de análise, principalmente dos estudos culturais e dos estudos feministas. Especialmente na literatura, o assunto demonstra grande sensibilidade nessa construção de mulher pobre, marginalizada por seu gênero, etnia/raça, condição social, entre outros.

As personagens femininas das obras de Milton Hatoum, mais especificamente as indígenas ou caboclas amazonenses, vivem sob o colonialismo, silenciadas e subalternizadas dentro do processo de colonialismo que fez questão de manter determinados grupos sociais em estado de ignorância e exclusão. Spivak analisa que, se as mulheres, por sua condição de gênero, ainda são consideradas seres inferiores dentro das sociedades modernas, se ainda têm que lutar por direitos básicos como o direito de estudar e trabalhar, muito mais sofreram e sofrem as negras e indígenas nesse contexto de marginalização e submissão. Spivak ressalta ainda que:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. [...] é mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina (SPIVAK, 2010 p. 85).

Para Spivak, “se o discurso do subalterno é extinto, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero” (SPIVAK, 2010, p. 17). Se, para os homens, a colonização foi marcadamente embrutecedora, para as mulheres, foi muito pior. A exclusão das camadas mais baixas da sociedade marginalizou os sujeitos do estrato social dominado, deixando marcas indeléveis que perduram após várias gerações.

Além da condição de gênero, pela qual são historicamente subjugadas, as condições de subalternidade podem ainda ser muito mais agravadas a depender da condição social, da cor da pele, do local de nascimento, entre outros fatores da mulher. Aliás, de todos esses fatores, o local de nascimento é o determinante de vários outros. E é dentro desse contexto que nasce a figura feminina de Domingas, de *Dois Irmãos*. Mulher nascida numa terra inóspita e inadequada para as sensibilidades. Neste momento, nos ateremos à apreciação desta personagem que é, no nosso entendimento, uma das mais significativas para o aprofundamento que se quer.

Domingas vivia no povoado de Jurubaxi, braço do Rio Negro. “Ajudava as mulheres da vila a ralar mandioca e a fazer farinha, cuidava do irmão menor enquanto o pai trabalhava na roça”. Foi levada por uma irmã de caridade da missão de Santa Isabel do rio Negro a um orfanato em Manaus após o seu pai ter sido “encontrado morto num piaçabal” (HATOUM, 2000. p. 55).

As noites que ela dormiu no orfanato, as orações que tinha de decorar, e aí de quem se esquecesse de uma reza, do nome de uma santa. Uns dois anos ali, aprendendo a ler e a escrever, rezando de manhãzinha e ao anoitecer, limpando os banheiros e o refeitório, costurando e bordando para as quermesses das missões (HATOUM, 2000, p. 55-56).

Sob muitas ameaças de castigos divinos (Domingas foi ensinada a temer o deus cristão) e severa vigilância por parte das freiras, Domingas foi mantida no orfanato até que estivesse pronta para ser inserida em uma família que cuidasse dela. Passou da tutela da igreja para a tutela de Zana. Antes de ir embora, no dia em que foi levar Domingas para a casa de Zana, a irmãzinha recebeu uma doação dos mobiliários que eram do restaurante Biblos (que era do pai de Zana) e um envelope retirado do altar. Fica, neste momento, implícita a ideia da troca de favores.

Olhou para Domingas e disse: “Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha”. Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa. As duas foram até a porta e Domingas ficou sozinha, contente, livre daquela carrancuda. Se tivesse ficado no orfanato, ia passar a vida limpando privada, lavando anáguas, costurando (HATOUM, 2006, p. 57).

Como Domingas, muitas meninas viviam e envelheciam no quartinho dos fundos, sendo tratadas como escravas, sem vida própria, sem salário, sem direitos trabalhistas, só com deveres, no entanto, aprisionadas pela gratidão,

afinal, foram “salvas das garras” das freiras. Voltamos à ideia daquele tipo de escravidão que acontece muito no norte, como dizia o fotógrafo Dorner de Relato, a escravidão por gratidão ou por dívida. Uma dívida impagável que, no caso de Domingas, se agravou com a chegada de Nael, seu filho. A dupla dívida de Domingas que, espoliada, estuprada, agora mãe de um “filho do boto”<sup>33</sup>, precisa ser grata à família que a acolheu e deu um teto e comida. Para ela, a casa de Zana era melhor porque “detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. Chamavam-na de ingrata, mal-agradecida, mas ela queria distância das religiosas, nem passava pela rua do orfanato”. (HATOUM, 2000. p. 57). Para Susana de Castro,

[...] o poder não é apenas caracterizado por superioridade de força e capacidade de violência e intimidação, mas também possui um aspecto não material, marcado pela primazia de alguns em se colocarem como porta-vozes da narrativa a partir da narrativa edulcorada do colonizador, segundo a qual os portugueses trouxeram civilização e modernidade para o Novo Mundo. Visto desse ponto de vista, os colonizadores teriam sido, na verdade, condescendentes, pois vieram “salvar” da barbárie povos que viviam de modo primitivo e que não conheciam o sistema capitalista do mercado mundial – que dava seus primeiros passos (CASTRO, 2020, p. 141-142).

As religiosas viviam também das doações que recebiam para ajudar a cuidar das crianças órfãs. Outra questão subjacente ao discurso colonialista é o uso do termo: “empregada” para uma pessoa que trabalhava em troca de ter um lugar para dormir e comida. Até mesmo crianças cujos pais não têm condições de sustentá-las, são entregues para famílias para trocar trabalho infantil por casa e comida, apesar de leis que proíbem essa prática serem bastante rígidas no Brasil.

Em relação à compra e venda de pessoas no Brasil, Eduardo Galeano, em sua obra *As veias abertas da América Latina* (2015), cita episódios de vendas de brasileiros nordestinos aos fazendeiros ricos de outras regiões do país que, impedidos de comprar escravos vindos da África pela abolição da escravatura, resolveram que ficaria mais barato conseguir essa mão de obra por aqui mesmo e não investir na importação de estrangeiros. Cita ainda que os “flagelados” nordestinos, fugindo da seca, eram atraídos pela possibilidade

---

33 Uma referência à lenda do boto que, no norte, é muito conhecida. Um boto que se transforma em homem para seduzir as mulheres. Então, é utilizada para justificar os filhos que os pais não assumem.

de conseguirem uma vida melhor no Norte por conta da corrida pela borracha e para o sudeste, para trabalharem nas grandes construções civis.

Em 1888 foi abolida a escravidão no Brasil. Mas não foi abolido o latifúndio e no mesmo ano escrevia uma testemunha do Ceará: “O mercado de gado humano esteve aberto enquanto durou a fome, pois compradores nunca faltaram. Raro era o vapor que não conduzia grande número de cearenses”. Meio milhão de nordestinos emigraram para a Amazônia até o fim do século, atraídos pela ilusão da borracha. Mas o êxodo continuou, impulsionado pelas periódicas secas que assolavam o sertão e pelas sucessivas ondas de expansão dos latifúndios açucareiros na zona da mata. Em 1900, 40 mil vítimas da seca abandonaram o Ceará. Tomaram o caminho que na época era o habitual: a rota do norte para a floresta. Depois o itinerário mudou. Em nossos dias, os nordestinos emigram para o centro e para o sul do Brasil. A seca de 1970 empurrou multidões famintas para as cidades do nordeste. Saquearam trens e estabelecimentos comerciais; aos gritos, imploravam chuva a São José. Os “flagelados” tomaram conta das estradas. Um telegrama de abril de 1970 informa: “A polícia do estado de Pernambuco deteve no último domingo, no município de Belém de São Francisco, 210 camponeses que seriam vendidos a proprietários rurais do estado de Minas Gerais, a dezoito dólares por cabeça” (GALEANO, 2015, p. 121, grifo do autor).

Melhor dizendo, a tradição de comprar gente para lhes servir estava mesmo na cultura da burguesia brasileira que, acostumada à boa vida, queria manter suas riquezas e propriedades às custas do trabalho escravo ou análogo à escravidão. Quanto a Domingas, apesar de ter pensado diversas vezes em abandonar a casa e ir embora, nunca teve coragem. Tinha, muito pelo contrário, gratidão por terem-na deixado ficar na casa com o filho. A criança nasceu e foi criada junto da mãe no quartinho do fundo do quintal da casa; no entanto, só podia se sentar à mesa em algumas ocasiões, nem sequer chamar os avós pelo título. Foi criado como o filho da empregada e nada mais. Essa é uma realidade amazonense das cunhantãs<sup>34</sup> órfãs, que eram encontradas na mata após a dizimação das suas tribos pelos colonizadores e eram levadas para as instituições da igreja católica, que mantinha conventos, mosteiros e seminários cuidados pelas irmãs de caridades das mais diversas ordens, desde o início da colonização no século XVI. Essas crianças, “que um dia seriam levadas para o orfanato que Domingas odiava” (HATOUM, 2000, p. 60), eram

---

34 Palavra empregada com frequência para se referir às indígenas nas obras de Milton Hatoum, o termo cunhantã, segundo o dicionário Michaelis, é um substantivo feminino utilizado na região norte do Brasil para se referir à criança ou adolescente do sexo feminino e pode variar para cunhã ou cunhantain que significa menina ou garota. Sua etimologia vem do tupi *Kuñata-ín*, já no dicionário Aurélio só encontramos o termo cunhã com a acepção: mulher, utilizado no Brasil, Amazônia.

alfabetizadas, catequizadas e treinadas nas tarefas domésticas e na obediência cega para servirem.

A adoção de crianças para escravizar em trabalhos domésticos, entre outros, é uma prática que veio para o Brasil desde Portugal. Há registros de que muitas crianças órfãs foram trazidas nas embarcações e eram colocadas para fazer trabalhos de grumetes nas embarcações. Muitas morriam na travessia por maus tratos, abusos sexuais e por doenças. Não existia nenhuma lei que amparasse crianças órfãs. A legislação brasileira que trata de adoção de crianças e do trabalho infantil é bem jovem. O Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado em 1990, antes disso, apesar da Constituição Federal, não havia amparo legal que protegesse as crianças dessa prática. Em relação à criança indígena, a situação era ainda mais precária. Um capítulo da Constituição Federal de 1988 foi dedicado a tratar somente da adoção de criança indígena com o fito de resguardar as crianças, especialmente as indígenas, da exploração do trabalho infantil, prática muito comum no Brasil. As famílias “adotavam” crianças para utilizar na exploração, mascarando suas reais intenções de explorar.

Pela complexidade e abrangência do histórico do tema tanto de adoção de criança indígena quanto da exploração das crianças adotadas pelas vias legais, ou pelas vias ilegais, no Brasil, não nos ateremos a este tema enquanto prática legal. Apenas passaremos por ele para entendermos a situação da personagem Domingas dentro da obra no que diz respeito à situação do Brasil e em especial da região norte no que tange a este tema, pois uma menção a este fato se faz necessária dentro da lógica capitalista colonial a que este estudo se propõe. No mais, para nos aprofundarmos neste tema, seria necessário um capítulo à parte só para esclarecê-lo. Nos absteremos, então, desta análise. Basta, para fins deste estudo, enfatizar que o problema do subdesenvolvimento na literatura, abordado por Antônio Cândido, faz menção justamente às questões que são caras aos estudos pós-coloniais, pois o conceito de terceiro mundo e de subdesenvolvido é termo que entrou nas Américas via colonização.

A mãe de Nael foi ensinada que deveria servir e obedecer e que suas individualidades e sonhos não teriam direito à existência. Assim, o que restava a Domingas era a submissão passiva em troca de um lugar para morar e de

comida para si e, mais tarde, para seu filho. Órfã, sem pertencer a nenhuma comunidade, pois os seus iguais haviam todos sido mortos, lhe restou essa condição de vida à qual se entregou de maneira abnegada.

Nael analisava a sua situação e a de sua mãe dentro daquele contexto familiar e, por muitas vezes, tentava se desvencilhar das investidas de Zana e das vizinhas que insistiam em que ele deveria fazer todas as tarefas que lhe eram impostas como obrigações. Ainda pequeno, se sensibilizava com a condição da sua mãe. Fazia várias tarefas da casa com o intuito de poupá-la, pois se ele não fizesse, seria ela quem faria.

Quando não estava na escola, trabalhava em casa, ajudava na faxina, limpava o quintal, ensacava as folhas secas e consertava a cerca dos fundos. Saía a qualquer hora para fazer compras, tentava poupar minha mãe, que também não parava um minuto. Era um corre-corre sem fim. Zana inventava mil tarefas por dia, não podia ver um cisco, um inseto nas paredes, no assoalho, nos móveis (HATOUM, 2000, p. 60-61).

Nael aproveitava as saídas obrigatórias em que ia fazer compras, levar recados, entre outras, para perambular pela cidade e conhecer lugares e pessoas. Para suportar a vida que ele e a mãe levavam, satisfazia sua curiosidade e a de Zana em relação à vida dos vizinhos observando-os e contando “com riqueza de detalhes” e “sem pressa” o que via e ouvia. Ademais, os passeios eram um bálsamo de arrefecimento à dura realidade.

Comprava miúdos para Zana, e o cheiro forte, os milhares de moscas, tudo aquilo me enfastiava, e eu me afastava da margem e caminhava até a ilha de São Vicente. Mirava o rio. A imensidão escura e levemente ondulada me aliviava, me devolvia por um momento a liberdade tolhida. Eu respirava só de olhar para o rio. E era muito, era quase tudo nas tardes de folga. Às vezes Halim me dava uns trocados e eu fazia uma festa. Entrava num cinema, ouvia a gritaria da plateia, ficava zozinho de ver tantas cenas movimentadas, tanta luz na escuridão. Depois eu cochilava e dormia, uma, duas sessões, e despertava com o lanterninha chacoalhando meu ombro. Era o fim. O fim de todas as sessões, o fim do meu domingo (HATOUM, 2000, p. 60).

Domingas teve seus sonhos, suas aspirações e seus anseios enterrados junto com seu pai, de quem ela cultivava muita saudade. E, ainda no orfanato, quando pensava em fugir, em meio ao caos que era viver ali, criou mecanismos de arrefecimento e um refrigério para sua alma enlutada.

Domingas fechava os olhos e fingia dormir, e se lembrava do pai e do irmão. Chorava quando se lembrava do pai, dos bichinhos de madeira que fazia para ela, das cantigas que cantava para os filhos. E chorava de raiva. Nunca mais ia ver o irmão, nunca pôde voltar para Jurubaxi. As freiras não

deixavam, ninguém podia sair do orfanato. As irmãs vigiavam o tempo todo (HATOUM, 2006, p. 56).

A situação de Nael na casa era análoga à dos nascidos sob regime da Lei do Ventre Livre<sup>35</sup>, pois ele podia “até se sentar à mesa” com a família de vez em quando e podia comer a comida deles. No entanto, não lhe era reservado nenhum tratamento diferente mesmo sendo neto dos donos da casa. Muito pelo contrário, o assunto da paternidade de Nael não era sequer mencionado, como se houvesse um segredo entre a mãe, o pai e os avós da criança. “Talvez por um acordo, um pacto qualquer com Zana, ou Halim, ela estivesse obrigada a se calar sobre qual dos dois era seu pai” (HATOUM, 2000, p. 59).

As teorias pós-coloniais ajudam na compreensão do que foi o processo de subalternização dos povos originários com a construção de estereótipos que utilizavam raça/etnia, cor da pele, gênero e condição social para classificar os habitantes dos territórios colonizados. No entanto, o pensamento descolonial é uma alternativa proposta para seguir numa outra vertente onde a libertação perpassa pelos indivíduos e pela coletividade para sair da condição de subjugação.

No único passeio que Domingas fez com Nael para fora de Manaus, quando chega à vilinha à margem do Acajatuba, sua feição se tornou sombria, como se tivesse “medo de ficar ali para sempre, sôfrega, enredada em suas lembranças” (HATOUM, 2000, p. 57). Para Nael, sua mãe estava resignada à sua submissão, apesar de ter consciência do estado de escravidão em que vivia e sentia muita tristeza por ter perdido seu pai tão cedo.

Segundo Aníbal Quijano, a mentalidade colonialista se desenvolveu e se incorporou nas mentalidades com o propósito deliberado de manter as raças consideradas inferiores sob o jugo da colonização. Para ele, “A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos” (QUIJANO, 2005, p. 120).

---

35 Lei promulgada em 28 de setembro de 1871, com texto assinado pela princesa Isabel, ficou conhecida como Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco. No seu artigo 1º, determina que: “Os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei, serão considerados de condição livre.” A criança deveria ficar sob os cuidados da mãe até os oito anos de idade. Depois deste tempo, deveria ser entregue ao Estado ou prestar serviços (pagos) até os vinte e um anos.

Nessa mesma linha de raciocínio, Aimé Césaire, em seu livro *Discurso sobre o colonialismo* (2010), argumentou que os colonizadores achavam que os negros não tinham capacidade de gerenciar eles mesmos, suas vidas, portanto, precisavam ser tutelados. E essa máxima vale para o pensamento colonizador em referência a todos os povos estigmatizados que não teriam necessidade de pagamento pelos seus trabalhos e que deveriam, portanto, trabalhar para gerar riquezas para seus amos.

A lógica colonizadora capitalista escolhe a quem subjugar por seu juízo de valor. Domingas foi submetida à lógica colonizadora capitalista e, por ser apenas uma a mais, não havia muito o que questionar. Igual a ela, havia muitas outras que também eram “alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca ou do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade” (HATOUM, 2006, p. 50).

A colonização trouxe consigo a ideia de superioridade europeia que separa a humanidade entre superiores e inferiores segundo os critérios de raça/etnia. Critérios esses que, obviamente, favoreciam o homem branco, europeu, possuidor de bens econômicos. Dentro dessa lógica, os inferiores deveriam ser escravizados. Para Domingas, a sua inserção na família foi um livramento de um sofrimento maior, que seria ficar no orfanato com as freiras, o que, de certa forma, foi um alívio. Ela ficou no orfanato por dois anos, tempo suficiente para saber que ali não ia dar para viver. Chegou a pensar em fugir, mas as promessas de castigos divinos a fizeram desistir da fuga. No trecho abaixo vemos o quanto ela queria se livrar do orfanato.

Detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. A visão do orfanato a oprimia. As palmadas que levou da Damasceno! Não escolhia hora nem lugar para tacar a palmatória. Estava educando as índias, dizia. Na casa de Zana o trabalho era parecido mas tinha mais liberdade. Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela (HATOUM, 2006, p. 57).

Longe de qualquer perspectiva de uma vida diferente, Domingas viveu, como ela mesma dizia: “Louca para ser livre.” Mas, para Nael, eram:

‘Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras’. Ela ficou na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar (HATOUM, 2006. p. 50).

Nael demonstra muita sensibilidade pela situação da sua mãe, ao mesmo tempo em que conta como ela vivia na casa e de como ele queria ir embora nos momentos de raiva em que pensava em fugir, acabava voltando atrás por entender que, para sua mãe, era bem difícil deixar a única vida que conhecia. Entendia que sua mãe estava presa aos sentimentos nutridos, especialmente por Yaqub; que precisava ficar também para não causar mais sofrimento a sua mãe. Entendia que sua ausência poderia causar mais sofrimento e que o calar da mãe guardava a dor pela perda do pai, do irmão e de qualquer outra referência com laços familiares.

Para Walter Benjamin (1987), o narrador tem sempre uma dimensão utilitária. Pode dar conselhos, falar sobre qualquer assunto que seja de utilidade para outros. A utilidade pode consistir em qualquer coisa prática da vida, sendo assim, os narradores de Milton Hatoum são receptáculos memorialísticos que revisam a história do Amazonas ao recolher as suas próprias histórias. São vozes que se erguem em denúncia da necessidade de lembrar daquele pedaço da nação brasileira e da sua gente. Narram fatos que sucederam numa terra de sonhos, de buscas por memória das ruínas e não apenas constatações meditativas. São narradores com uma boa dose de consciência de pertencimento e de empatia com os povos subalternizados, colonizados e silenciados. Pode-se perceber essa vertente nos vários momentos em que a narrativa toma forma de reflexões acerca dos marginalizados das obras.

#### 4.3 CINZAS DO NORTE: O TRABALHO DA IMAGINAÇÃO

*Cinzas do Norte* (2005), terceiro romance de Milton Hatoum, laureado em 2006 com o prêmio Portugal Telecom de Literatura, Prêmio Jabuti de melhor romance e Grande Prêmio da Crítica APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), além do Prêmio Livro do Ano da CBL (Câmara Brasileira do Livro), Prêmio Bravo! Recebeu a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura em 2008; e a tradução inglesa foi indicada para o Prêmio IMPAC-Dublin (*Duais Liteartha Idirnáisiúnta Bhaile Átha Chliath*) em 2010 com o título

(*Ashes of the Amazon*, Bloomsbury, 2008), premiação anual de novela escrita ou traduzida para o inglês.

Esta seção traz a narrativa de Raimundo, o filho único e colérico de Trajano, que frustra os planos do pai em se tornar o herdeiro da fortuna da família Mattoso. E, coube a Lavo (Olavo), amigo e contemporâneo do protagonista, a missão dos registros. Lavo tem a ajuda das cartas que seu tio Ranulfo escreveu para Raimundo. “Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude” (HATOUM, 2005. pp. 9-10). E, tomado por essa força do fogo da memória, Lavo decide juntar a elas (as memórias) as cartas, os rascunhos, as anotações, os esboços da vida a que seu amigo se “lançou sem medo, como se quisesse se rasgar por dentro” (HATOUM, 2005, p. 10); recorre também às memórias de outras testemunhas como sua tia Ramira, seu tio Ranulfo, Alícia, Jano, Naiá e do amigo de Mundo, Arana, para complementar as lacunas que, porventura, tenham insistido em permanecer.

Uma narrativa que se inicia em Manaus e na Vila Amazônia, interior do estado do Amazonas, se estende ao Rio de Janeiro como local de férias de Mundo e Alícia, sua mãe; atravessa o Atlântico e chega à Alemanha, França, Espanha e Inglaterra; e, finalmente, regressa ao Rio de Janeiro. *Cinzas* é uma viagem ao centro das paixões, dos conflitos e da angústia humana que traz, na tônica da narrativa, um pouco da história dessa região do Brasil, dessa cidade que é praticamente o estado que representa. Uma capital encravada no meio da floresta amazônica, cercada pelos rios Negro e Solimões que confluem, formando o rio Amazonas. Terra de encontros e desencontros, lugar de desembarque de imigrantes de todos os quadrantes do globo. Alguns chegam para ficar, “fazer fortuna”, como foi o caso do pai de Trajano Mattoso, que chegou ao Amazonas vindo do outro lado do Atlântico, da metrópole, trazendo consigo o desejo de ficar rico e de civilizar a gente da Vila Amazônia. “A vida do meu pai está arquivada aqui. Ele veio de Portugal sem um tostão no bolso. Só coragem e vontade de ser alguém” (HATOUM, 2005. p. 35).

*Cinzas* trata de uma narrativa com profundas ligações com a história do Brasil dos anos iniciais da ditadura civil-militar, a implantação da Zona Franca de Manaus e a criação do bairro Cidade Nova. Trata, ainda, com profundidade os conflitos inerentes às relações entre cultura e progresso, entre visões

libertárias e conservadoras da rigidez dos anos de chumbo da ditadura; Manaus seguia, como todo o planeta, em efervescência pelas grandes transformações geradas pelas artes, pelos avanços na medicina, nas ciências com descoberta da pílula anticoncepcional; na corrida espacial rumo à Lua; nas revoluções da China e de Cuba; enfim, foram décadas de muitos conflitos e o mundo estava em uma ebulição que se refletia também nas pessoas, principalmente nos jovens que, como Mundo, tinham sede de liberdade.

Todo esse contexto histórico mundial se encontrou com uma Amazônia que lutava entre a queda do preço da borracha e a criação da Zona Franca de Manaus numa tentativa do governo brasileiro de levar empresários a investirem na região a fim de recompor as divisas perdidas e, assim, amenizar as perdas econômicas. Os produtores de látex buscavam introduzir outros meios de recuperação econômica, diversificando suas culturas. Certa ocasião, o diretor do Colégio Militar, Albino Palha, em conversa com Jano, lhe aconselha a mudar de ramo, pois a juta e a malva tinham sofrido uma queda de preço muito grande. A solução seria investir em outros negócios, diversificar os investimentos.

Jano não se conformava com a queda brusca demais do preço da juta e da malva. Plaha havia sugerido ao amigo que mudasse de ramo: devia construir casas e edifícios, exportar minérios ou madeira nobre, ou então participar de uma sociedade com alguma indústria eletrônica da Ásia, muita gente do sul está fazendo isso em Manaus (HATOUM, 2005, p. 187).

Abaixo, segue uma das tantas passagens que descrevem a crise econômica que assolava o comércio no Norte. A *Belle Époque* já não mais existia. Os dias de glória e glamour de Manaus, embebidos no leite da seringueira, estavam rareando.

Uns anos antes da morte do meu pai as pessoas só falavam em crescimento. Manaus, a exportação de borracha, o emprego, o comércio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. [...] Nos bares e restaurantes as notícias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: Se não plantarmos sementes de seringueira, vamos desaparecer (HATOUM, 2008, p. 33).

Os conflitos entre Mundo e Jano se iniciam desde os tempos de bem menino em que Mundo saía para brincar com os curumins na chuva e se intensificaram na época do colégio quando o menino fugia das aulas para encontrar seu amigo Arana, uma espécie de professor de artes de quem seu

pai não aprovava a amizade. Ao mesmo tempo que a arte aproximava Mundo e Arana, ela o distanciava do seu pai.

A escolha dos nomes de pai e filho parece ter sido feita sob medida para o par pai/filho dentro da trama. Trajano ou Jano, cujo nome remete ao deus da mitologia romana *Janus* ou *Ianus*, é representado por uma cabeça com duas faces viradas para direções opostas que representam a dualidade entre passado e futuro, a mudança e a continuidade, o início e o fim, o passado e o futuro, ou seja, o dualismo existente em todas as coisas. E Mundo, que significa a totalidade ou pureza de todas as coisas. Assim, os conflitos entre pai e filho se iniciam na infância e permanecem até a morte do pai, cuja presença era, para Mundo, uma ameaça constante. O jovem viveu toda a sua vida em função de desafiar este pai.

O pai de Jano fez fortuna, construiu casas, comprou a Vila Amazônia e lá, no alto da montanha, construiu um palacete com piscina e decoração portuguesa; encheu Alícia de joias quando a moça engravidou de Raimundo. Fez questão de fazer um casamento com todo o luxo que o dinheiro podia pagar. Jano administrou a herança deixada pelo pai e queria transmitir tudo ao filho. No entanto, Mundo resistia veementemente e renegava o dinheiro do pai, não abria mão de ser artista, quanto mais o pai o obrigava a ir à escola, mais ele resistia; em meio às brigas entre pai e filho, Alícia se encontrava numa posição de mediadora, sempre pendendo para o lado do filho que ela defendia com todas as suas forças e artimanhas.

Mundo teve que deixar o Colégio Pedro II após afrontar um grupo de alunos e bedéis com uns desenhos caricaturizados e se recusar a pedir desculpas. Mundo havia desenhado, em forma de caricatura, os colegas de turma e os meninos não deixaram a ofensa barata. Armaram uma vingança que o fez não querer voltar à escola nunca mais. Jano tinha vergonha das reações do filho diante dos problemas que surgiam na escola, reclamava que o filho sempre procurava a mãe para resolver seus problemas.

Sei por que ele quis sair do Pedro II. Tirava notas boas, mas a disciplina atrapalhava a mania dele. Queria passar o tempo todo desenhando. É um vício, uma doença... o grandalhão fez aquela brincadeira com meu filho, não é? Em vez de reagir, de brigar, tomou banho no lago e ficou sentado que nem um leso (HATOUM, 2005, p. 32-33).

Foi estudar no colégio Brasileiro, onde a disciplina era menos rígida e podia se dedicar a sua arte. “[...] onde podia desenhar à vontade, acordar tarde, entrar na aula no meio da manhã e cabular sem ser caceteado”. (HATOUM, 2005. p. 19) para desespero de Jano, que achava que o filho precisava de disciplina, de um colégio que o fizesse ser mais firme. O pai apoiava o regime e, em sua concepção, Mundo deixaria o sonho de ser artista de lado se tivesse a disciplina exigida para o serviço militar. “Treinamento militar”, disse Jano, saudando um oficial. “Falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados” (HATOUM, 2005. p. 34).

No entanto, Jano, insatisfeito com a “mania de desenhar” do filho, fez verdadeira campanha para que este fosse para o colégio militar. Convidou até um amigo para ir a sua casa e tentar convencer o menino. Alícia queria que o filho fosse para o colégio interno no Rio de Janeiro, o pai foi contra; queria o filho por perto para ser vigiado; tanto fez o pai que Mundo se rendeu aos seus apelos e aceitou entrar para o colégio; aproveitou a estada para se afastar do controle paterno. Ficava semanas sem ir em casa; Jano, empolgado e feliz com a ideia de que Mundo tomaria jeito com a disciplina do coronel Zanda, não se preocupou mais com o que o filho estivesse fazendo; aparentemente, por um tempo, pareceu integrado àquela nova realidade; entrou no regime do colégio militar e se dobrou aos apelos da disciplina, participando dos treinamentos na selva, se sujeitando aos caprichos dos instrutores/professores, tais como acampar na selva e fazer parte dos treinamentos de táticas de guerrilha; mais tarde, se soube que, estrategicamente, mentia no colégio para faltar às aulas; Jano descobriu tudo e muito mais quando Mundo colocou em prática um plano arquitetado com minúcias e auxiliado por Ranulfo como um ato supremo de revolta contra seu pai e o coronel Zanda que, na época, era prefeito de Manaus.

A obra do meu amigo, no Novo Eldorado, também terminara em cinzas. Na foto do jornal, o tronco e os galhos secos de uma única árvore, cheios de trapos pretos, e uma fileira de cruces de madeira fincadas nas ruas sem calçada. O título e o subtítulo da reportagem sem dúvida haviam escandalizado o pai: “Campo de cruces — Filho de magnata inaugura ‘obra de arte’ macabra”. A matéria, em sua maior parte um resumo elogioso da biografia de Jano, ironizava a pretensão de Mundo: “um filho rebelde, estudante fracassado e dândi fardado que queria fazer arte contemporânea num bairro de gente

pobre, onde quase todos são analfabetos”. Numa das fotos, ele estava entre um homem e uma mulher, os pais do Cará, o amigo morto de Mundo; no fundo, a floresta (HATOUM, 2005, p. 120).

Num ato de profunda rebeldia contra a ditadura dupla, do exército e do pai, Mundo decidiu fazer uma obra de arte denunciando as condições em que vivia parte da população que fora alijada pelo poder central em Manaus. O arquiteto Hatoum, com habilidade, representa o bairro criado pelo governo militar com o intuito de afastar os mais pobres para longe do centro da cidade. Mesmo sabendo que não mudaria em nada a realidade daquelas pessoas, tirou o melhor proveito da situação, já que o plano era afrontar tanto o coronel quanto seu pai; empreitada que foi realizada com tanto sucesso que seu pai, num ato de vingança, queimou todos os livros do filho e de Arana e todas as obras de arte que estavam no quarto de Mundo.

Durante toda a sua vida, Mundo nunca teve de se preocupar com de onde vinha o dinheiro. Por mais que seu pai lhe negasse, sua mãe sempre estava lá para o amparar, ela sempre dava um jeito de suprir mais que suas necessidades. Fosse por meio de Ranulfo ou de Arana, o menino sempre recebia ajuda da sua mãe. Talvez por isso, nas suas andanças por Manaus, parecia indiferente à pobreza que o rodeava.

Voltou a desenhar, enquanto eu bebia, olhando o rio Negro. Na calçada, crianças carregando boiões de leite e tabuleiros retornavam da feira da Panair; um menino parou perto da escada do bar e ofereceu pupunhas e cachos de sorva, Mundo jogou duas moedas no tabuleiro, deu uma risada esquisita: “Agora chega, deixa a gente beber em paz”. O menino apanhou as moedas, atravessou a Beira-Rio e desceu o barranco. [...] “Tanta natureza pra quê? Sorva e pupunha por cinquenta centavos...” disse Mundo [...]. (HATOUM, 2005, p. 144).

No episódio acima, há uma crítica à desvalorização dos alimentos coletados pelos nativos. A pupunha e a sorva, alimentos ricos em nutrientes dos quais se faz inclusive leite vegetal e que, no entanto, não tinham importância naquele cenário caótico da feira popular do Panair<sup>36</sup>. O caos urbano da metrópole está exposto na falta de saneamento básico, nos indígenas sobrevivendo nas periferias e bolsões de pobreza, edificações para os mais pobres construídas em bairros distantes do centro da cidade, a profusão de adultos e crianças nas ruas vendendo todas as espécies de

---

36 Mercado popular de Manaus.

objetos e alimentos, a prostituição infantil. E é a essas passagens que nos ateremos a partir deste ponto para demonstrar as marcas da colonização a que a população de Manaus foi submetida.

Atrás do Palácio do Governo uma mancha escura se movia lentamente nas margens do rio. Urubus, dezenas, bicavam dejetos deixados pela vazante. Um cacho de asas abriu um clarão, e no meio apareceram homens e crianças maltrapilhos. Mundo falou: “Nossa cidade...” (HATOUM, 2005. p. 143).

Enquanto andava pela cidade, Lavo e Mundo presenciavam massas de pessoas maltrapilhas, abandonadas pelo poder público após o fim dos seringais se formavam às beiras do rio Negro e dos igarapés que cortavam o centro de Manaus. Com o tempo, a prefeitura foi retirando as palafitas e expulsando esses moradores para os confins das periferias.

“Os moradores da beira rio. Foram jogados no outro lado da cidade. A área foi toda desmatada, construíram umas casas... Sobrou uma seringueira. Quer dizer, o tronco e uns galhos... a carcaça.” (HATOUM, 2005. p. 144).

O narrador não julgava as atitudes do amigo, acompanhando-o nas suas andanças por Manaus, nos passeios de canoa pelo rio ou até mesmo em relação à obra macabra que este resolveu fazer no bairro Eldorado. Mundo justifica a escolha do local para seu protesto em forma de uma obra de arte afrontadora no trecho a seguir:

Mundo contou que no internato tinha pesadelos com a paisagem calcinada: a floresta devastada ao norte de Manaus. Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo. Queriam voltar para perto do rio. Alguns haviam trazido canoas, remos, malhadeiras, arpões; a cozinha, um cubículo quente; por isso, levavam o fogareiro para a rua de terra batida e preparavam a comida ali mesmo. Ele dormira na casa da família do Cará. O sol da tarde esquentava as paredes, o quarto era um forno, pior que o dormitório do internato. Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade. Isso não justificava a escolha? (HATOUM, 2005, p. 148).

O amigo Arana tentava dissuadi-lo da ideia, mas Mundo estava certo de que a escolha tinha sido acertada.

‘Sei que esse bairro é um crime urbano’, disse Arana. “Mas é a primeira grande obra do Zanda, o ídolo do teu pai. Foi nomeado prefeito e quer mostrar serviço. Acho que deves usar a revolta para outras coisas, Mundo (HATOUM, 2005, p. 148).

Raimundo Mattoso viveu uma vida cheia de emoções contraditórias, pois ao mesmo tempo em que fazia questão de afrontar o pai, perseguia sua aprovação; foi embora de Manaus em busca de seu sonho. O menino que nunca cresceu de verdade, pois mesmo após a morte de Jano, o motivo das suas obras era a representação daquele pai que continuou vivo em suas memórias; morreu no Rio de Janeiro após ter se aventurado pela Europa; sua mãe também foi morar no Rio de Janeiro com Naiá logo após a morte de Jano como ela sempre disse que faria. Acostumada com a vida boa dos tempos da fartura da borracha e das exportações da juta, gastou tudo o que lhe sobrou da fortuna dos Mattoso nos jogos aos quais era viciada, além da bebida, sua companheira na solidão.

Sobrou a companhia de Naiá, que já no final da vida tinha que trabalhar para ajudar a sustentar o apartamento em que as duas moravam; companheira de Alícia desde que se casara com Jano, Naiá é a serviçal da casa dos Mattoso sempre presente na vida da família, foi junto para o Rio de Janeiro com o que sobrou da família após a morte de Jano, viveu com Alícia e seu filho até o final das suas vidas, foi a herdeira do único bem que sobrou, um apartamento que a patroa passou para o seu nome.

Dentre as figuras controversas da obra, destacaremos aqui algumas. Começamos pelo artista Arana, conhecedor do passado de Ranulfo, amigo de Mundo e que o narrador só conhece após um sumiço do amigo. Arana ensina técnicas de arte a Mundo, a pedido da Alícia; em determinado momento, Mundo se zanga com Arana, o que Mundo apresentou como uma ideia genial de obra artística, Arana acha uma péssima ideia e lhe nega apoio. Arana é, além disso, o artista que acaba se convertendo, nas palavras de Mundo, “virou um reles comerciante de arte” ao querer ter lucro com as suas obras; acusado de comprar artesanatos mais baratos para revender aos turistas por Mundo para quem a arte não deveria ser usada para obter lucro. Numa passagem em que Mundo fala para Lavo sobre essa transformação de Arana, contesta que Arana:

Não é mais o mesmo [...] aliás nós não somos mais os mesmos, Lavo. O ateliê dele é uma fábrica de quadros e esculturas. Arana renegou até aquela jaula queimada cheia de ossos e capim seco... [...] É um cara medroso demais. Agora ele decora gabinetes, manda presentes a oficiais e políticos... (HATOUM, 2005, p. 163-164).

Arana, ao longo da narrativa, sai de um estágio de artista experimental que trabalha com ossos, sementes e carvão, e vai se transformando em um artista preocupado em agradar turistas e políticos. Assim, o que antes era motivo para Mundo manter com ele uma amizade, passa a ser motivo de inimizade. O que atraía Mundo, além da sua afinidade com a arte, era a personalidade controversa e arredia de Arana, além do fato de sua amizade com o professor de artes ser uma forma de afrontar seu pai. Com a transformação de Arana em um capitalista, a amizade dos dois sofre um grande abalo.

A sedução do capitalismo é demonstrada na transformação gradual que o artista vai sofrendo ao longo da narrativa. Mundo, que cultua uma personalidade desprendida, passa toda a narrativa em busca de se libertar da opressão do pai e, depois da escola e da disciplina militar para exercer sua liberdade de artista em paz, se indigna em saber que o amigo sucumbiu aos apelos do dinheiro.

Já a personagem Ranulfo é exatamente o contrário de Jano. Enquanto este estava preocupado em que o filho estudasse, tivesse disciplina, fosse obediente, aquele era adepto da vida livre, sem preocupações, sem disciplina e que os estudos eram perda de tempo. Certa feita, para despistar Jano e Ramira, Ranulfo casou-se com Algisa, irmã de Alícia, e os dois foram morar em Vila Amazônia na fazenda de juta. Jano ofereceu, a pedido de Alícia, uma porcentagem nos lucros da venda da juta para que Ranulfo sossegasse. Nem isso foi suficiente.

Mana, eu não ia trocar minha liberdade por dois por cento das vendas de juta. Aliás, nem por cem por cento de toda a produção da Vila Amazônia'. [...] Mas que diabo, Ranulfo. Aguentaste cinco meses. Por que não ficaste mais? O lugar não era bom? O trabalho? Ou foi alguma mulher? (HATOUM, 2005, p. 59).

Além de ter a sua liberdade tolhida tanto pelo casamento quanto pela logística de viver na Vila Amazônia, Ranulfo não aguentava ver as atrocidades que ocorriam com os trabalhadores que entravam na várzea para cortar a juta na época da colheita.

Disse que a casa era ótima, o lugar era agradável, mas na época do corte da juta tinha acidente todo dia. Trabalhadores... Diz que cortavam a juta dentro d'água e eram mordidos por todo tipo de bicho. Chegavam na propriedade com ferimentos nos pés, nas mãos e nas pernas, e ele ainda tinha que aguentar os gritos de Algisa (HATOUM, 2005, p. 58).

A falta de intimidade com o trabalho duro fez Ranulfo desistir da Vila Amazônia, acabou fugindo e largando Algisa e a plantação. “[...] ‘e um dia ele largou ela no porão da casa e foi embora. Atravessou o rio, foi conhecer Nhamundá, Faro... andar por aí...’ ” (HATOUM, 2005, p. 58), reclamava também do tratamento que Algisa e o capataz dispensavam aos trabalhadores. “Diz que forçava os caboclos e japoneses a trabalhar dia e noite e só falava em aumentar a produção de juta” (HATOUM, 2005, pp. 58-59).

Lavo possui cartas que Ranulfo escreveu para Mundo contando como conheceu Alícia e Algisa e todo o passado das duas e da família Mattoso. Nessas cartas, seu tio narra com detalhes todo o início da saga do Mattoso e das artimanhas de Alícia para se casar com um homem rico e de como foi apaixonado por ela a vida inteira.

Cinzas é uma narrativa com dois narradores, pois Lavo transcreve as cartas de Ranulfo para complementar suas memórias, o que possibilita que vozes subalternizadas participem do universo multicultural da narrativa. A história também vai sendo descortinada paulatinamente numa tessitura que evidencia uma obra permeada de conflitos tanto internos quanto externos das personagens.

#### 4.4 ÓRFÃOS DO ELDORADO: O IMAGINÁRIO POÉTICO

Esta seção é dedicada à análise de *Órfãos do Eldorado* (2000), o drama de uma família despedaçada pela morte da mãe traz um distanciamento do pai de seu único filho e rende uma narrativa forte. Uma verdadeira analogia do que foi a história do apogeu da *Belle Époque* vivida pelo norte do Brasil, tendo Manaus como principal centro de produção e escoamento por seus portos, das produções de látex e juta principalmente.

Longe de todo o idealismo artístico de Mundo, personagem de *Cinzas*, o órfão, de *Órfãos do Eldorado*, Arminto, é um desolado esperançoso, conformado com o que a vida lhe deu como destino. Aceitou a condição de ser um filho desprezado pelo pai, aceitou a culpa de ter provocado a morte da sua

mãe no parto, aceitou ser tratado pela cunhantã que o pai contratou para cuidar dele quando pequeno e o destino de ser expulso de casa pelo pai; cultuou por toda a vida uma paixão não retribuída por Dinaura, seu amor platônico.

Mais que uma narrativa memorialística, *Órfãos do Eldorado* é a história de uma terra que foi construída no imaginário, apropriada e perdida por muitos Amandos. A busca do homem por fortuna e fama não conhece limites. E, para conseguir o que queriam, esses homens ambiciosos não pouparam esforços. Muitos se perderam nas buscas por riquezas, nem que para isso tivessem que se apossar de terras indígenas, escravizar tanto os nativos quanto outros trabalhadores recrutados em outros estados mais pobres do país. O eldorado foi, para alguns, mais que um sonho, uma promessa de fortuna.

Na saga de Arminto Cordovil, há uma busca do seu Eldorado interior personificado nos braços de Dinaura. Uma ousadia de liberdade que seria, com certeza, refutada pelo pai se tivesse vivido para presenciar a decadência do filho.

O protagonista de *Órfãos*, Arminto Cordovil, é neto de Edílio Cordovil e filho de Amando Cordovil. A trama da sua vida se passa em Manaus e arredores. Edílio chega a Manaus disposto a fazer fortuna e faz amigos e inimigos também. Seu filho, Amando, segue os passos do pai de ficar rico com a exploração e exportação da borracha, no entanto, Amando não consegue administrar a fortuna que seus antepassados fizeram, antes, desperdiça tudo com os prazeres da vida. Cresceu totalmente desprezado pelo pai, que o culpava pela morte da sua mãe e alheio aos negócios da família. Único herdeiro que descobre após a morte do pai que a fortuna já não mais existia em decorrência da má gestão. Acaba seus dias num casebre à beira da mata e do rio, enlouquecendo aos poucos, à procura do amor da sua vida.

Arminto viveu um delírio na busca do amor da cunhantã Dinaura, órfã, interna do colégio das freiras. Sua obsessão por Dinaura o leva a uma vida totalmente entregue à esperança de um dia encontrar esse amor.

A narrativa se inicia com o episódio do afogamento da índia tapuia no rio Amazonas e temos, logo no início da narrativa, uma versão na qual Florita traduz que a mulher disse que ia para a cidade encantada que ficava no fundo do rio. No entanto, quando Florita teve a oportunidade de falar o que realmente aconteceu a Arminto, ela disse que “falou torto”, ou seja, que mentiu para não

ter de explicar a um garotinho que, na verdade, se tratava de um suicídio de uma tapuia que não aguentava mais o sofrimento de ter perdido os filhos e o marido para as febres e perdido o desejo de viver. Nesse momento, a literatura traz uma realidade dos povos indígenas do Amazonas que morreram por contaminações trazidas pelo homem branco. O que parecia ser um delírio baseado na crença em uma lenda era, na verdade, a realidade sofrida da mulher indígena.

A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi da casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapias da cidade, falava e apontava o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela; a cor dos traços, sim: vermelha, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água. Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duvidava das palavras que traduzia. Ou da voz. Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça. Falava sem olhar os carregadores da rampa do mercado, os pescadores e as meninas do colégio do Carmo. Lembro que elas choraram e saíram correndo, e só muito tempo depois eu entendi por quê (HATOUM, 2008, p. 11-12).

Muito tempo depois, Florita revela a Arminto a tradução real das palavras da tapuia e aproveita para falar de si, do sofrimento que estava passando diante do desamparo em que se encontrava na velhice; após ter trabalhado desde sua mocidade para a família, acabou abandonada, doente e sem esperança, trazendo a ficção mais uma vez o tema da colonialidade, da mercantilização das pessoas, do trabalho não ou pouco remunerado, do apagamento do outro, do silenciamento da mulher e da submissão do feminino.

Não foi o que ela contou, não. [...] Traduzi torto, Arminto. Tudo mentira. [...] E eu ia contar para uma criança que a mulher queria morrer? Dizia que o marido e os filhos tinham morrido de febres, e que ela ia morrer no fundo do rio porque não queria mais sofrer na cidade. As meninas do Carmo, as indiazinhas, entenderam e saíram correndo. [...] Agora estou sentindo o que a mulher dizia (HATOUM, 2008, p. 90).

Neste trecho, que inicia a obra e que narra um dos últimos encontros de Florita e o filho de Amando, percebe-se a sensibilidade do narrador diante da historiografia dos povos originários da Amazônia que, a despeito de todas as narrativas sobre eles, tiveram seu território invadido e usurpado e que, desde o século XVI tiveram de aprender a sobreviver ao caos que sobrou de suas

línguas, costumes e cultura. Tiveram e ainda têm de sobreviver à devastação das suas terras, escravidão dos seus povos, matança em massa e doenças causadas pelo contato com os invasores.

Milton Hatoum traz, nas suas narrativas, o que Walter Benjamin compara à escrita paciente e bem-feita do romance com a pintura em laca, que precisa ser pacientemente polida e lapidada com várias camadas finas e translúcidas para ter o efeito polido e brilhante desejado. Essas camadas são a sensibilidade e o cuidado na construção da narrativa que pode ser comparada às camadas finas e límpidas da laca que, de tanto se sobreporem, dão origem à melhor versão da narrativa que vem com o coroamento das “várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas” (p. 206).

Enquanto em *Dois Irmãos* a narrativa de Domingas passa pelo olhar compreensivo, carinhoso e empático do seu filho Nael, a trajetória de Florita já é narrada por Arminto, o protagonista, onde não há mais que um olhar do filho do patrão. Talvez por isso mesmo, a narrativa contenha muito pouco da vida dessa empregada. Não havia grandes demonstrações de sentimentos por parte de Arminto. Florita, no entanto, viveu quase toda a sua vida adulta com a família e “estava acostumada ao conforto da chácara em Manaus e do palácio branco em Vila Bela” (HATOUM, 2008 p. 15), por isso, o fato de Arminto ter vendido a casa e a deixado na rua foi uma traição que ela não esperava.

Toda a existência de Florita enquanto mulher e indivíduo estava pautada na lógica da existência da família Cordovil. Cuidar de Amando, de Arminto desde recém-nascido e da casa foi a missão da sua vida. Essa personagem passa tão invisibilizada dentro da narrativa porque a estrutura social de subalternização é tão severamente legitimada que o silenciamento não é percebido. E, pela perspectiva de Arminto, Florita fazia parte dos bens que seu pai lhe havia deixado de herança, pois “[...] o dia em que Amando entrou no meu quarto com uma moça e disse: Ela vai cuidar de ti. Florita nunca mais arredou o pé de perto de mim, por isso sentia falta dela quando morava na Saturno” (HATOUM, 2008. p. 16). No entanto, o jovem tinha dúvidas quanto ao desprezo que o pai lhe reservava. “Minha maior dúvida naquela época era saber se o silêncio hostil que nos separava era culpa minha ou dele. Eu ainda era jovem, acreditava que o castigo por ter abusado de Florita era merecido; por isso deveria suportar o peso da culpa”. (HATOUM, 2008. p. 16).

Florita é a pessoa que informava Arminto de tudo o que se passava nos arredores. Tudo o que falavam dele, de Amando e de seu avô. A empregada faz parte de toda a história. Em vários trechos da obra, percebe-se que Florita nutria por Arminto mais do que carinho de uma empregada. Os dois tiveram um envolvimento amoroso que acabou sendo um dos motivos pelos quais Amando expulsou Arminto de casa. “Ela me beijou na boca, o primeiro beijo, e pediu que eu tivesse paciência. Louco pelas indiazinhas. Repeti essas palavras com o gosto do beijo de Florita” (HATOUM, 2008. p. 24).

Soube que meu pai não estava em casa porque Florita, só de camisola, me deu um abraço espremido, demorado. Senti as mãos fortes passeando nas minhas costas, abaixei a cabeça e cochichei: Os caseiros têm faro de cachorro. Olha só no que deu nossa tarde de brincadeira. [...] Ela afrouxou as mãos e me olhou com um sorriso sem culpa: Não queres mais? Foi só aquela tarde? (HATOUM, 2008, p. 25).

Apesar de todo o carinho demonstrado por Florita para Arminto, não havia espaço para ela em sua vida. Gastou toda a herança do pai com bebidas e festas. O cargueiro afundou no Amazonas e as propriedades foram vendidas. Finalmente, ele vendeu a casa onde moravam para os inimigos do seu avô que não hesitaram em colocar Florita para fora assim que ele foi embora. Haviam prometido que ficariam com ela na casa, mas não cumpriram a promessa.

Não obstante terem passado toda a vida juntos, Arminto não titubeou nem um pouco na hora de enganar Florita com a promessa de que não a abandonaria. No entanto, ela foi parar na rua, vendendo beijus para sobreviver, já doente e com os pés inchados, amargurada com o que a vida lhe reservou no final. Neste momento, Florita desabafa e finalmente fala da tristeza que a corrói por dentro.

Um dia, no tumulto de um desembarque, quando eu tentava convencer um casal inglês a passear no Macurany, ouvi um lamento em voz alta: Beiju fresquinho... Florita gritava, como se os ingleses entendessem português. Não vendeu nada. O casal inglês escolheu outro barqueiro, e eu fiquei sem gorjeta. Quando o Hilary apitou, os passageiros deram adeus e jogaram moedas nas ubás dos índios. Se eu fosse mais nova, ia embora desta terra, disse Florita. Para onde? Para outro mundo. [...] Olhei para o chão e vi os pés de Florita. Inchados, sujos de terra, as pernas também inchadas. O rosto já não escondia a velhice. Pus a mão em sua cabeça e disse que meu plano era casar com Estrela só para não perder o palácio branco. Um plano que não ia dar certo porque eu amava Dinaura. Mas eu não tinha desconfiado de Becassis e Adel. Ela pensava mesmo que eles iam me enganar?

O que eu sei é que todo mundo me enganou, disse Florita. Não aguentava mais passar o dia vendendo merenda por mixaria. Antes

ganhava um pedaço de carne com osso no matadouro, agora nem isso. Pôs as mãos nas costas, murmurou: Meu corpo está doído, Arminto (HATOUM, 2008, p. 89-90)

Este é o único momento em toda a narrativa em que Florita fala de si, dos seus sentimentos, da sua tristeza e de como se sentia em relação aos acontecimentos do passado. Após passarem a tarde juntos, embaixo da sombra do jatobá, de comerem beiju e de tomarem tarubá, Florita revelou toda a sua tristeza, contou que havia traduzido “tudo torto” as palavras da tapuia que se atirou no rio. Disse que a mulher havia falado que queria ir para o fundo do rio viver na cidade encantada, quando o que ela disse foi que o “marido e os filhos tinham morrido de febres, e que ela ia morrer no fundo do rio porque não queria mais sofrer na cidade”. (HATOUM, 2008. p. 90). Florita se sentia triste como aquela mulher.

Só agora estás contando. Por quê? Agora estou sentido o que a mulher dizia. Por isso. Saiu da água, subiu o barranco e andou até a ribanceira. Juntou no chão as flores da cuiarana e sentou no mesmo lugar da minha única noite de amor com Dinaura. Tu ainda tiveste uns dias de felicidade, ela disse, sem olhar para mim. Quem nunca teve isso merece viver? (HATOUM, 2008, p. 90-91).

Mesmo em toda a escassez em que estava vivendo, Florita ainda ajudava Arminto, ainda se preocupava com ele a ponto de deixar beijus para comer em “cada escala do *Hilary*”, na tentativa de ganhar uns trocados dos estrangeiros. E assim foi até o dia da sua morte.

Empurrava bem devagar o tabuleiro de Florita, e parou ali na beirada da rua. Fui ver o que ele queria e vi minha Flor deitada no tabuleiro. Dormindo no sol?, perguntei. O homem tirou o chapéu e disse: Acordou morta. Era um vizinho de Florita. Morreu assim de repente, que nem Amando. (HATOUM, 2008, p. 94).

O fim de Florita foi semelhante ao de Amando, de repente, legada ao esquecimento. A morte como esquecimento, desaparecimento, assim como Arminto, que também não deixara descendência. A presença da cunhantã na casa e na vida dos Cordovil coloca, na folha em branco, muitas vidas transparentes, muitas pessoas invisibilizadas, destinadas ao serviço, sem direito a alteridade, personalidade, ou de existir como indivíduo só por pertencer a uma raça ou etnia colonizada.

Apesar de a empreitada de escravizar os indígenas no geral ter falhado como categoria, isso não quer dizer que não tenha ocorrido. Os povos originários da América foram exterminados em sua maioria por não aceitarem

docilmente o jugo da escravidão, no entanto, ações de servidão e cativoiro foram uma realidade para muitos dos povos nativos amazonenses. Aníbal Quijano explica esse fenômeno em sua obra ao definir a colonialidade.

En efecto, si se observan las líneas principales de la explotación y de la dominación social a escala global, las líneas matrices del poder mundial actual, su distribución de recursos y de trabajo entre la población del mundo, es imposible no ver que la vasta mayoría de los explotados, de los dominados, de los discriminados, son exactamente los miembros de las “razas” de las “etnias” o de las “naciones” en que fueron categorizadas las poblaciones colonizadas, en el proceso de formación de ese poder mundial, desde la conquista de América en delante (QUIJANO, 2019. p. 104)<sup>37</sup>.

Personagens indígenas e mestiças permeiam toda a obra de Milton Hatoum como se fossem fantasmas. Como se, com isso, quisesse dar a conhecer os efeitos da colonização a longo prazo. Como se dissesse: “a classificação de vocês deu tão certo, que até hoje as tapuias e seus filhos mestiços sofrem os efeitos da colonização”. Pode não ter sido a intenção primeira, no entanto, o painel amazonense de humanos foi pintado mais ou menos como aquelas pinturas do caos amazônico em que se coloca na mesma pintura um rio, um boto, uma canoa com um pescador, um peixe boi, uma onça pintada, uma iara, muitas outras espécies de peixe e a floresta ao redor, ilhando tudo, protegendo e enclausurando ao mesmo tempo. Para Quijano,

A ideia de raça é, sem dúvida, o mais eficaz instrumento de dominação social inventado nos últimos quinhentos anos. Produzida nos primórdios da formação da América e do capitalismo, na transição do século XV para o século XVI, nos séculos seguintes foi imposta a toda a população do planeta como parte da dominação colonial europeia (QUIJANO, 2019, p. 349).

A biologização das diferenças dos seres humanos por meio da racialização foi um instrumento funcional de extração das riquezas dos territórios conquistados globalmente. Quijano (2019) esclarece ainda que a finalização da subordinação política das colônias não colocou termo aos outros tipos de colonialismo. Ainda se convive, nas nações que foram colônias, com uma subordinação profunda da cultura e do imaginário dos dominados. As

---

37 Com efeito, se se observam as linhas principais da exploração e da dominação social na escala global, as linhas matrizes do poder mundial atual, sua distribuição de recursos e de trabalho entre a população do mundo, é impossível não ver que a vasta maioria dos explorados, dos dominados, dos discriminados, são exatamente os membros das “raças” das “etnias” ou das “nações” em que foram categorizadas as populações colonizadas, no processo de formação desse poder mundial, desde a conquista da América em diante. (Tradução nossa).

nações da América Latina e da África são as principais vítimas da sanha colonizadora europeia que, tal como o capitalismo, se metamorfoseia, beneficiando-se com a leva de explorados direta e indiretamente.

Aunque moderado por momentos frente a las revueltas de los dominados, eso se ha cesado desde entonces. Pero ahora, durante la crisis en curso, tal concentración se realiza con nuevo ímpetu, de un modo quizás aún más violento y a escala largamente mayor, global. Los dominadores europeos “occidentales” y sus descendientes euro-americanos son todavía los principales beneficiarios junto con la parte no europea del mundo que, precisamente, no fue antes colonia europea, Japón principalmente. Y en cada caso, sobre todo sus clases dominantes. Los explotados y dominados de América Latina y el África son las principales víctimas (QUIJANO, 2019. p. 103)<sup>38</sup>.

Quijano dedica muitas páginas dos seus escritos a definir “raça” no contexto da colonização, fazendo um percurso histórico desde a gênese do termo até a atualidade. E, nesse jogo de adaptação e metamorfose encampado pelos colonizadores e pelos colonizados, há uma queda de braço intensa na qual os últimos têm pouca chance de vencer frente ao poder de dominação mental e econômico que os primeiros possuem. Não obstante, os movimentos sociais de resistência não cessam de insurgirem-se nas mais diversas formas e adentrando, inclusive as universidades, não sem muita resistência por parte dos grupos dominantes dentro destas, e se transformando em ações concretas de mudanças de paradigmas por meio de novos currículos e percursos formativos. Assim, as teorias que dão conta da luta de classes de Marx não são, para Aníbal Quijano, suficientes para explicar o que acontece na América Latina, pois as relações que se estabeleceram entre colonizador e colonizado não encontram as mesmas formas dentro deste contexto.

Daí que Hatoum, ao definir seu percurso narrativo, nos coloca sob questões muito mais que contemplativas do romance como obra aberta a múltiplas análises. Ele nos coloca diante do desafio de destrinchar um território multicultural, multifacetado e diverso em muitos aspectos tanto social quanto

---

38 Ainda que moderado por momentos frente às revoltas dos dominados, isso cessou desde então. Mas agora, durante a crise em curso, tal concentração se realiza com novo ímpetu, de um modo talvez ainda mais violento e numa escala muito maior, global. Os dominadores europeus “ocidentais” e seus descendentes euro-americanos são ainda os principais beneficiários junto com a parte não europeia do mundo que, precisamente, não foi antes colônia europeia, Japão principalmente. E em cada caso, sobretudo suas classes dominantes. Os explorados e dominados da América Latina e a África são as principais vítimas. (Tradução nossa).

cultural e politicamente implicado. Não há como lê-lo e não notar que a colonialidade está inserida nas falas, nas mais sutis situações de construção das personagens. Até mesmo no número de personagens que representam os mais variados estratos sociais.

É interessante pensar a obra literária também como fonte de informação e conhecimentos. Não é raro encontrar brasileiros que desconhecem a história da região amazônica, muitos aprovam o desmatamento para criação de gado e plantação de soja ou até mesmo para a mineração com o discurso de que as riquezas precisam ser exploradas para o desenvolvimento econômico do país. Ora, se conhecessem a biodiversidade, se soubessem da importância das áreas demarcadas para os povos originários e mais, se dessem o devido valor à composição populacional desse território, talvez tivessem mais empatia com os que sofrem com as ações depredatórias dessas atividades econômicas, fossem mais empáticos e pensassem em preservação como única forma de sobrevivência dessas populações.

## 5 OS RELATOS DO NORTE SEGUNDO OS ÓRFÃOS DE UM ELDORADO

O romancista se isola. O lugar de origem do romance é o indivíduo isolado, que não é mais capaz de se expressar dando exemplos de suas preocupações mais importantes e que como ele mesmo não recebe conselhos, não pode dá-los. (WALTER BENJAMIN)

Esta seção se dedica a fazer uma intersecção entre as obras que compõem o *corpus*, aqui no sentido de unidade singular no tempo e no espaço, e dar conta do recorte que foi escolhido para o tratamento do tema do colonialismo e da colonialidade como forma de subalternização e silenciamento dos povos colonizados. Neste momento da escrita, vem a calhar a proposição de Lucien Goldman (1967), segundo a qual não há qualquer responsabilidade da literatura com a realidade, ainda que aquela trate, muitas vezes, desta. Para Hatoum:

A literatura é uma das formas de se ver o mundo, não é um espelho do real, contudo é uma tentativa de reproduzir a realidade. Na verdade, o escritor ou a escritora, de algum modo, criam um universo ficcional e trabalham com isso para expressar suas inquietações, seus fantasmas e os conflitos humanos. No centro de tudo isso está a linguagem. Muitas vezes, o que se lê expressa o mundo interior, subjetivo, em vez de o mundo no qual vivemos. São mergulhos da intimidade, a obra da Clarice Lispector é um exemplo (HATOUM, 2021).<sup>39</sup>

E, o porquê de se buscar aqui este tratamento é o que vamos esclarecer. Não se quer aqui tratar o texto literário como documento histórico, o que se pretende é, por meio deste recorte, analisar a obra literária de Milton Hatoum como uma teia amazônica e percebê-la à luz da colonialidade buscando, ainda, discorrer acerca de como esse momento histórico trouxe para as populações nativas uma perspectiva de vida pautada no sentimento de inferioridade, de desolação e de impotência diante do colonizador que utilizou do seu poder financeiro para violentar e colocar o Outro no lugar da inferioridade, utilizando-se de critérios que nunca foram de sua escolha. As

---

<sup>39</sup> <https://www.ufsm.br/midias/arco/arco-entrevista-escritor-milton-hatoum> (ACESSADO EM 09/02/2023)

análises, a partir deste ponto, não se aterão à ordem de publicação das obras, mas aos pontos que foram selecionados para demonstrar o que se propõe em cada caso.

Propor que a literatura serve somente para entretenimento não está no escopo deste estudo. Vale ressaltar que mais que entreter, a literatura hatoumiana traz o desfraldar da memória nessas quatro obras construídas com base na vivência e formação da sociedade amazônica entrelaçando, assim, história, literatura e sociedade com criatividade, consciência social e cultural. Hatoum diz em várias entrevistas que os escritores são muito mentirosos e isso deve ser bem verdade, no entanto, não levamos aqui em conta a visão do escritor. Aliás, o escritor, nesta análise, foi pouco ou quase nada mencionado. Entendemos que aquele que escreve (parafraseando Maurice Blanchot (2011) não é mais dono da sua obra e muito menos pode regular as interpretações que se faz dela conforme proposta de Umberto Eco (2015) na sua *Obra Aberta*. Para Eagleton,

Em qualquer estudo acadêmico selecionamos os objetos e métodos de procedimento que nos parecem os mais importantes, e nossa avaliação de sua importância é governada por interesses que têm raízes profundas em nossas formas práticas de vida social. (EAGLETON, 1983, p. 227)

Assim, então propomos que a literatura hatoumiana se entrelaça nas obras entre si, na sociedade brasileira e amazônica buscando, na fundação da coletividade, o seu fazer literário. De outra forma, quando os narradores buscam a consciência das personagens, estão buscando a consciência deles mesmos. Não se pode dizer que esta seja uma interpretação inédita para as quatro obras selecionadas de Milton Hatoum, mas é mais uma interpretação que busca o que está nas linhas reservadas às personagens marginais, que não são protagonistas e também não são as personagens pelas quais as obras são conhecidas e divulgadas, mas são elas as que interessam aqui. É a empregada Anastácia Socorro, a filha menosprezada, Samara Délia de *Relato*, é o narrador mestiço Nael, é Domingas a escrava, é Antenor Laval o professor morto pela ditadura, é o alemão Dorner, é o filho Halim (como narrador) de *Dois Irmãos*, são Mundo, Ranulfo, Ramira e Naiá de *Cinzas do Norte* e Florita e Estiliano de *Órfãos do Eldorado* e os indígenas, as massas de pobres da

periferia de Manaus que aparecem nas obras e que fazem parte dos invisibilizados da modernidade capitalista.

A articulação do pós-colonialismo como uma leitura possível da obra de Milton Hatoum constrói uma ponte que conecta a Amazônia ao mundo das culturas múltiplas. Essas culturas transpassam uma escrita que questiona as narrativas onde a memória, como sua matéria-prima, monta cenários em que, ao mesmo tempo em que escreve a história da sua terra, da sua gente, expõe a colonialidade, dando explicações históricas para justificar as condições atuais deste pedaço do planeta.

Um escritor marcado pela dualidade de línguas, de culturas e de religião, representa na sua escrita que a colonialidade persiste de outras formas na Amazônia e que ainda existe com um formato transformado e que continua a existir na discriminação e exploração dos povos originários, nas mais diversas formas de silenciamento impingido às mulheres, na submissão dos mestiços, na marginalização dos pobres, na espoliação dos habitantes locais.

Ao caracterizar as personagens indígenas como Naiá, Florita, Domingas, Anastácia Socorro, por exemplo, como empregadas domésticas, responsáveis pela limpeza e organização das casas e cuidado com as crianças, a narrativa apresenta a mulher colonizada nos únicos espaços que lhe coube dentro da organização social colonialista, patriarcal e capitalista vigente. Quando Dorner, o fotógrafo, diz que há uma colonização diferente no Norte, é a esse tipo de colonização que ele está se referindo, não mais à colonização política em que um território é submetido politicamente a uma metrópole. Para Boaventura de Sousa Santos, não se deve nem sequer falar em pós-colonialismo porque não se pode ter um pós-, aquilo que nem sequer acabou um dia e que o colonialismo continua e ainda tem o capitalismo e o patriarcado como fortes aliados.

Todas as personagens indígenas mulheres têm uma história de chegada a casa bastante parecidas, todas foram morar com as famílias bem jovens; todas moravam com as famílias; salvo Domingas, nenhuma das outras teve filhos; nenhuma estudou, nenhuma teve família; todas abandonaram suas aldeias ou foram doadas; todas, sem exceção moraram com as famílias até a morte ou bem próximo da morte, exceto Naiá que sobreviveu aos patrões. Das quatro, apenas Domingas teve um filho e que ainda foi fruto de um estupro, ou

seja, não há alento para uma vida nessas condições a não ser a resignação; Domingas é a personagem deste grupo acerca da qual mais se sabe a respeito, talvez porque o narrador, por ser seu filho, teve mais proximidade e pode descrever com maiores detalhes as memórias da mãe. Naiá, a sobrevivente, foi a que menos participou da narrativa, talvez porque o narrador não tivesse muita proximidade com essa personagem. A respeito deste assunto, Aníbal Quijano (2019) diz que durante as primeiras décadas da colonização, um vasto genocídio contra os índios foi causado pelo trabalho forçado a que os colonizadores os submeteram, muito mais que pela violência da conquista ou pelas doenças que os conquistadores trouxeram. Na Amazônia, claramente a exploração do trabalho doméstico indígena não está superada.

Em termos das construções narrativas relativas aos narradores de Hatoum, se sobressaem na quantidade e na qualidade. Há uma profusão de narradores, desde a narradora sem nome e os outros auxiliares de *Relato* até Arminto de Órfãos do Eldorado. Destacamos aqui Nael, de *Dois Irmãos*, Hakim e Dorner de *Relato* e de *Cinzas* que são os que mais perto chegam do recorte que destacamos. Nael por ser um mestiço, filho de uma mulher indígena com um libanês, portanto, a busca por sua identidade perpassa toda a narrativa, vista de um local intermediário, ele estava perto, mas conseguiu ter a distância necessária para ter uma visão do todo; Nael resgata, pelas memórias de Halim e de Domingas, as partes que não viveu, mas que soube como aconteceram com riqueza de detalhes.

Da mesma forma, Dorner e Hakim estavam próximos e longe ao mesmo tempo e por isso puderam ter opiniões de destaque. Dorner protagonizou a voz do imigrante que chegou na Amazônia, se aproximou dos locais e decidiu entender a nova cultura e sua gente que, aliás, é bem diferente da cultura alemã, sua terra de origem. Se apoderou dos conhecimentos do rio e da floresta e não teve medo de se inserir, buscou ter empatia pelos *modus vivendi* da população nativa e tece vários comentários sobre isso. Para o fotógrafo, viver no Norte e não conhecer o rio e a floresta lhe era difícil de entender. Entende-se que o rio e a floresta são metáforas para o território, pois a Amazônia é bem mais que esses dois elementos. E Hakim, que foi o porta-voz

de muitas das falas de Dorner, também questionava seus irmãos e sua mãe no trato com os nativos e empregadas e ex-empregadas da casa.

Outra questão que se destaca é a dos seringueiros que foram para a cidade saindo dos seringais nos arredores de Manaus. Esses seringueiros foram para a região amazônica que compreende os vários estados que formam a Amazônia brasileira logo no primeiro ciclo da borracha, advindos de todas as partes do Brasil e do mundo, principalmente do Nordeste, pois o trabalho extensivo exigia muita mão de obra. Nas obras de Milton Hatoum, essa gente permeia as narrativas todo o tempo nas descrições do entorno da cidade de Manaus. Com o declínio da borracha, não somente Manaus, mas todas as cidades nos arredores, principalmente as capitais do Norte, ficaram cheias de seringueiros desempregados. Esses seringueiros foram para a Amazônia com a promessa do governo de busca de riquezas. Muitos nordestinos foram alistados como soldados da borracha e foram levados para os seringais para trabalhar e, ao chegarem nesses seringais, passaram a viver em sistema de barracão que era uma forma que os donos dos seringais empregavam para os manterem quase como escravos. O sistema de barracão consistia em um endividamento acima das condições de pagamento descrito por Márcio Souza como:

[...] uma história de coragem, de sorte e de sobrevivência. Por meio de seu relato, sabemos quanto era diversificada a origem da mão-de-obra recrutada para o corte da seringa: além dos brasileiros do Nordeste, jovens estrangeiros, americanos, europeus e asiáticos vinham em busca de riqueza. A sua descrição do sistema de “aviamento”, que escravizava os seringueiros, confirma as análises e denúncias de Euclides da Cunha. Em cada frase, em cada passagem, os diários registram a dureza de viver isolados, em plena selva equatorial, sob as ameaças das febres e moléstias, sem falar dos ataques dos índios e dos animais ferozes (SOUZA, 2011, p. 269).

Segundo Márcio Souza (2011), milhares de lavradores pobres, iludidos pelos contratadores, deixaram suas terras áridas pelas selvas do alto Purus, Madeira e Acre, vivendo sob o domínio do sistema de aviamento. Os lavradores eram enganados por promessas de riquezas sem fim.

E, quando esse fausto chega ao seu fim de maneira abrupta, os seringueiros voltam dos seringais para as cidades ainda endividados e, voltar para seus lugares de origem já não é mais uma opção viável. A solução para muitos foi ficar nas periferias das cidades e Manaus cresceu nesse ritmo tão

frenético e efêmero quanto a produção da borracha que foi desbancada do seu lugar na bolsa de valores pela produção de borracha asiática.

Os indígenas, que também foram escravizados pelos seringalistas, muito mais penaram. Já não tinham mais seus meios de subsistência, pois muitas aldeias foram desfeitas pelas invasões dos garimpeiros e dos seringalistas que, além de lhes tomar a terra, matarem sua gente, ainda escravizavam os sobreviventes das tribos. A tese do vazio demográfico serviu de pretexto para as invasões das terras indígenas e a destruição não somente das aldeias, mas das línguas, das culturas e das subjetividades dos povos nativos. Assim, quando as narrativas de Hatoum expõem a pobreza de Manaus, estão expondo o cenário que assolava o Amazonas no final do século XVIII e início do XIX.

Em 1870, quando a borracha começa a dar sinais de valorização, a Amazônia era quase um deserto demográfico, com suas populações tradicionais dizimadas por séculos de escravização, práticas predatórias e pela política repressiva do Império no combate à Cabanagem. [...] Além do choque cultural, do isolamento e dos perigos da selva tropical, os nordestinos trabalhavam sob regime de coerção, típico do sistema de aviamento, que só podia existir baseado no débito permanente do seringueiro (SOUZA, 2011, p. 276).

Este encontro de nordestinos, populações originárias e imigrantes estrangeiros transformou a Amazônia num mosaico cultural bastante diverso. Para Márcio Souza, as populações tradicionais se misturaram com os nordestinos, enriquecendo a cultura regional, interpretando o grande vale por meio de seu colorido folclore, da música, da culinária e literatura de cordel. Além dos judeus sefarditas-marroquinos, os sírio-libaneses, empurrados pelas correntes migratórias do final do século XIX, milhares de estrangeiros deixaram suas cidades e aldeias em busca das promessas de crescimento econômico que o látex prometia.

Para Sarmiento-Pantoja (2021), A Revolução Francesa motivou diversas diásporas, e a partir destas tiveram lugar transformações abruptas em diversos países e, conseqüentemente, em regimes políticos.

Os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade propagados pela Revolução Francesa desde 1789, indubitavelmente, motivaram várias diásporas, algumas produziram transformações abruptas e um efeito em cadeia sobre diversos países, ocasionando mudanças em seus regimes políticos. (SARMENTO-PANTOJA, 2021, p. 17).

Várias foram as motivações que fizeram com que imigrantes de todo o mundo viessem para o Brasil no século XIX e início do XX. As principais

motivações, segundo Sarmiento-Pantoja, foram os conflitos e guerras imperialistas. A fuga da família real portuguesa para o Brasil trouxe consigo, só na primeira viagem, cerca de 10 a 15 mil pessoas nos navios portugueses, provocando uma diáspora irreversível de proporções gigantescas. E ainda,

Na sequência da fixação da Corte, vieram levas de judeus de origem sefarditas oriundos principalmente do Marrocos, mas também da Península Ibérica, que se instalaram em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas também na Amazônia. A migração da Corte portuguesa, portanto, foi um episódio fulcral para as outras imigrações posteriores, que trouxeram muitos estrangeiros em busca de oportunidades de comércio, a constituição da estrutura governamental e a abertura dos portos às nações amigas. Essa última medida, de certa forma, só legalizou o contrabando intenso que existia na porção norte do Brasil, por conta das drogas do sertão, que possuía grande valor de mercado europeu. (SARMENTO-PANTOJA, 2021, p. 18).

Uma questão interessante para a qual Sarmiento-Pantoja chamou a atenção foi a mistura de imigrantes de outras nacionalidades que foi catalogada por Sérgio Buarque de Holanda em sua obra História Geral da população brasileira.

Holanda também notifica a chegada em menor número, de 'tamoeiros e caixeiros dinamarqueses; lavrador escocês; marceneiro, caixeiro, copeiro suecos; colcheiros e padeiros norte-americanos; sapateiros irlandeses e boticários italianos (...) cozinheiros e livreiros franceses; taverneiros espanhóis; relojoeiros suíços' [...] (HOLANDA, 1970, p. 11-12 *apud* SARMENTO-PANTOJA, 2021, p. 21).

No entanto, não há nos registros de Holanda nenhuma menção aos comerciantes e trabalhadores judeus, apesar de esses já serem presença marcante nos grupos de imigrantes trabalhadores no Brasil.

Outros ciclos desenvolvimentistas trouxeram outros imigrantes ao logo da história, como por exemplo os barbadianos e jamaicanos que vieram trabalhar na construção da estrada de ferro Madeira Mamoré e muitos também ficaram na região de Rondônia e Acre. Mais tarde, após os italianos e os portugueses, já em 1928, os japoneses começaram a se instalar nos municípios de Monte Alegre, Marabá, Bragança e Conceição do Araguaia no Estado do Pará. Ou seja, a colonização do século XVI não parou, a Amazônia continuou a receber imigrantes oriundos de todas as regiões do Brasil e de todos os quadrantes do globo com sonhos de riquezas sem fim.

Milton Hatoum consegue trazer para dentro das suas obras toda essa diversidade de imigrantes e outros temas que perpassam a formação cultural e a vida da região amazônica. Para quem vive na Amazônia, a sensação é de

que nunca vão parar de garimpar. Garimparam pelo Eldorado, pelo ouro em pó dos indígenas, perseguiram a fonte da eterna juventude que não deixava que os nativos envelhecessem, perseguiram a cidade encantada no fundo do rio, destruíram a Serra Pelada à procura de ouro, envenenaram e ainda envenenam os rios com mercúrio buscando ouro, perseguiram a seringueira pelo seu precioso leite. E, nessas perseguições, milhares de corpos de nativos e de trabalhadores de todas as partes do mundo, até chineses, ficaram soterrados, foram comidos por animais selvagens, foram mortos pelas febres transmitidas pelos mosquitos ou desapareceram nas violentas currutelas dos garimpos e nas balsas. Essas e muitas outras aventuras envolvem seres humanos que sonham, que sentem, que se casam e que transitam levando e trazendo línguas, culturas, religiões, culinárias, costumes e modos de ver e viver a vida e que são compartilhados formando essa diversidade tão grande que está presente nas quatro obras analisadas por este estudo.

No sem-limite do capitalismo, se garimpa pedras preciosas, florestas, rios, látex, minérios e, por que não, pessoas. Degrada-se tanto o meio ambiente como as pessoas. Assim como se polui os rios com mercúrio, se destrói cachoeiras e solo, se adocece pessoas com o peixe e a água contaminados com esse mesmo mercúrio entre outros componentes químicos utilizados na garimpagem.

Outra questão que parece cara à Hatoum e aparece em todas as suas obras são as figuras muitas vezes incompreendidas, controversas e polêmicas dos artistas e escritores. Todos os romances analisados trazem pelo menos um representante de uma dessas categorias. Em *Relato*, a narradora principal tem os traços do escritor literário, ela se utiliza de todos os meios e fontes possíveis para a época da escritura como gravações, cartas, fotografias, memórias de outras personagens e anotações que tomava a todo momento. Registrar as memórias era sua tarefa mais premente; o fotógrafo Dorner também é, em certa medida, aquele que registra os momentos, que coloca sua câmera a serviço da memória.

Levava comigo apenas um alforje com algumas roupas, um pequeno álbum com fotos, todas feitas na casa de Emilie, a esfera da infância. Não esqueci o meu caderno de diário, e, na última hora, decidi trazer o gravador, as fitas e todas as tuas cartas. Na última, ao saber que vinha a Manaus, pedias para que eu anotasse tudo o que fosse possível: 'Se algo inusitado acontecer por lá, disse que todos os

dados, como faria um bom repórter, um estudante de anatomia, ou Stubb, o dissecador de cetáceos.’ (HATOUM, 1989, p. 165, grifo do autor).

Num movimento de metanarrativa, a narradora conta ao irmão, já no último capítulo, como foi o processo de escritura do *Relato*, conta que gravou várias fitas, encheu vários cadernos de anotações e fala da dificuldade que teve em ordenar todo esse material.

Confesso que as tentativas foram inúmeras e todas exaustivas, mas ao final de cada passagem, de cada depoimento, tudo se embaralhava em desconexas constelações de episódios, rumores de todos os cantos, fatos medíocres, datas e dados em abundância. Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitava o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência [sic] de ideias (HATOUM, 1989, p. 165).

Ordenar o relato resultava em tarefa árdua, mas extremamente necessária para ela. Em *Dois Irmãos*, a personagem Laval é um professor que, clandestinamente, incita seus alunos à rebeldia contra a ditadura; acaba sendo morto pela polícia opressora. As conversas com Halim, aos moldes dos contadores antigos, precisavam ser transcritas para não caírem no esquecimento e Nael sentiu necessidade de anotar suas memórias junto com as de Halim e aos escritos de Naval.

Eu tinha começado a reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e a anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer. (HATOUM, 2000, p. 165).

Em *Cinzas*, Mundo é o artista que busca, na rebeldia contra o pai, se soltar das amarras sociais; aparentemente, Mundo não tinha motivos para revolta, já que ele nunca fez o que o pai lhe ordenava. Mas a revolta, que estava nas suas entranhas, não era somente direcionada à figura do pai, mas à nova ordem social ditatorial. Tinha também Ranulfo, o radialista leitor e colecionador de livros.

Muita gente em Manaus ainda lembrava das histórias e conversas de suas transmissões radiofônicas; quando criança, eu ficava acordado até meia-noite para escutá-las; tia Ramira fingia esconder o radinho de pilha, tendo a voz de demônio do irmão, mas ouvia tudo: o pessoal de uma chácara vizinha aumentava o volume de um aparelho poderoso. Eu tinha a impressão de que os moradores do Morro da Catita, do Jardim dos Barés, de Santo Antônio, São Jorge e da Glória se divertiam e choravam com o radialista falastrão (HATOUM, 2005, p. 27).

A vida solta de Ranulfo, sem muito compromisso com as coisas sérias, passa a impressão, na maior parte da narrativa, de alguém irresponsável. Verifica-se que o compromisso do tio Ran, na verdade, era com o ócio que ele amava defender. Mesmo em meio a toda escassez e isolamento, falta de energia elétrica e até de alimentos, Ranulfo,

armava uma rede nos troncos, pendurava uma lamparina num galho e ficava lendo durante a noite; quando não chovia, amanhecia ali mesmo, ao relento, o livro aberto no peito nu, as folhas secas cobrindo parte do corpo. Os livros de tio Ran! Vinham de muito longe, do Sul, e ficavam empilhados no quartinho dele, lá nos fundos da chácara, nossa morada.” (HATOUM, 2005, p. 24).

Ranulfo era um amante da literatura, tinha prazer em ler em voz alta para o sobrinho. Talvez por isso tivesse empatia com Mundo e seu desejo de fazer a sua arte sem maiores preocupações.

Lembro que, em plena tarde de um dia de semana, Ramira o encontrou lendo e fazendo anotações a lápis numa tira de papel de seda branco. Perguntou por que ele lia e escrevia em vez de ir atrás de trabalho. ‘Estou trabalhando, mana, [...] Trabalho com a imaginação dos outros e com a minha’ (HATOUM, 2005, p. 24).

Lavo entenderia aquela frase, bem mais tarde, como uma das definições de literatura. E Ranulfo se entregou de vez à vida boêmia quando foi demitido da rádio Rio-Mar pelos padres que dirigiam a estação por entender que seu programa se tornara insensato e obsceno demais.

Outra personagem que segue a mesma linha, mas dessa vez em *Órfãos*, é Estiliano, amante da poesia, que faz traduções e declama poemas nos bares, que gosta e coleciona livros.

Estiliano não deixava nenhum livro morrer nas estantes da sala. Quando ele se mudou para cá, trouxe de Manaus uma biblioteca que assombrou a cidade. Caminhava de manhãzinha até o porto de Santa Clara e voltava para ler. Aos sábados, recitava poemas e oferecia vinho e licor de taperebá aos poucos leitores de Vila Bela. Dizia: Quando parar de trabalhar, não quero mais saber de leis, códigos, nada disso. Só de ler. [...] Quando Estiliano terminou de ler, eu disse, quase sem voz: Isso é uma tortura (HATOUM, 2008, p. 85).

Reiteradamente, Hatoum assume, nas suas obras, a postura do intelectual comprometido com a contação de história de uma época, de uma terra e de uma gente. As narrativas trazem a importância dos intelectuais e artistas por meio dos que buscam escrever, fotografar, pintar, esculpir, traduzir, declamar, registrar e ensinar, principalmente numa terra inóspita, mesmo quando todos os cenários parecem desfavoráveis às artes, lá estão eles, se

recusando a sucumbir diante da aspereza do seu entorno. Juntando narrativas aqui e ali, Hatoum perfaz o percurso de narrar a Amazônia. Segundo Said,

[...] parece-me que um dos principais papéis do intelectual na esfera pública de hoje é funcionar como uma espécie de memória coletiva: lembrar o que foi esquecido ou ignorado, fazer conexões, contextualizar e generalizar a partir do que aparece como “verdade” definitiva nos jornais ou na televisão, o fragmento, a história isolada, e ligá-los aos processos mais amplos que podem ter produzido a situação de que estamos falando, seja a situação dos pobres, a política externa norte-americana etc. (SAID, 2003, p. 251).

Com um *corpus* tão denso, as análises aqui propostas, claro que nunca irão ser suficientemente amplas a ponto de abarcar a totalidade que essas obras suscitam e nunca foi a intenção deste estudo fazê-lo. Muito pelo contrário, a intenção é de contribuir para uma proposta ampla, mas não totalizante em termos de demarcar, com o auxílio de alguns trechos, o quanto a colonialidade está inserida no contexto da sociedade amazônica por meio da vertente escolhida por Milton Hatoum para a feitura das suas obras. Apesar de não ser cabal, o que se expõe aqui deixa claro como essas relações de colonialidade, de poder, de subalternidade, submissão e silenciamento se evidenciam na construção das obras e, portanto, incitam o leitor a refletir sobre essas temáticas que, muitas vezes, extrapolam o contexto dos romances.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se fazer um esforço para quebrar a correspondência que se estabelece entre Literatura e a imagem que se faz de um país. (MILTON HATOUM)

A escrita hatoumiana possui significados profundamente políticos e humanos com foco principal nos aspectos ligados à colonização e à colonialidade. A revisão da manutenção de estruturas e práticas sociais excludentes se faz necessária em países que, como o Brasil, passaram por processos de colonização. Os estudos coloniais procuram explicar o que foram esses processos e como eles se mantêm vivos em práticas de inferiorização, subalternização, escravização e silenciamento de grupos sociais e étnico-raciais considerados minoritários, ainda que não o sejam na prática. Dentre as temáticas sucitadas pelo *corpus* selecionado, nos ativemos aos aspectos relativos às escolhas do autor para as composições das suas personagens e narradores periféricos. Trata-se de uma produção literária carregada de subjetividades e de conflitos que marcam as vozes dos excluídos do processo de desenvolvimento social, tornando seus romances, novela, crônicas e contos extremamente densos. Assim, percebe-se, nas obras analisadas, o quanto a colonialidade se fez presente na Amazônia brasileira e ainda permanece dentro do contexto atual. Propomos, para embasar as análises, autores e autoras dos estudos literários, culturais, pós-coloniais, dos estudos subalternos e do decolonialismo exatamente por entendermos que todos estes estudos se complementam, pois todos tratam das questões do humano como ser social.

Durante todo o percurso desta pesquisa, tentei demonstrar que há indícios de que a sociedade manauara não deixou de lado as incursões colonialistas e que, portanto, a colonialidade dentro das obras de Milton Hatoum representa que este é um traço marcante dentro das relações sociais onde a maioria que integra aquela sociedade ou são nativos ou são seus descendentes. Para tanto, tentei delinear a noção de colonização, pós-colonialismo e colonialidade e mostrar que as noções de cultura perpassam vários outros setores da vida em comunidade e está presente nas obras

analisadas. A colonialidade, como explicado, é a outra face da colonização, que subsiste na forma de racismo, subalternização e silenciamento. Argumentei ainda que, nas obras de Milton Hatoum, há evidências de que a colonização não é coisa do passado longínquo do Brasil, mas que está intrínseca nas relações cotidianamente.

Para Antônio Cândido (2006, p. 13), só podemos entender uma obra integralmente se fundirmos texto e contexto numa interpretação íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Hatoum fala em diversos momentos que é preciso distanciamento espaço-temporal para se escrever sobre os acontecimentos. A distância do local e dos fatos auxilia na percepção dos acontecimentos e a memória trabalha com fluidez. E, onde a memória falha, a imaginação cumpre o papel de complementar as lacunas. A percepção do lugar envolve, além de apreensão espacial, física, a multiplicidade de significações atribuídas pela cultura e pelo indivíduo nela inserido (FONSECA, 2008, p. 127).

Dessa forma, ao chegar a essas considerações finais, deparei que a literatura e a sociedade são interdependentes, já que a literatura é uma forma de arte que representa as ideias, os valores e as crenças de uma sociedade. A literatura pode ser uma representação da realidade, e por isso ela pode tanto influenciar a sociedade quanto ser influenciada por ela. Assim, no decorrer da pesquisa, fez-se necessário que outras teorias fossem buscadas para dar conta de atingir os objetivos propostos, pois os estudos pós-coloniais abrangem muitas outras questões além da colonização espaço-temporal.

Foi necessário fazer um percurso pela vida e obras do autor para entender que a memória é artigo caro a Hatoum, pois é por meio dela que ele acessa a história e se lança ao desafio da escrita. E que a mesma memória é um movimento de resistência com objetivo claro de não deixar que elas se percam porque trazem consigo a resistência ao esquecimento. E, ao trazer essas memórias à baila, Hatoum inscreve seu lócus enunciativo como um lócus de dramas que, antes de serem sociais, são humanos.

Ao chegar ao final deste estudo, presume-se que os conceitos relacionados às teorias de base tenham ficado esclarecidos, pois se trata dos

aspectos subjetivos das relações humanas com o espaço geográfico e os sentimentos e ideias que essa relação suscita. Trata das percepções que o imaginário social cultiva nas relações entre a memória, a cultura e as experiências individuais. O espaço como lugar de construção de valores, histórias e relações e como essas relações transformam as sociedades. Dentro dessa perspectiva, o espaço nas obras de Hatoum ocupa um lugar de pertencimento tão forte e arraigado que ser Manaus o “meu útero”, para o autor, é uma metáfora ao mesmo tempo forte e reconfortante no sentido de expor o sentimento que envolve essa proposição.

Entendemos que a hipótese inicial de que há, nas obras de Milton Hatoum, uma vertente pós-colonial foi confirmada por entender que a leitura aqui realizada trouxe elementos que comprovam essa premissa. Contudo, foram encontradas outras possibilidades de análises dentro dos estudos decoloniais entre outros, pois se trata de uma obra que possibilitou as interpretações aqui colocadas. Hatoum transpassa toda a sua obra a propor uma visão recorrente da degradação do espaço e das pessoas ao mesmo tempo em que coloca a renovação que permeia o findar de cada ciclo. E que o percurso escolhido para este estudo se justifica pelo fato de que o autor, ao fazer registros, o faz em contato permanente com as memórias coletivas do espaço vivido e do espaço lembrado, levando para as narrativas questões sociais e culturais muito interessantes para o que se buscava. Percebemos também que muitas outras leituras e releituras foram realizadas sobre este mesmo *corpus* e todas elas embasadas nas mais diversas teorias e que todas se justificam dentro das propostas como ficou registrado. Assim, esta é mais uma leitura sobre a obra do autor amazonense mais premiado da atualidade.

Como já foi citado antes, estudar um autor empírico<sup>40</sup> é uma tarefa perigosa e instigante na mesma proporção. Ainda que Hatoum esteja publicando e que durante este estudo algumas de suas falas em entrevistas tenham sido utilizadas, não se teve compromisso de seguir uma análise pautada nas intenções do autor, ainda que, em alguns momentos tenha havido coincidências, residindo neste paradoxo as vantagens de se ter acesso a outras análises, mas a desvantagem de se correr o risco de ter sua tese

---

40 ECO, 2018

refutada até mesmo pelo próprio autor. Por se tratar de uma obra aberta, aqui fazendo uma referência a Umberto Eco, comporta algumas interpretações, correndo, claro, o risco de o autor negar as referências. Entendemos que o autor, portanto, não possui mais domínio sobre a obra que deixa de ser sua e passa ao domínio do público e da crítica. Ainda tendo essa percepção, que já a desvantagem principal é de o analista buscar referências inaceitáveis. Contudo, acredita-se que não seja o caso deste estudo pois, ao abordar um universo literário tão abrangente e rico, o autor abriu inúmeras possibilidades de leituras, inclusive esta que se vos apresenta.

A colonialidade se apresenta no interior das obras hatoumianas com as apropriações de corpos e de mentes do nativo que se tornou um Outro, quase que estrangeiro, no seu próprio espaço. Além de ser a memória tornada quase que uma escavação arqueológica<sup>41</sup>, onde as peças encontradas uma a uma são tratadas com a delicadeza que o arqueólogo lhes dispensa, juntando para, enfim, transformar num todo coeso. Personagens como Domingas, Naiá, Florita, Conceição Indié, Nael, o nativo Naturidade, a tapuia que se jogou no rio, o Arana e demais personagens locais são representações do humano, personificando sentimentos engajados na lida e na luta dentro de um contexto histórico-social permeado pela vivência do autor.

Outro tema recorrente é o dos estrangeiros, as famílias portuguesas e libanesas representam o lado de fora da natureza amazônica. São famílias que guardam similaridades entre si, embora cada uma possua suas demandas e conflitos individuais. Até mesmo na aparição de alguns personagens como a matriarca Emilie do *Relato* que aparece em *Dois Irmãos*, o fotógrafo Dorner que também aparece nos dois primeiros romances. Assim, a escrita hatoumiana, com as sutilezas da linguagem e o prazer literários, ao mesmo tempo em que registra as memórias de uma Amazônia rica em encantarias, com uma natureza exuberante, denuncia as mazelas da colonização e a situação na qual vivem milhares de indígenas nas periferias da metrópole ilhada. Denuncia também o poder da colonialidade diante das tradições locais de colocar em xeque as práticas milenares dos povos originários presentes na

---

41 Dissertação de mestrado de Ranyere Felipe Alvarenga de Sousa.

figura do curandeiro Naturidade que, além de pajé, era um excelente localizador de pessoas desaparecidas.

Ao longo da história da humanidade, encontramos muitos relatos de encontros entre nações que foram valiosíssimos culturalmente para ambas as partes. Mas vale aqui ressaltar que, para os povos originários da Amazônia, não houve ganho nenhum. No caso em tela, os encontros culturais podem até terem sido vantajosos para os estrangeiros, no entanto, para os nativos, o encontro foi mais que catastrófico, resultando em muitas mortes, invasão das terras, escravização, enfermidades, exploração, perdas culturais e religiosas, além dos estupros das mulheres e meninas que resultou em crianças mestiças “sem pai”, criadas como o narrador Nael, isso os casos em que tiveram a “sorte” de não serem expulsos mãe e filho para sobreviverem, entregues à sua própria sorte.

Em todas as quatro obras deste estudo sempre tem uma voz consciente da forma sutil como a colonialidade persiste no espaço-tempo. Em *Relato*, Dorner e Hakim são as vozes que questionam as ações de Emilie e seus filhos inomináveis quando estes agem como animais ao tratarem as empregadas da casa e na convivência da matriarca; o fotógrafo também questiona o fato de a pessoa viver na Amazônia e não conhecer a floresta e nem o rio; outro ponto que chama atenção é o trato com o Outro, referindo-se aos estrangeiros que se recusam a ter qualquer tipo de relação com os nativos e que quando as tem é num tom de superioridade, como aquele que manda. Em *Dois Irmãos*, este papel é centralizado na figura do próprio narrador, que questiona a colonialidade só que do lado de dentro, como quem sofre a ação da prática colonial; Nael fala do seu local de mestiço, filho de mãe indígena, escravizada, estuprada, esquecida e subordinada aos caprichos da família de Zana. Em *Cinzas*, tio Ran é a personagem que encarna essa voz observadora dos malefícios da colonização, mas Lavo é quem narra todo o entorno acompanhando o crescimento de Manaus com a expulsão dos pobres para as periferias da cidade e Mundo afronta o coronel Zanda e seu pai numa atitude de revolta contra a autoridade. E em *Órfãos*, Arminto não se aprofunda em nenhuma questão polêmica em relação à situação das outras personagens, mas narra, junto com a sua, a vida de Florita, que, na velhice foi abandonada à

própria sorte, sem ter onde morar, tendo que trabalhar na rua empurrando um carrinho e vendendo beijos para não morrer de fome.

Outra constatação é que sempre encontramos, na literatura hatoumiana, figuras que permeiam o mundo das artes, representadas por poetas, escritores, professores, pintores, artistas plásticos, fotógrafos, tradutores, ou seja, tem sempre alguém ligado à arte e aos registros, de alguma maneira. E é sempre alguém que encara a leitura e a escrita como uma parte importante de manter registros.

O tema relacionado à colonialidade que se apresentou foi o do silenciamento que perpassa o da subalternização das mulheres nas figuras de Samara Délia e Soraya Ângela de Relato e de Rânia e Domingas de Dois Irmãos; E Florita de Órfãos. Todas mulheres silenciadas não por um ou dois anos, mas por toda a vida. O silenciamento dessas personagens representa o mesmo a que foram submetidas as populações nativas em toda a Amazônia. Nos ativemos aqui a tratar da Amazônia brasileira, no entanto, como já foi mencionado na introdução deste estudo, a Amazônia não se restringe ao território brasileiro e em todas as Amazônias há povos originários que sofreram das mesmas mazelas que as populações brasileiras sofreram e sofrem. A invasão e destruição de terras indígenas, no Brasil, não é coisa de um passado distante. Ainda hoje, essas populações sofrem com invasões de garimpeiros em suas terras e toda sorte de violências advindas da ganância dos invasores internos e externos ao Brasil.

Assim, como um escritor que escreve a partir da margem, Hatoum tem a consciência da parte que lhe cabe enquanto intelectual. De tal modo que a consciência emerge nas formas de recuperação das memórias, nas escolhas vocabulares, nas construções das personagens, narradores, narradoras e até nos próprios títulos das obras. Para isso, lança mão de recursos que tratam as memórias pessoais e as tornam coletivas. Há um propositado entrelaçamento de vozes narrativas que privilegia o ponto de vista dos nativos e das mulheres que, na história oficial, foram silenciados e atirados à margem da história. As memórias externadas por meio dos diálogos, das cartas, das anotações, das fotografias, das gravações, das lembranças e dos monólogos interiores são subterfúgios utilizados para colocar as mais variadas formas de ver e viver a vida na Amazônia.

Mitos foram desconstruídos em *Órfãos*, por exemplo, quando Florita consegue, quase no final da narrativa, contar da sua angústia comparando com a da tapuia que se joga no rio como única forma visível por ela para se livrar do sofrimento de viver numa sociedade que a maltratou tanto que a morte lhe pareceu a única saída possível. A cidade encantada no fundo do rio se torna, nesse momento, uma metáfora para a busca do paraíso prometido pelos cristãos aos que morrem. Tudo lhe foi tirado, inclusive a vontade de viver.

E Nael, ao final de *Dois Irmãos*, admira o bestiário esculpido por Domingas e que guarda as lembranças da arte que passou do seu avô materno para sua mãe, ele vê, não mais miniaturas imitadas da natureza, mas como seres estranhos. Era, na visão dele, fazer aquelas miniaturas, os únicos gestos que devolviam a dignidade que ela perdia durante o dia e que agora ele seria o guardião da arte milenar da sua metade indígena que se perdeu junto com a aldeia da sua mãe. Um mestiço que, no meio de duas culturas totalmente distintas, vivenciou o lado libanês da família do pai e o lado indígena da mãe. A questão principal em relação à origem de Nael é a forma como se deu seu nascimento e a não reparação do dano em nenhum momento. Nunca houve aceitação do menino de fato pela família, nunca houve uma reparação a não ser pelo acontecimento de Yaqub ter deixado para ele um pedaço do terreno que fazia parte do quintal da casa. O mais perto de uma reparação que Nael chegou foi quando viu Omar no quintal, na chuva, olhando para o que sobrou da casa, foi ver o caçula desamparado, buscando com o olhar, o passado perdido. Já não havia mais ninguém nem nada que o pudesse amparar. Nael não sentiu pena, nem medo, nem nenhum sentimento pelo tio que nunca lhe havia estendido um gesto de parentesco.

Ou mesmo quando Dorner questiona a resistência dos imigrantes em conhecer os nativos, neste ponto, o rio e a floresta são metáforas para uma convivência hostil, uma relação de patrão-empregado em que o nativo é tratado como aquele que só serve para servir o Outro. Rio e floresta são a representação da essência do ser amazônica, não se aproximar destes dois elementos é não estar de fato integrado. Semelhante postura é questionada no momento em que Domingas prova as uvas verdes, mirradas e azedas. Era uma ramagem que estava ali para enfeitar e não para produzir fruto de

verdade. Os frutos consumidos pela família de Zana vinham do Sul ou do outro lado do Atlântico, inclusive o tabaco para o narguilé também era importado.

Uma profusão de objetos e materiais utilizados nas construções, incluindo a arquitetura, foram importados da Europa para a Amazônia. A construção do teatro e dos casarões centrais de Manaus, antes de serem uma ostentação do luxo que a produção do látex proporcionou, são o resultado de uma colonização pautada na ideia de que o que era bom era europeu desde os nomes dos estabelecimentos comerciais, que em sua maioria eram de estrangeiros, passando pelos materiais utilizados nas construções, a arquitetura das casas e igrejas, enfim, tudo o que o dinheiro pudesse pagar era mandado buscar na Europa. As lembranças dessa “Belle époque” estão nas fachadas dos principais prédios do centro da cidade, que tem o teatro Amazonas como principal cartão postal.

A literatura hatoumiana expõe a realidade e evidencia a convivência entre nativos e estrangeiros, expondo uma colonialidade que resiste na convivência entre os povos enquanto se assegura de que a persistência da vida dos nativos seja buscada à custa de um poder de resistência que os povos originários têm demonstrado desde o século XVI numa luta desigual e infinda que conta com a ajuda de governos progressistas de tempos em tempos, mas que está longe de ser resolvida. É uma literatura comprometida também com a descolonialidade à medida em que traz a potência de uma fala intelectual que questiona a violência estrutural de sujeição dos povos originários, independente das circunstâncias históricas, se ancorando na escravidão colonial para se justificar.

Eu quis destacar nesta tese que a literatura hatoumiana representa uma Amazônia cheia de contradições e que traz o lugar dos excluídos na estrutura estratificada e racializada marcada pela colonialidade que permite a exploração do Outro e que faz, de certa forma, com que as estruturas sociais funcionem e sejam naturalizadas as relações de exploração, silenciamento e subalternização. Porém, trazem também, nas escolhas narrativas, figuras como Hakim, Dorner, Nael, Mundo e Arminto, que simbolizam finais de ciclos e recomeços esperançosos onde os elementos espaço-temporais são representados como passíveis de renovação. Mesmo a morte, que inicia três das quatro obras analisadas (*Relato* inicia com a morte de *Emilie*, *Dois Irmãos*

inicia com a morte de Zana, *Cinzas* inicia com a morte de Mundo) representa início de novos ciclos para os que ficam e se aventuram a contar esses relatos sob novos olhares, renascendo das cinzas como Fênix. Enfim, a partir de um foco narrativo distanciado, os narradores e narradora conduziram as narrativas de maneira a apresentar ao leitor os mais variados temas, dos quais destacamos o espaço como condutor de relações.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

ALLENDE, Isabel. **Eva Luna**. Barcelona – Espanha: Plaza & Janés Editores, S.A, 1998.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Trad. Denise Bottman. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2008.sabT.

ASSIS, Machado. **Esau e Jacó**. Romance. Ed. Ática, 1990.

BATISTA, Djalma. **Amazônia – cultura e sociedade**. 3.ed. Manaus: Valer, 2006.

\_\_\_\_\_. **O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzatto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, (et. al). Editora: Hucitec. São Paulo, 1988.

BBC NEWS BRASIL. Reportagem: **O que se sabe sobre invasão de garimpeiros no território Yanomami**. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61328546> (acesso em 20/02/2023).

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e cultura**. Tradução. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sobre o conceito da História**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLOOM, Harold. **A anatomia da influência: literatura como modo de vida**. Trad. Ivo Korytowski, (et. al). Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2013.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura** (1990-2001) [online]. 2nd ed. Maringá: Eduem, 2012. ISBN 978-85-7628-584-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BORGES FILHO, Ozíris. BARBOSA, Sidney. **Espaço, Percepção e Literatura in Poéticas do Espaço Literário**. São Carlos, S.P.: Editora Claraluz, 2009. (p. 167-189).

\_\_\_\_\_. BARBOSA, Sidney (Orgs.). **Poéticas do Espaço Literário**. São Carlos, SP: Ed. Claraluz, 2009.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOTTOS JR., Norival. O Ritorno do Horror em Milton Hatoum. 2018. 243 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e violência simbólica**. Trad. Maria Helena Kühner. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRAGA, Jorge Manuel da Costa Santos Rodrigues, **Relato de um Certo Oriente ou o Delicado território do álter**. Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos. Universidade de Lisboa, 2007.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3 ed. São Paulo. Ed. Ática. 2000.

\_\_\_\_\_. **Tese e Antítese**. 6ª Ed. Editora: Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2017.

CANDIDO, Antônio. [et al.] **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CAHEN, Michel. BRAGA, Ruy (Orgs.) **Para além do pós(-)colonial**. 1ª. Ed. São Paulo: Alameda, 2018.

CASTRILLO-MENDES, Olga Maria, MAQUÊA, Vera. **A Amazônia no Romance de Milton Hatoum em Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade / organizadores: Marília Lima Pimentel**

Cotinguiba, Sidney da Silva Facundes, Aroldo José Abreu Pinto . – 1. ed. – Porto Velho : Temática Editora, 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luíz Fugazzola Pimenta, (et. al). Editora da UFSC. Florianópolis, 1999.

CORREIO BRASILIENSE, Reportagem: **Relatos de 30 meninas Yanomami grávidas de garimpeiros**. Postado em 01/02/2023 em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/02/5070666-relatos-de-30-meninas-yanomami-gravidas-de-garimpeiros-diz-secretario.html> (acesso em 20/02/2023).

COSTA, Joaze Bernardino. TORRES, Nelson Maldonado. GOSFOGUEL, Ramón.(Orgs). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidades.

DA CUNHA, Euclides. **Obra Completa de Euclides da Cunha**: Volume Único. Inclui “Os Sertões”, “A Nossa Vendaia”, “Canudos: Diário de uma expedição”, “Peru versus Bolívia”, “Contrastes ... (Edição Definitiva) (p. 955). Edição do Kindle.

DUSSEL, E. D. **1492: El encubrimiento del otro**, Petrópolis: Vozes, 1993.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ideia de cultura**. 2ª. ed. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2011.paz

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. **Obra Aberta**: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Trad. Giovanni Cutolo ...[ et al.]. – 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção: Perspectivas do homem. Vol. 42.1968.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURI, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto**: Espaços Ficcionalis. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2008.

FOOT HARDMAN, Francisco. **A vingança da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: UNESP, 1988.

FRANZIN, Sérgio Francisco Loss. **A TELA AMAZÔNICA DE MILTON HATOUM EM ÓRFÃOS DO ELDORADO: ANÁLISE DOS MATIZES DE DISCURSO**. Mestrado em Letras. Dissertação. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho. R.O. 2012.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco. Editora: L&mp. Porto Alegre, 2015.

GARCÍA MÁRQUEZ. Gabriel. **Cien años de soledad**. Editora Debolsillo. Bogotá, 2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOMES, Márcia Letícia. **“Como nuvens que jamais seriam chuvas”**: A história, a escrita literária e a memória da Cabanagem nas Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro de Márcio Souza. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. 2017.

GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Selected Subaltern Studies**. New York. Oxford University Press, 1988.

HATOUM, Milton. **A Cidade Ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Milton Hatoum. In: revista *Magma*. Maria da Luz Pinheiro de Cristo (Org.). **Arquitetura da Memória**: ensaios sobre os romances *Relato de um certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Editora Valer, Oficina das Artes, Manaus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª Reimp. 2000.

\_\_\_\_\_. **Relato de um certo Oriente**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **A noite da espera – O lugar mais sombrio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Pontos de Fuga - O lugar mais sombrio**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **Relato de um Certo Oriente**. Entrevista concedida em 28/01/2021. Canal Entrelinhas. UFPRTV. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KkjcfZ6KFY> (Acesso em 20/01/2022)

. **A vida Como ela é/será. Sempre um papo em casa. Com Milton Hatoum, Carlos Herculano e Afonso Borges.**

<https://www.youtube.com/watch?v=xCltopsfpc> (acessado em 11/08/2022)

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Aída Ramezá Hanania em 5/11/93. Transcrita por ARH. <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm> (acessada em 13/01/2023).

KAFKA, Franz. **O castelo**. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: tecnoprint gráfica s&a, 1966.

KURY, Gama. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. - São Paulo: FTD, 2010.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LIRA, Aldízio Francisco. **A categoria trabalho na produção literária romanesca de Milton Hatoum**: tipos de trabalho e de produção na Amazônia. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, R.O. 2022.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 5ª Ed. Editora Valer. Manaus, 2015.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**: um ensaio histórico- filosófico sob as formas da grande épica. Trad. Posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo; Ed. Duas Cidades, Ed. 34, 2009. (Coleção Espírito Crítico).

MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. **Memórias inventadas**: Um estudo comparado entre Relato de um Certo Oriente de Milton Hatoum e Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra de Mia Couto. Tese. Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. [prefácio de Jean Paul Sartre]; trad. Marcelo Jacques de Moraes. – 3ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: **Arquitetura da Memória**: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum, (org.) Maria da Luz Pinheiro de Cristo. Editora Valer, Oficina das Artes, Manaus, 2007.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 2.040, de 28 de Setembro de 1871**. Em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm) (Acesso em 10/02/2022)

QUIJANO, A. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RODRIGUES, Cecília Paiva Ximenes. **Além da ruína: articulações da esperança na narrativa de Milton Hatoum**. Fortaleza: Edições UFC, 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução, Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo, editora Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Representações do intelectual**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano (1989). **O narrador pós-moderno**. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das letras. p. 38-52.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência - para um novo senso comum, a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. Vol.1. 6ª. Ed. Editora Cortez. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Trad. Mouzar Benedito. Editora Boitempo. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Epistemologias do Sul**. XXXVI Semana Galega de Filosofia. Filosofia e Fronteira. Aula Castelão Filosofia. <https://www.youtube.com/watch?v=i7P4uuDkuK8> (Acesso em 10/01/2023)

\_\_\_\_\_. Aula Magistral 1. Pós-Colonialismo, descolonialidade e epistemologias do Sul. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. <https://www.youtube.com/watch?v=5MNXFVklHa4> ((Acesso em 10/01/2023).

Santos, Mônica Maria dos. **A Construção da Memória Feminina em Relato de um Certo Oriente De Milton Hatoum**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. R.O., 2013.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **Diásporas, Viragens, Resistências e Opressões em Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade / organizadores: Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Sidney**

da Silva Facundes, Aroldo José Abreu Pinto . – 1. ed. – Porto Velho : Temática Editora, 2021.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda.** Trad. Danielli Jatobá, Danú Gontijo. 1ª ed. Rio de Janeiro: bazar do tempo, 2021.

SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho.** Porto Velho: Terceira Margem, 2003.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas.** Manaus: Valer – Governo do Estado do Amazonas – Uninorte, 2004.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** Manaus: Valer, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neo-colonialismo.** 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida (et. al) Belo Horizonte: ed. UFMG, 2010.

GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas.** Manaus: Ed. Valer, 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** 13ª ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

VARELA, Fátima do Nascimento **MEMÓRIA POLÍTICA E MITO: A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO ESPAÇO EM ÓRFÃOS DO ELDORADO.** Departamento de Línguas Vernáculas, 2012. Dissertação – Universidade Federal de Rondônia.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding.** Trad. Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.